



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA

**REVOLUÇÃO SILENCIOSA: O NOVO ALUNO
UMA ANÁLISE DO IMPACTO DA INDISCIPLINA NO
PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em
**Ciências da Educação – Administração e
Organização Escolar**

Elizabeth Moura Panisset Caiuby

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

DEZEMBRO 2018



CATÓLICA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

REVOLUÇÃO SILENCIOSA: O NOVO ALUNO UMA ANÁLISE DO IMPACTO DA INDISCIPLINA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em
**Ciências da Educação – Administração e
Organização Escolar**

Elizabeth Moura Panisset Caiuby

Sob a Orientação do
Prof. Doutor **Carlos Alberto Vilar Estêvão**

Dedicatória

Dedico esse trabalho aos professores e alunos que fazem parte da minha história. A todos que me apoiaram e auxiliaram nessa jornada onde novos conhecimentos e novos rumos deram sentido à minha vida acadêmica.

Agradecimentos

Agradeço à Deus que me ajuda e ampara todos os dias e que me segurou pela mão em todos os tempos e principalmente nesses tempos de estudo. Aos meus pais que foram instrumento de Deus para conduzir-me até aqui, em especial minha mãe Cristina que sempre me incentivou e acreditou no meu potencial.

Ao meu marido, aliado na caminhada, sempre pronto a apoiar as minhas escolhas. Aos meus filhos que me dividiram com os livros e dividiram o que possuíam para que eu caminhasse para frente.

À professora Suely Tonial Pisteli, aquela que me mostrou para onde ir e o que fazer diante da imensidão dos estudos, orientando-me com precisão e cuidado. À professora Iolanda Bezerra, por me emprestar sua inteligência e carinho e me dar a mão nessa estrada.

Finalmente agradeço ao meu orientador Professor Doutor Carlos Estêvão, mestre nas horas fáceis e difíceis, parceiro nessa dissertação e sempre pronto a endireitar meus passos nessa caminhada.

Resumo

Os indivíduos que integram uma sociedade possuem diferenças de ideias, cultura, crenças, necessidades, formas de reagir, de se relacionar, de se comunicar dentre outras coisas. Essa diferença permeia todo e qualquer grupo de pessoas e pode trazer consigo a divergência e o conflito. No ambiente acadêmico não é diferente. Tais diferenças entre alunos, alunos e professores e entre estes e os funcionários da instituição, podem gerar oposição e indisciplina. Atitudes de indisciplina vem crescendo dentro das instituições de ensino e trazendo consequências muitas vezes ruins para o processo de ensino e aprendizagem. A definição do que é indisciplina passa por quebra de regras e as regras podem diferir de pessoa para pessoa e de épocas para épocas. Sendo assim, é importante entender como a indisciplina nasce dentro das instituições de ensino, como ela deve ser conduzida e como utilizá-la para provocar mudanças positivas na educação. O presente estudo tem como objetivo avaliar a indisciplina dentro da sala de aula, seu impacto sobre o processo de ensino e aprendizagem, causas, consequências e reações geradas em professores e alunos. Sendo assim, foi avaliado o curso de pedagogia de uma instituição particular de ensino superior do Distrito Federal. A pesquisa é exploratória e descritiva e foi dividida em três partes: pesquisa bibliográfica, coleta de dados e análise de dados. A coleta foi realizada por meio de questionário fechado desenhado parte dele pelo método de *Likert*, destinados a professores e alunos. A pesquisa buscou verificar o impacto da indisciplina na instituição estudada, suas causas, consequências, atitudes de indisciplina observadas na instituição e como combatê-la

PALAVRA-CHAVE: indisciplina; ensino superior; educação.

Abstract

Individuals who integrate a society have differences of ideas, culture, beliefs, needs, ways of reacting, of relating, of communicating among other things. This difference pervades every group of people and can bring with it divergence and conflict. In the academic environment, it is no different. Such differences between students, students and teachers, and between the latter and the institution's staff may generate opposition and indiscipline. Attitudes of indiscipline have been growing within educational institutions and have had often bad consequences for the teaching and learning process. The definition of what is indiscipline involves breaking rules and the rules may differ from person to person and from time to time. Therefore, it is important to understand how indiscipline is born within educational institutions, how it should be conducted and how to use it to bring about positive changes in education. The present study aims to evaluate the indiscipline within the classroom, its impact on the teaching and learning process, causes, consequences and reactions generated in teachers and students. Thus, the pedagogy course of a private higher education institution of the Federal District was evaluate. The research is exploratory and descriptive and was divided into three parts: bibliographic research, data collection and data analysis. The collection was done by means of a closed questionnaire drawn by him using the Likert method, for teachers and students. The research sought to verify the impact of indiscipline in the institution studied, its causes, consequences, attitudes of indiscipline observed in the institution and how combat it.

KEYWORD: indiscipline; universtity; education.

Sumário

	Introdução	10
	I PARTE – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	14
1	Educação Superior no Brasil	14
1.1	Histórico	14
2	Instituições de Ensino Superior como Organizações	19
2.1	Modelo burocrático	19
2.2	Modelo político	20
2.3	Modelo comunitário	21
3	Educação e Conflito	22
4	Instituição de ensino superior e sua função social	26
5	Indisciplina no Processo de Ensino e aprendizagem	31
5.1	Disciplina	32
5.2	Indisciplina no contexto de mudança	34
5.3	Conduzindo a indisciplina	39

II PARTE – PESQUISA EMPÍRICA	43
1 Opção Metodológica	43
2 Instrumento de Coleta de Dados	44
3 Análise e Interpretação de Dados	45
3.1 Questionário do Aluno	45
3.1.1 Identificação do aluno	45
3.1.2 Comportamentos considerados indisciplina na visão do aluno	46
3.1.3 Comportamentos frequentes percebidos pelos alunos em sala de aula	56
3.1.4 Como combater e/ou controlar a indisciplina na visão do aluno	58
3.1.5 Como os professores conduzem a indisciplina na visão do aluno	62
3.1.6 Consequências geradas pela indisciplina na opinião do aluno	63
3.1.7 Causas da indisciplina na visão do aluno	68
3.1.8 Atos de indisciplina cometidos pelo próprio aluno	72
3.2 Questionário do Professor	73
3.2.1 Identificação do professor	73

3.2.2	Comportamentos considerados indisciplina pelo professor	75
3.2.3	Comportamentos observados pelo professor na sala de aula	85
3.2.4	Ações de prevenção e/ou combate à indisciplina na visão do professor	86
3.2.5	Como o professor trata a indisciplina na sala de aula	91
3.2.6	Causas da indisciplina na visão do professor	91
3.2.7	Consequências da indisciplina na visão do professor	95
4	Conclusões	111
5	Considerações Finais	114
	Referências Bibliográficas	115
	Anexo I	118
	Anexo II	120
	Anexo III	124

Introdução

A sociedade sofre continuamente mudanças que trazem alteração nas relações entre indivíduos. A forma como a sociedade funciona é norteadas pelas regras por ela elaboradas e seguidas. Tais regras trazem impacto sobre as comunidades e porque não dizer, sobre as instituições de ensino.

Ao longo da história do processo de ensino e aprendizagem, percebe-se uma série de mudanças nas relações estabelecidas entre instituição de ensino, professores e alunos. Essas relações foram moldadas pela conjuntura do país e pela legislação vigente.

Muitas são as barreiras a serem vencidas na educação; um dos problemas sempre enfrentados pelas instituições de ensino é a indisciplina. Ao longo da história, diversas formas foram adotadas por professores para reagir à indisciplina, dentre elas castigos físicos como palmatória, ajoelhar sobre milho, chicotes, privação de alimento, castigos morais (retirar direito a intervalo de lanches ou férias, banco do castigo ou da preguiça, mesa de penitência, etc.). O professor era a autoridade máxima em sala de aula e havia uma hierarquia clara. Obediência irrestrita e submissão eram exigidos dos alunos. A educação servia ao interesse do Estado e estava voltada para os mais abastados. (Oliveira,2009; Martins 2002, Salvi, 2017)

Conforme a sociedade mudava, igualmente o processo de ensino e aprendizagem passava por reformas, bem como o posicionamento do professor em relação ao aluno, além do acesso ao ensino atingir populações mais carentes (Martins,2002). O aluno foi ganhando espaço para expressar ideias e tomando lugar como foco central do processo de ensino e aprendizagem. O professor passou então a ser um mediador do conhecimento. A escola humanista influencia de forma marcante essa nova fase. Os preceitos humanistas como observar os aspectos humanos individuais, valorizar o ser humano, bem como suas necessidades e anseios levam o processo pedagógico a dar espaço ao aluno como indivíduo (Salvi, 2017). A indisciplina não perdeu espaço neste contexto, mas está cada dia mais presente nas escolas das mais variadas formas, desde ataques ao professor de forma direta com palavras e até agressões físicas, ou uma forma mais velada com boicotes e atitudes de desapego à aula, não envolvimento na sala de aula, conversas paralelas, não confecção de trabalhos e etc.

Por ser a instituição de ensino superior formada por alunos que se pressupõe adultos, haveria de se esperar menor frequência de indisciplina em sala de aula. No entanto há vários relatos de que tal fato não se verifica. Este aluno está sendo formado para entrar no mercado de trabalho com a profissão escolhida por ele mesmo. Diante disso, como se revela a

indisciplina em instituições de nível superior? Qual seria o impacto da indisciplina no processo de ensino e aprendizagem deste indivíduo? Como os professores reagem à indisciplina?

Estas e outras questões são interrogações que este trabalho busca entender. Com o advento do novo aluno e o novo posicionamento do professor, a impressão é de que a indisciplina ganha novos espaços e novas formas de agir. Certamente há a necessidade de entender melhor este processo e suas consequências sobre o processo pedagógico.

O interesse em estudar a indisciplina nas instituições de nível superior surgiu então, da vivência em sala de aula e da constatação de que a cada dia que passa, mais e mais casos de agressões e falta de respeito surgem por parte do aluno em relação a outros alunos e docentes.

O fato é que a indisciplina escolar é um problema que se torna mais evidente ao longo dos anos. O enfrentamento com o professor, discussões e brigas em sala de aula entre alunos ou aluno e professor, o não cumprimento de tarefas, boicote da aula, agressão física dentre outros, geram impacto sobre o processo de ensino e aprendizagem. Os conflitos produzidos pela indisciplina trazem prejuízo não somente ao professor, mas também à instituição de ensino e ao próprio aluno. Entender melhor este processo certamente impactará não somente na forma de lidar com a indisciplina, como também melhorar o processo pedagógico. Trata-se então, de verificar como ocorre o processo de indisciplina nas instituições de nível superior e entender seus mecanismos de ação e reação, bem como seu impacto sobre o processo de ensino e aprendizagem.

O problema resume-se em: qual o impacto da indisciplina no processo de ensino e aprendizagem em instituições de ensino superior?

Dentro desse contexto o objetivo geral desse trabalho é analisar o impacto da indisciplina no curso de Pedagogia em uma instituição privada de ensino superior do Distrito Federal. Como objetivos específicos o trabalho buscará descrever a indisciplina na instituição de ensino superior estudada e seu impacto no processo de ensino e aprendizagem, entender como a mesma ocorre e quais comportamento podem ser observados em sala de aula, tanto do professor quanto do aluno, compreender o que provoca ações de indisciplina e quais as soluções e mudanças no processo pedagógico, elencar as causas da indisciplina nessa instituição de nível superior, analisar os motivos da indisciplina, verificar o impacto da indisciplina no processo pedagógico e apurar como os professores reagem à indisciplina.

Dentro das possíveis hipóteses de trabalho, deduz-se que a indisciplina causaria dentro do processo educativo, uma interferência no aprendizado do aluno, bem como insatisfação com o professor e com a instituição de ensino. Além disso, a indisciplina geraria uma dificuldade de relacionamento entre alunos e professores.

Verifica-se que, com as mudanças que surgiram no processo pedagógico, o professor passou a ser um mero mediador do ensino e o aluno assumiu o lugar de destaque no processo de ensino e aprendizagem. Associado a isso, a rapidez com que o conhecimento se propaga por meio da internet parece interferir na forma de se relacionar entre as pessoas e no aumento da indisciplina dentro das instituições de ensino. Talvez a falta de preparo dos professores para lidar com os conflitos, agrave o quadro.

Um novo tipo de pessoa surge: mais ansioso, imediatista, impaciente. A intolerância parece se propagar por toda a parte. De forma observacional há a percepção de um novo aluno pronto a questionar, comportar-se de forma mais agressiva, usar os meios de comunicação digital para propagar sua insatisfação. A comunicação propriamente dita entre as pessoas, de forma presencial, sem interferência de teclados e monitores, vem sendo substituída pela comunicação via equipamentos, que nem sempre é adequada e perfeitamente compreensível, sujeita a interpretações que são prejudicadas pela falta de um diálogo presencial das partes.

Uma nova geração liga as suas TVs com controles remotos, esquentar seu alimento em trinta segundos no micro-ondas, não sai mais de casa para pedir o que deseja comprar, mas o faz pelo telefone ou via internet. A velocidade parece influenciar a forma de viver e de se relacionar das pessoas. Tudo precisa ser rápido, etapas são puladas e engolidas como se não existissem.

Observando o cotidiano das instituições de ensino, percebe-se que a educação está atravessando um período de severa crise que pode ser percebida por pais, funcionários e docentes (Benaletti, 2015). Muitos são os problemas que geram essa crise e a indisciplina dos alunos pode ser apontada como um dos mais preocupantes. Lidar com a indisciplina não é uma tarefa fácil e os professores e instituições não estão preparados para enfrentá-la, bem como dirimir os prejuízos causados pela mesma. O principal atingido é o processo de ensino e aprendizagem.

Inegavelmente houve uma mudança clara no desenvolvimento das relações entre o indivíduo que ensina e o que aprende. O foco, a importância, a forma dessas relações, foram alteradas ao longo do tempo e o professor perdeu o fama de onipotente. Sua importância, agora dividida com o aluno, precisa ser revista, e com ela toda a forma de ensinar e corrigir.

Os sinais que podem estar por traz da indisciplina não podem ser renegados e a investigação da insatisfação frente a instituição, da ineficiência pedagógica, manutenção de modelos de ensino ultrapassados dentre outros, deve ser considerada.

Há que se verificar novas formas de organizar a escola e de proposição de métodos de ensino que envolvam a motivação e disciplina. Vale ressaltar que as instituições de ensino superior possuem uma organização complexa e dentro da teoria institucional no contexto da administração, as instituições podem ser influenciadas pelo contexto social. Sendo assim, vários fatores podem interferir no processo da indisciplina, levando-se em consideração que as teorias institucionais percebem como os ambientes são socialmente construídos advindos de produção humana. Além disso, tais teorias defendem as organizações como sistemas abertos, sendo influenciado pelo ambiente externo e pelo comportamento e opinião dos indivíduos que a compõe.

A indisciplina nas instituições de nível superior pode ser também afetada pelo ambiente físico, tecnológico, cultural e social. A intenção desse trabalho é compreender melhor a forma como a indisciplina se apresenta e como melhorar o ensino a partir da possível insatisfação do aluno.

A pesquisa em questão é descritiva, uma vez que busca descrever como a indisciplina acontece no ambiente de ensino superior. Também é levantamento de dados porque irá coletar dados através de questionário direcionado aos professores e alunos do curso de pedagogia de uma instituição privada de nível superior. A avaliação será feita de forma quali e quantitativa porque buscará medir o impacto da indisciplina, bem como descrever como a mesma se manifesta e suas variações.

I PARTE – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1 Educação Superior no Brasil

1.1 Histórico

No período do Brasil colônia, o ensino se restringia basicamente à atividade dos jesuítas numa conjuntura onde o ensino não era tido como algo importante ou prioritário. Índios e negros eram catequizados e não havia um direcionamento produtivo do que se ensinava. O ensino superior se restringia à elite e geralmente aos filhos primogênitos que se deslocavam para Europa com o objetivo de fazer uma faculdade. Mulheres, mesmo que pertencentes à aristocracia, não eram bem-vindas à instrução, mas treinadas para casar-se, gerar descendentes e cuidar de sua casa. Nessa fase o professor era o possuidor do conhecimento. O período de dominação dos jesuítas na área de ensino foi extinto com a expulsão dos mesmos em 1759, tanto de Portugal quanto do Brasil, pelo Marquês de Pombal que busca, então, uma nova modalidade de ensino, iniciando a tentativa de implantação de um sistema de ensino público. Esse processo foi mais lento no Brasil e a educação na colônia passa por um retrocesso, uma vez que todas as escolas fundadas pelos jesuítas foram fechadas (Martins, 2002; Ribeiro, 1993; Sampaio, 1991).

Em 1808, com Bloqueio determinado por Napoleão, a coroa Portuguesa é transferida para o Brasil, trazendo consigo seus nobres, servos e uma Biblioteca com mais de 60 mil livros. Dava-se início ao nascimento do ensino superior no Brasil inspirado pela presença da corte portuguesa. Seu perfil era profissionalizante e direcionado aos filhos da aristocracia, agora impedidos de estudar na Europa em decorrência do bloqueio imposto por Napoleão. Ainda em 1808 é fundada a escola de Cirurgia e Anatomia de Salvador (hoje Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia), a escola de Anatomia e Cirurgia no Rio de Janeiro (hoje Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro) e a Academia da Guarda Marinha no Rio de Janeiro. (Sampaio, 1991). Até a proclamação da independência do Brasil em 1822 houve fundação de instituições de ensino superior isoladas e de forma lenta. No entanto, com a independência do Brasil, nada mudou. A criação de instituições de nível superior não era prioridade (Costa, 2009; Ribeiro, 1993; Santos & Cerqueira, 2009).

Em 1824 é decretada a primeira Constituição do Brasil e nela a educação é citada como direito à gratuidade do ensino primário a todo o cidadão brasileiro (escravos estavam excluídos)

e a criação de colégios e universidades. Alguns centros científicos se consolidaram como o Observatório Nacional e o Museu Nacional e poucas instituições educacionais foram criadas e sempre limitadas aos profissionais liberais e atreladas ao poder econômico e político da época (Vieira, 2007).

Em 1891 é promulgada nova constituição da República nascida pela influência de uma República que despontava sobre a monarquia. Esta constituição separa Estado de Igreja e dá o direito de voto apenas aos homens maiores de 21 anos, proibindo o voto aos analfabetos. Surge a iniciativa privada dentro da área de ensino advindas de elites e ligadas à Igreja Católica, embora o laicismo fosse proclamado nessa constituição. Os ensinos secundários e primários seguem as regras estabelecidas pelos estados e a União estabelece as regras sobre o ensino superior. O estado de São Paulo se destaca criando as Escolas superiores de Engenharia Elétrica, Civil e Mecânica (1896) – atual universidade Mackenzie. Há então uma ruptura do sistema educacional paulista com o modelo educacional estatal. Ao final do século XIX a contagem de instituições de ensino superior era de 24 unidades no Brasil, e após a constituição de 1891 até perto do ano de 1920, esse número foi amentando para 133 escolas. A mentalidade educacional que surge na década de 1920 já considera os conceitos de função social ligados às universidades. Há uma preocupação maior com a pesquisa (Sampaio, 1991; Vieira, 2007).

Em 1931 Getúlio Vargas promove uma reforma educacional conhecida como Francisco Campos onde fica expressamente autorizado o funcionamento e regulamentação das universidades com a permissão de cobrança de anuidade no ensino público (Sampaio, 1991; Vieira, 2007).

Em 1934 nova Constituição é promulgada e a área de educação e cultura possuem maior destaque que as constituições anteriores, tendo um capítulo inteiro dedicado a este tema. A União se mantém traçando as diretrizes da educação e a organização e manutenção dos sistemas educacionais ficam com os estados e o Distrito Federal. Era de competência do Conselho Nacional de Educação a elaboração do plano nacional de educação. Há o apoio às instituições privadas com isenção de impostos para determinadas instituições. A educação é definida como direito de todos e dever da família e do estado. O provimento de cargos do magistério oficial passa a ser realizado por concurso público. A conjuntura da época trazia uma recém crise econômica mundial (1924), a criação do partido comunista no Brasil e as revoltas que traduziam a insatisfação da sociedade com as oligarquias. Por traz dos bastidores da reforma do ensino havia um momento de descontentamento com a conjuntura brasileira. Reformas na área de educação também ocorrem em vários estados e o Ministério da Educação é criado (1930) (Vieira, 2007).

Em seguida, embasado em um regime ditatorial que centralizava o poder na figura do Presidente da República, nasce uma nova constituição que reflete o momento político trazendo retrocesso para a educação, estreitando suas relações com valores econômicos e cívicos. A livre iniciativa no ensino é focada em detrimento do ensino público, ficando as classes menos favorecidas, à margem do processo educacional e privilegiando os que possuam maior poder aquisitivo (Santos & Cerqueira, 2009; Vieira, 2007).

Em 1946 o mundo estava envolto no fim da Segunda Guerra Mundial. A ditadura perdia espaço principalmente entre os militares da oposição e a classe trabalhadora. O país inicia um processo de redemocratização e a educação volta a ter importância. Novas reformas educacionais culminam em Leis Orgânicas de Ensino, a criação do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) e do SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial). A Constituição promulgada em 1946 retoma a ideia da educação como direito de todos. Agora as diretrizes e bases da educação nacional passam a ser de competência da União. Associa-se o ensino com recursos para sua manutenção. O ensino primário gratuito e obrigatório volta a ter importância, os institutos de pesquisa são previstos em lei e é garantida a liberdade de cátedra (Vieira, 2007).

O país passa por um período de redemocratização que é interrompido com o Golpe de 1964 quando a Ditadura toma força. Nesse período aumenta-se o nível de urbanização e industrialização. As indústrias passam a responder por boa parte do PIB (Produto Interno Bruto) e a fabricação de bens duráveis toma força. Ditadura e capitalismo caminham juntos. Então, diante desse cenário, é promulgada a constituição de 1967. Novamente o ensino particular toma vulto quando bolsas de estudo substituem o ensino oficial gratuito. Há uma diminuição dos recursos públicos disponíveis para o desenvolvimento da educação. A liberdade acadêmica é limitada pelo regime ditatorial. Em 1968 é concebida a reforma do ensino superior através da Lei 5540-68 para responder à demanda do crescimento relativo ao nível superior. Em seguida, a educação básica tem diretrizes fixadas pela Lei 5692-71 (Sampaio, 1991; Martins, 2002; Vieira, 2007).

O desgaste do regime militar avança e surgem os anseios por mudança política e liberdade de escolha de seus governantes. Em 1984 um grande movimento por eleições diretas surge e influencia o governo escolhido de forma indireta, culminando no compromisso dos novos dirigentes em revogar a legislação autoritária definida até o momento. A Assembleia Nacional Constituinte é estabelecida para que uma nova Constituição seja elaborada. Movimentos surgem refletindo o desejo de mudança também na educação: Educação para todos, I Plano de Desenvolvimento da Nova República, Dia Nacional de Debate sobre

Educação. O cenário reflete sobre a nova Carta Magna e a Constituição de 1988 traz uma abordagem mais ampla, tratando o tema educação com maior detalhamento e cuidado. A educação é definida como direito social de todos e dever do Estado e da família, objetivando o desenvolvimento da pessoa, da cidadania e da qualificação profissional do indivíduo. A União permanece com a competência de legislar sobre as diretrizes e bases da educação nacional. O ensino fundamental deve ser obrigatório e gratuito. Princípios são estabelecidos e itens como igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber, pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino, gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais e valorização dos profissionais da educação escolar com planos de carreira garantidos, na forma da lei, tomam lugar na carta magna (Sampaio, 1991; Martins, 2002; Vieira, 2007).

O artigo 206 menciona liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, coexistência de instituições públicas e privadas, gratuidade do ensino público, valorização do profissional de ensino garantido na forma da lei, plano de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público com provas de títulos, regime jurídico único para todas as instituições de ensino mantidas pela União (Constituição do Brasil, 1998).

O ensino universitário e as instituições de ensino pesquisa científica e tecnológica tem metas mais definidas e no artigo 207 elas passam a gozar o direito de ter autonomia didático científica, administrativa, financeira e de patrimônio, devendo obedecer ao princípio da indissociabilidade entre as áreas de ensino, pesquisa e extensão (Constituição do Brasil, 1998).

Os princípios e deveres do Estado ficam reforçados e claros no artigo 205 que diz que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Assim o Estado fica lado a lado à família no quesito educação (Constituição do Brasil, 1998; Sampaio, 1991; Martins, 2002; Vieira, 2007).

A Constituição de 1988 reflete o anseio de mudança e amplia e muito, os itens que tratam de educação.

Estudar a evolução histórica da educação no Brasil, pode explicar parte do processo que influencia o surgimento do novo aluno. Quando a educação superior surge no Brasil, ela vem para atender às necessidades específicas de grupos de poder. A exclusão ao ensino superior era

regra. As aristocracias tinham na figura do filho, homem e primogênito, o detentor do direito de aprender. Professores tinham o domínio total e direcionavam o ensino de matérias ditadas pela classe dominante da época. Com o passar dos anos, conforme as insatisfações da sociedade respingavam sobre o progresso da educação no país, a legislação refletia cada vez mais a inclusão social e as alterações no domínio de regras que norteiam o processo de ensino e aprendizagem. Houve um salto do Brasil Colônia para os dias atuais. Cada vez mais indivíduos tiveram acesso à educação e igualmente as instituições de ensino foram surgindo e ampliando a rede de conhecimento. Tal fato influencia a consciência do indivíduo em relação ao seu próprio lugar na sociedade e enquanto o Estado de Democrático de Direito se estabelece, o exercício de cidadania também se solidifica. O conhecimento expande horizontes. As cadeias da escravidão são abaladas pelo saber. No entanto, há outras cadeias que a sociedade pode impor de forma mais sorrateira e o mercantilismo da educação, desigualdade social, o impedimento pleno de acesso ao ensino podem trazer essa possibilidade. A insatisfação da sociedade com seu momento histórico se reflete ciclicamente na educação. Alunos e professores são influenciados por este ciclo. É possível que tais características também possuam alguma influência sobre a relação professor-aluno e sobre o comportamento dos indivíduos dentro do processo de ensino e aprendizagem. Entender a mudança histórica da educação e sua validação que se percebe dentro da evolução das constituições brasileiras pode trazer alguma reflexão sobre o tema.

2 Instituição de Ensino Superior como Organização

2.1 Modelo Burocrático

O modelo burocrático criado pelo alemão Max Weber surgiu para auxiliar na administração de organizações complexas. Sua base é a autoridade racional que tem como objetivo alcançar as metas da pessoa jurídica, não levando em consideração os anseios e sentimentos da pessoa física que a compõe.

Esse modelo baseia-se em competência técnica, hierarquia, regras e regulamentos, comunicação formal, padronização de procedimentos, centralização do poder e disciplina. Ante ao tripé de sustentação do modelo burocrático: formalidade, impessoalidade e profissionalismo, não existe espaço para as individualidades no ato de exercer funções de hierarquia, de operacionalização do trabalho, na forma de se comunicar e na tomada de decisões. A impessoalidade traz para a instituição a posse de cargos e não para as pessoas que os ocupam. Normas e rotinas determinam a execução e forma de trabalho sem que haja espaço para assinatura pessoal do indivíduo que a executa. O profissionalismo determina a forma de acesso e ascensão do indivíduo na organização, onde as suas habilidades são avaliadas e validadas com a definição do cargo em questão. Assim escolhas pessoais baseadas em opiniões igualmente pessoais, não podem ser a forma de escolha de pessoas para a organização. (Secchi,2009).

Para Weber a burocracia é a estruturação formal da organização, criada para definir as atividades humanas a fim de que objetivos comuns sejam cumpridos em dado período. Ele acreditava que definição de autoridade, numa das suas formas, está intimamente associado à burocracia. Sendo assim, existiam três tipos de autoridade: autoridade tradicional, que tem seus conceitos formados nas tradições e culturas que permanecem através dos tempos; autoridade carismática, que se baseia em quem o líder é, e como se porta com suas características pessoais; autoridade racional legal, baseada nas regras e normas constituídos por aquele que ocupa dado cargo de comando e que deve presidir a uma organização verdadeiramente burocrática (Weber, 2004)

A fragilidade do modelo burocrático encontra-se no apego a formalidade, regulamentos, resistência a mudanças, por não levar em consideração que os componentes da organização são indivíduos com suas diferenças comportamentais e psicológicas, dentre outras características que levam ao engessamento do sistema organizacional.

Analisar as instituições de ensino públicas ou privadas usando o modelo burocrático, bem como outros modelos organizacionais, pode auxiliar na sua melhor compreensão, bem como uma melhor conformação do ambiente educacional. No entanto, é necessário dosar

quanto do modelo burocrático deve ser mantido na instituição para não dificultar a ação da criatividade e inovação, e, assim, se impeça a realização de mudanças necessárias e o crescimento da mesma. Ele também não terá respostas para os conflitos que se impõe a convivência de pessoas diferentes, nem levará em consideração as alternâncias de poder não formal e as particularidades que cada conjuntura oferece. (Estêvão, 2018). De qualquer forma, numa organização educacional o modelo burocrático sempre será encontrado em menor ou maior grau de atividade.

2.2 Modelo Político

O modelo político surge da necessidade em considerar as diferenças entre as pessoas e principalmente, a diversidade de interesses que podem gerar conflitos e inúmeras mudanças em uma organização. Esse modelo traz a ênfase ao conflito, negociação, no dissenso, realçando as estratégias e os posicionamentos de cada grupo. Leva em consideração os diversos tipos e fontes de poder. Entende que metas e objetivos podem ser imprecisos e confusos e ditados por diferentes interpretações políticas sendo necessário a existência de negociação, barganha e da capacidade de criar coligações (Estêvão, 2018).

Aplicando o modelo político às instituições de ensino, é possível perceber que as organizações educacionais possuem em seu bojo, a dualidade de interesses, a pluralidade de conceitos, os interesses de grupos dominantes, a diversidade de objetivos e posicionamentos, discrepância de valores e as disputas de poder e ideologia. Certamente é necessário aplicar o entendimento do modelo político para que haja compreensão do uso diverso e adverso do poder.

Apesar do modelo político explicar a diversidade de interesses políticos e o viés que tal diferença traz, ele não consegue, sozinho, explicar de forma objetiva e imparcial, o melhor caminho para a gestão da organização educacional. Quando se faz uma análise da organização educacional, utilizando-se esse modelo, é possível entender a necessidade de nortear as ações que levem a minimizar a disputa pelo poder.

2.3 – Modelo Comunitário

O modelo comunitário baseia a cultura organizacional em valores humanos, atentando-se para a pluralidade de ideias e pensamentos, para as diferentes necessidades, nas relações com o meio, no consenso, privilegiando a estrutura informal ditada pela individualidade humana. Os objetivos da organização definidos pela instituição são pactuados com a comunidade. De igual forma, os processos são definidos de forma participativa com os atores. As decisões são baseadas no consenso com participação de um colegiado e o estabelecimento da liderança é feito por processos formais e informais em conformidade com os indivíduos envolvidos.

A organização funciona como um sistema que busca interação das diversas necessidades gerando entendimento das partes de forma integradora. Funciona com base em cooperação. Busca sanar os conflitos utilizando atores que facilitem a integração, construindo grupos de trabalho harmônicos e tomada de decisões participativas. A formulação de objetivos comuns parece ser facilitada pelos valores partilhados.

Os conflitos de interesse podem ser atenuados pela partilha do poder, da informação, do sentido de sucesso que confunde o pessoal com o da própria organização.

O envolvimento dos membros para que haja o alcance das metas "comunitárias" estabelecidas, fica de mais fácil execução pela coexistência de valoração dos interesses particulares e comunitários. Essa cultura organizacional é baseada no relacionamento pessoal, na confiança e na solidariedade (Estêvão, 2018).

Embora de natureza harmônica, o modelo comunitário esconde ou camufla as relações de poder e controle, minimizando a existência do conflito. A motivação é criada em cima de envolvimento, cultura e anseios da comunidade, bem como a participação de indivíduos que mantenham alguma sintonia com o ambiente (Estêvão, 2018). No entanto, essa motivação pode ser induzida por alguma forma de controle que pareça despretensiosa, mas tenha a personalidade de quem a induz.

3 Educação e Conflito

Conflito não é uma situação unilateral, necessita pelo menos de uma parte opositora que não se mostre concordante com a outra parte e que interaja e demonstre sua opinião. Nem sempre essa oposição será encarada como algo bom, muitos a encaram como algo ruim que trará malefícios e descontentamento. Mas há quem perceba algo positivo e perceba que a existência de opiniões diferentes, levará ao debate, ao contraponto e poderá mudar os rumos do assunto alvo do conflito. O conflito torna-se então, necessário, por estimular a criatividade, o pensamento novo, o diferente possibilitando mudança de postura, posição e entendimento (Neves, 2012).

O conflito não se limita a dois pensamentos distintos e pode existir em coletividades e quanto mais diferenças, mais possibilidades de contraposição. No ambiente acadêmico as diferenças são inúmeras e assim, o confronto de ideias pode ser observado dentro de todo o contexto institucional onde as opiniões se distinguem: ambiente administrativo, salas de aula, relacionamento com os pais, em meio aos pesquisadores e assim por diante.

Segundo Nascimento, os conflitos podem ser de diversos tipos: conflito latente, percebido, sentido e manifesto. O latente está disfarçado, oculto, não é confesso e não gera tumulto porque não está exposto. O percebido é captado pelas partes, mas não declarado, portanto não gera divergências de opiniões porque se mantém silencioso. O conflito sentido é manifesto e gera exposição de emoção. O manifesto atingiu as partes opositoras, está exposto e perceptível aos presentes e pode gerar consequências para os envolvidos. A sociedade e as tecnologias evoluíram bastante em muitos aspectos, mas a capacidade de solucionar conflitos não acompanhou essa evolução, sendo a violência uma das formas mais comuns na resolução de embates ao longo da história (Nascimento, 2002)

O conflito deve ser bem administrado para ser utilizado como veículo de mudança e evolução. Se conduzido de forma inadequada pode provocar efeitos negativos e desastrosos. As causas de conflito são muitas: competição, luta pelo poder, ambiente de tensão, meio ambiente adverso, divergência de opinião e temperamento dentre outros. Para Nkuansambu (2012), o conflito pode ser gerado por competição entre pessoas, por diferença de alvos, pela tentativa de libertação de uma pessoa em relação a outra parte, por direitos não atendidos, por ansiedade, medo, carência de informação, insubordinação, por esforço não valorizado, por diferenças culturais, por obrigatoriedade de consenso, e assim por diante ((Nkuansambu, 2012).

Para lidar adequadamente com a adversidade é necessário comunicação, clareza, tempo de ouvir claramente as partes sem interrupção. Em seguida é necessário estabelecer acordo onde

as partes saem ganhando. A negociação é fundamental para estabelecer importância dos entes envolvidos. De acordo com Neves, é possível resolver conflitos analisando a diversidade de condicionantes, identificando o motivo da divergência e suas características e empregar tempo para solucionar. É fundamental a negociação e mediação no ambiente escolar. E esse processo de negociação é percebido em cinco fases: preparação, apresentação das intenções das partes, avaliação das mesmas, concessão e contraproposta e formalização do acordo (Neves e Carvalho, 2011).

Outra forma de solucionar o conflito é estabelecer um mediador que se coloca de forma imparcial em relação as partes divergentes. A negociação também está presente nessa modalidade de solução e o objetivo é estabelecer acordo final, onde a convivência dos indivíduos geradores do conflito deve ser racional e sem dualidades. As partes devem cooperar com a solução final. Isso é fundamental no ambiente escolar. A mediação é um bom instrumento de comunicação onde as diferenças são percebidas e os indivíduos presentes no conflito são valorizados enquanto pessoas, com suas ideias, conceitos, origens e pensamentos (Torrego, 2003)

Segundo Nkuansambu (2012), as maiores causas de conflito no ambiente escolar são falha de comunicação entre alunos, professores e comunidade, ausência de programa de educação continuada para os envolvidos com a educação (professores, coordenadores, área administrativa, etc.), planejamento inadequado em relação ao aluno, resistência à mudança (área administrativa e acadêmica), autoritarismo exacerbado no meio dos líderes e desigualdade social (entre alunos, alunos e professores e destes em relação à comunidade). A indisciplina, por ser gerada nesse contexto de turbulência e conflito, pode advir da postura incisiva do professor e da inquietação dos alunos. Fatalmente não saber gerir tais situações pode provocar reações emocionais que podem se propagar pelo ambiente de sala de aula e fora dela. Os profissionais que trabalham nas instituições de ensino precisam conhecer a origem dos conflitos, os fenômenos emocionais que envolvem o ser humano e sua convivência com outros indivíduos. Educadores precisam ter noção de gestão de conflitos no ambiente escolar (Nkuansambu, 2012).

Analisando o contexto histórico e percebendo que as diferenças entre os seres humanos e as diversas conjunturas através do tempo, percebe-se uma correlação entre estes fatos e as organizações escolares.

Partindo do pressuposto que todo ambiente composto de pessoas diferentes com pensamentos, objetivos, ideais, culturas, conformação intelectual, econômica e tantas outras, há que se levar em consideração que a presença de conflito sempre estará presente.

O conflito pode ser uma forma de estabelecer guerras ou de iniciar mudanças. Inevitavelmente o confronto de histórias individuais virá à tona em algum momento. As organizações educacionais possuem em seu interior o embate entre a pessoa física e a jurídica (seja de cunho mercantil, político ou outro motivo qualquer), seja pela divergência entre os participantes de sua estrutura: alunos com alunos, alunos com professores, alunos e funcionários e assim por diante. A diversidade de interesses, de necessidades e de pensamento, pode levar ao debate insano ou imparcial.

Não são apenas as pessoas como indivíduos que passam por mudança, mas a sociedade que, durante a transição, muda de valores, de objetivos, desejos e modo de vida. Muda o indivíduo, a sociedade e com ela a legislação, a forma de se agrupar, a religiosidade e as crenças, e tudo que se relacionar com o que é humano e pertencente a humanidade. O processo de ensino e aprendizagem também muda. Com isso, surge um novo aluno e necessariamente haverá de surgir em conjunto, um novo professor. O professor, hoje chamado de mediador do conhecimento, precisa também aprender a ser um mediador de conflitos em seu ambiente de trabalho, bem como as instituições na figura de sua pessoa jurídica.

A acessibilidade aos diferentes espaços sem deslocamento do lugar e de igual forma à informação, parece influenciar a forma como o ser humano vê e interage com o mundo, inclusive o educacional. Ao mesmo tempo que crescem as formas de acesso ao conhecimento, a equidade na educação não é uma máxima. Nem todos têm acesso às instituições de nível superior. Paralelamente, as causas e meios de conflito aumentam.

As novas tendências nas relações que acabam por influenciar o meio acadêmico, vão surgindo: flexibilidade, valorização da estética, indeterminação, descentralização, gestão estratégica, conhecimento superficial, desconstrução, desregulamentação e com isso novas formas de sociedade e de interesse. (Estêvão, 2008). Sociedades priorizam o solitário desmistificando o integrado mesmo que haja o coletivo. Uma espécie de unificação sem unidade permeia a sociedade.

Há espaço cada vez maior para múltiplas verdades e a palavra aceitação passa a ter um peso no espaço de convivência. Mas isso não diminui o confronto e nem o conflito. Mesmo que não haja consenso, as ideias precisam coexistir.

Dentro das organizações de ensino a diversidade de interesse e a coexistência nem sempre harmônica do poder formal e do poder paralelo, geram a necessidade de negociação e

de planejamento de estratégias educacionais que equilibrem e dêem espaço para um processo de ensino e aprendizagem eficaz.

É possível perceber no ambiente educacional, o conflito, cada vez mais aguerrido pela individualidade e pelas verdades pessoais. Estêvão menciona Santos Guerra (2002) expondo que a escola pode gerar alguma imobilidade, impedindo o crescimento, pode gerar mudança positiva aos já protegidos, favorecer autoritarismo que diminua os direitos dos alunos, permitir impunidade e pouca transparência, reforçar a discriminação, se dispor a ensinar apenas os alunos mais brilhantes, rotular, coagir e promover separação em seu meio e tantas outras ações perversas que podem iniciar o conflito em seu meio (Estêvão, 2008).

Por outro lado, também, a escola pode se tornar um ambiente permissivo para atitudes pouco sociáveis e aceitáveis por parte do aluno. Desinteresse, passividade, agressividade e comportamento pouco sociais podem fazer parte da vida acadêmica. Quando aluno e professor se tornam inimigos e passam para lados opostos, fica difícil permitir que a educação flua, havendo um travamento no processo de ensino e aprendizagem. Isso pode ter impacto sobre a interação entre professor e aluno, aumentar a severidade avaliativa e disciplinar (Estêvão, 2008).

A educação e o conflito sempre vão coexistir. No entanto, parece razoável criar um ambiente diferenciado para que o conflito seja ferramenta de crescimento e não de combate.

Não se pode esquecer do professor e do motivo que o fez escolher seu ofício. Vocação, largar outro ofício que não lhe agradava, meio de sobrevivência, dentre tantos outros (Larrosa, 2018). Esse ofício precisa estar aliado às, aptidões e capacidades de executar sua profissão. O motivo também pode ser causa de conflito pessoal do professor, que de alguma maneira, pode atingir a sala de aula.

Observando os conceitos acima citados, fica fácil entender porque o conflito é tão possível dentro de sala de aula. O professor deve se valer de ferramentas de negociação para não permitir a evolução para um mau resultado. É possível conduzir as diferenças para novas formas de aprendizado e de entendimento. A indisciplina é certamente provocada pelo conflito. Mas não precisa ter em seu fim um resultado ruim. O desgaste natural que a divergência provoca precisa ser superada por racionalidade e conhecimento com o objetivo de solucionar o problema. A comunicação parece ser uma ótima aliada. Estabelecer laços afetivos, empatia, compreender que a diferença pode ser positiva, podem levar à solução assertiva das divergências.

4 Instituição de Nível Superior e sua Função Social

As relações interpessoais são a marca que define as instituições, seus objetivos, sua forma de funcionar, suas características e seu modo de ver o mundo. Pessoas são o objeto de tudo que existe na sociedade e é por elas e através delas que tudo se dá. Os seres humanos, embora cercados de regras que definem a boa convivência, possuem características pessoais e individuais, formas diferentes de criação, pensamentos, realidades sociais, econômicas e culturais diversas. São as relações interpessoais que definem a forma de conviver dos indivíduos e de suas organizações. As emoções, embora muitas vezes subvalorizadas, são o cerne de muitas questões e da maneira como algumas ações são ditadas. O racionalismo é próprio de quem pára, analisa e avalia tudo, não minimizando a existência das emoções próprias dos indivíduos. Algumas correntes como a biologia cognitiva, a psicologia social, clínica e comportamental, além das religiões e neurociências, prezam e valorizam as emoções e suas vertentes (Leitão *et al.*, 2006)

O conflito é algo inerente ao agrupamento de pessoas. Os indivíduos possuem crenças, valores, ideias, opiniões, níveis sócio culturais diferentes que podem gerar conflito no momento de interação. A proximidade traz consigo o atrito. E o atrito pode gerar conflito e, por conseguinte, uma resposta muitas vezes, não desejada e traduzida na indisciplina e outras vezes, na violência. A violência se traduz em agressão física ou psicológica como forma de reagir às diferenças. Dentro desse contexto a escola se posiciona como o local onde há grande agremiação de pessoas com a diversidade descrita acima. A não aceitação dessa diversidade ou a dificuldade em aprender a conviver e coexistir com o diferente, pode trazer entraves na convivência que necessitarão imediatamente de mediadores de conflito. Vários países incluem esses mediadores no ambiente escolar e se baseiam no ordenamento jurídico para tal. No Brasil tal violência é tratada muitas vezes na delegacia. O fato é que, num lugar tão cheio de diversidade, o mediador de conflitos deve fazer parte do programa educacional e inclusive da formação dos agentes que lidarão direto com os alunos, desde professores, coordenadores, pedagogos, agentes de portaria, diretores e etc. Há que se formar melhor os funcionários de uma escola para que dentro de contexto de conflito, tenha-se a condução do problema de forma ampla, sem apenas tratar como simples diferenças entre pessoas, mas incluindo a ideia da diversidade. (Possato *et al.*, 2016)

A primeira função social da escolar é propagar o saber. No entanto, não parece razoável limitar a escola apenas a essa função social. Refletindo sobre a instituição de ensino superior como lugar de transformação do ser humano onde novos conhecimentos e habilidades

são desenvolvidos pelo processo pedagógico, há que se considerar a função social da escola no tocante a perceber as demandas da sociedade e da diversidade que ela abarca. Certamente essa função social irá trazer à tona as diferenças, as buscas isoladas do ser humano e suas necessidades pessoais e coletivas. O conflito também pode advir dessa reflexão, e conduzir esse processo de reflexão trará benefícios sociais que podem levar ao crescimento do aluno enquanto cidadão e membro de uma coletividade.

A educação de qualidade perpassa pela busca de conhecimentos que sejam aplicados à realidade do aluno, dando significado a sua existência e preparando o indivíduo para uma vida social mais digna e valorizada (Silva, 2014).

O ensino superior não tem como função apenas formar cidadãos academicamente prontos, mas ser coerente com a região onde se instalou e buscar formar cidadãos que também atendam a demanda social do lugar onde são formados, transformando comunidades e auxiliando no seu crescimento. O profissional formado precisa estar pronto a enfrentar os problemas sociais que surgem todos os dias. Essa pode ser uma forma de criar significado para seu aprendizado e minimizar os conflitos durante a sua formação.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394-96), em seu artigo primeiro, diz que a educação deve estar atrelada ao trabalho e ao meio social; em seu artigo segundo diz que a educação deve estar inspirada em alguns princípios dentre eles o da solidariedade humana; em seu artigo 43º refere que a educação superior tem por finalidade, dentre outros itens, formar profissionais diversos que participem no desenvolvimento da sociedade brasileira e na sua formação, incentivar a pesquisa e a ciência de forma que suas descobertas possam contribuir com o entendimento do homem e do meio em que vive, estimular o conhecimento dos problemas nacionais e regionais, prestando serviços especializados à comunidade. Analisando estes itens determinados por Lei brasileira para a área de educação, e mais especificamente, para o ensino superior, em seu artigo 43º, fica claro que a educação tem por obrigação legal produzir saberes e tecnologias que sirvam ao coletivo. Dar significado ao aprendizado é algo que pode torná-lo mais desejável e menos conflituoso. Além disso, quando se percebe que a educação possui uma função social e se interioriza essa função, pensar na educação dentro do padrão mercantilista parece ser dúbio e contraditório. Uma vez que somente aqueles que possuem condições financeiras para ter acesso ao ensino o fazem e o sistema deixa de fora os menos favorecidos, fica a indagação de como a educação poderia ter sua função social de fato estabelecida. A função social perpassa pela igualdade de condições a todo o cidadão.

Não se pode construir o ensino superior distante da realidade do aluno. É necessário construí-lo com a participação do mesmo, buscando enxergar os questionamentos individuais

que refletem as dúvidas do coletivo. Os conteúdos ensinados devem resolver questões concretas e buscar saídas que mirem na sociedade e seus problemas. Não é à toa que existem estágios supervisionados que buscam levar o aluno à experiência da realidade do que pede o mercado. (Araújo, 2012)

Num país de proporções continentais como o Brasil, a função social da educação passa pela missão de levá-la às cidades do interior do país, transportando as instituições de ensino superior aos lugares mais distantes da educação. A função social também é igualitária e deseja levar a todo indivíduo a cidadania a que ele tem direito.

De certa forma a desigualdade pode gerar intolerância, que por sua vez pode levar a indisciplina. Nem sempre a indisciplina surgirá por pura rebeldia, mas pode ser construída a partir da revolta de não se ter o mesmo para todos. Por isso nem as instituições de nível superior, nem os professores e nem cada indivíduo que as constitui, podem esquecer da função social da educação e de suas vertentes.

Há também que se considerar que a transformação da coletividade até a presente data, vem trazendo para a sociedade um enorme acúmulo de conhecimento em diversas áreas dentre elas o meio ambiente, às relações humanas, biotecnologia, tecnologia da informação, saúde e bem-estar, estruturas administrativas e econômicas, relações de trabalho e emprego, direitos humanos e tantas outras (Soares, 2011). A quantidade de informação e a velocidade com que ela se propaga é enorme, muitas vezes sendo difundida informação falsa ou sem fundamento. Cabe as instituições de nível superior a triagem do saber e a propagação correta do conhecimento. Este certamente é um papel social.

Essa velocidade de transformação da sociedade, bem como surgimento da informação também trazem consigo o desequilíbrio entre o emprego correto do conhecimento, ética e bem coletivo. As instituições de ensino superior devem, como propagadoras do saber, auxiliar no direcionamento adequando do conhecimento na busca desse equilíbrio.

Tecnicamente a função das universidades está ligada ao ensino, pesquisa e extensão. E muitas vezes quando ela foca em atender as necessidades da sociedade, acaba por ser direcionada pelos interesses econômicos e políticos vigentes. Quando se pensa que o desenvolvimento de tecnologias acabou por retirar o emprego de alguns, percebe-se uma ambiguidade entre formar cidadãos aptos para o trabalho e desenvolver conhecimento técnico científico. Esse pode ser um dilema social (Paini, 2016).

Diante da globalização e das mudanças estruturais da sociedade e seus impactos sobre a economia, cultura e o próprio indivíduo, as instituições de ensino superior devem preparar as pessoas para que ingressem no mercado de trabalho em sintonia com a nova conjuntura.

Enquanto isso as instituições de nível superior devem repensar a que modelo e estratégia de desenvolvimento elas servem, não esquecendo de exercer a função social mais precípua que é ampliar o saber para que os direitos de todos sejam ampliados e assim haja progresso e crescimento do coletivo. O ensino superior então, deve salientar dentro de seus projetos acadêmicos, a importância da conquista da cidadania e da “harmonia entre a vocação e o desenvolvimento humano” (Soares, 2011).

É importante que as instituições de ensino superior não apenas difundam o saber como capacitem o indivíduo a usá-lo. Cabe então, entender o aprendizado como uma missão social e não meramente como um fim em si mesmo, fruto do trabalho de um único ator: o professor. A educação é resultado da sinergia entre várias áreas e do ofício de muitos profissionais. Olhar para o aluno com um entendimento em relação às suas necessidades e suas dificuldades é também um papel social. Aqui não vale o ensinar por ensinar.

Buscar a interdisciplinaridade e a execução de projetos institucionais que visem conduzir as atividades de extensão de forma democrática, produtiva e com eficiência social, sem abandonar a consciência crítica pertencente às universidades, também é uma forma social de se difundir o saber. Dar sentido ao conhecimento e conduzi-lo a todas as camadas sociais sem burocracia e com interação permanente com a sociedade faz parte da responsabilidade social da universidade. (Araújo, 2012; Soares, 2011)

A instituição de ensino superior quando voltada para sua função social, sempre irá pensar no grupo, na sociedade, na necessidade individual que abarca o coletivo, na propagação dos saberes, no uso do conhecimento e da tecnologia para melhorar a vida da sociedade, na transformação e progresso de todos.

As universidades devem rever suas propostas e redefinir seu papel buscando aliar objetivos educativos à realidade social que está em constante mudança. Sem esquecer da velocidade de progresso da tecnologia da informação e das comunicações, as universidades devem contemplar em seu desenho o fortalecimento dos processos de mudança, o fortalecimento e aprimoramento da capacidade acadêmica e profissional do corpo técnico e docente, atualização e aperfeiçoamento constante dos currículos, articulação da formação com as demandas da realidade escolar da sociedade contemporânea, articulação da formação com as mudanças em curso na organização pedagógica e curricular da educação básica brasileira, melhoria da oferta de recursos bibliográficos e tecnológicos em todas as instituições e programas de formação, promoção do espírito cooperativo e de parceria, adoção de padrões éticos de conduta, de consciência solidária e de respeito ao meio ambiente, compromisso com a preparação científica, dentre outros tantos. A inclusão das transformações que a sociedade

vem sofrendo, bem como das novas necessidades que tal mudança traz, não podem ser esquecidas pelas universidades. Também não podem ser esquecidos os outros níveis de educação onde crianças iniciam seu processo de aprendizado. As universidades devem contribuir para essa formação, criando vínculos com a escola em todos seus estágios. Não responder à demanda educacional do país também contribui para a desigualdade social, permitindo que indivíduos fiquem a margem da sociedade em todos níveis (saúde, cultura, profissionalização e etc.) e não somente em relação à educação (Soares, 2011).

Sem dúvida nenhuma, as melhores oportunidades de trabalho e crescimento individual são direcionadas às pessoas melhor preparadas intelectualmente. Assim, quanto mais desigual for a distribuição do conhecimento em uma sociedade, maior será a desigualdade social existente em seu meio. Não há como negar aqui o papel de distribuição com equidade do conhecimento como forma de igualar pessoas e seus direitos. As instituições de nível superior possuem essa missão.

O ensino superior não pode esquecer seu papel na construção da cidadania usando seu papel de educar para ampliar o saber, bem como socializar o indivíduo dentro de um mundo globalizado e suprido de novas tecnologias. Unir a teoria do que se aprendeu à prática, promover desenvolvimento pessoal e da sociedade, respeitando as diferenças e priorizando a equidade entre as pessoas é uma forma de fazer o trabalho social e ajudar no progresso.

O papel social deve estar associado a políticas públicas de governo, outras entidades de cunho educacional, cultural ou qualquer agrupamento de pessoas que tenham interesse em construir, difundir, pôr em prática e contribuir com pesquisa científica de forma eficiente e sem esquecer a sustentabilidade.

É de fundamental importância que as instituições de ensino superior tenham consciência de seu papel social promovendo continuamente o desenvolvimento social, tecnológico e científico da sociedade, produzindo conhecimento e transformando o mesmo em trabalho, rentabilidade e crescimento pessoal para quem o adquire. E que esse processo seja estimulado continuamente pelo ensino superior.

Pensar no futuro do aluno também é uma função social. Desejar evolução para o nível de desenvolvimento sociocultural e técnico científico da população de cada região e diminuir as desigualdades sociais faz parte do plano social. E essa evolução vai refletir no estágio de conhecimento de cada população. Sendo assim, é fundamental investir tempo, planejamento e recursos para a formação superior do aluno e fazer disso uma meta social.

5 A Indisciplina no Processo de Ensino e Aprendizagem

A educação traz em seu bojo a formação de indivíduos através de conhecimento, desenvolvimento de habilidades e saberes específicos necessários para a convivência e a construção da sociedade. Para tanto, participam dessa construção peças chave como valores e cultura aliados a ciência e novas tecnologias. Essa construção tem como foco a necessidade do mercado de trabalho e por isso a educação precisa capacitar cada vez mais o indivíduo, habilitando-o a exercer as mais diversas funções e atividades. A formação escolar faz parte do alicerce. A indisciplina dificulta o processo de formação do indivíduo. E por isso é fundamental entender o significado de disciplina, formas de adesão, resistência por parte de discentes e sua interferência no processo ensino-aprendizagem (Tavares, 2012).

Os professores cada vez mais ficam intranquilos com a complexidade que é a indisciplina por muitas vezes perceberem a falta de limites, desrespeito, problemas na obediência as regras e na convivência. Assim, além do descumprimento das normas, o desrespeito apresentado pode chegar ao extremo da depredação de instalações e algum tipo de violência (Arantes, 2015).

Há um desgaste provocado pela indisciplina no relacionamento entre professor e aluno. E muitas vezes o professor não consegue realizar seu trabalho por conta do mau comportamento do aluno. A desordem no ambiente escolar, a inquietação, desmotivação de aluno e professor, além de problemas familiares que acabam por se refletir no ambiente escolar, vão levando o aluno para um distanciamento do aprendizado, que pode gerar no futuro, uma exclusão social (Tavares, 2012).

Numa síntese conceitual, a indisciplina escolar apresenta-se como o descumprimento das normas fixadas pela escola e demais legislações aplicadas (ex. Estatuto da Criança e Adolescente - Ato infracional). Ela se traduz num desrespeito, seja do colega, seja do professor, seja ainda da própria instituição escolar (depredação das instalações, por exemplo).

5.1 Disciplina

O termo disciplina vem do latim *disciplina* que significa educar, ordenar, ter princípios morais, instruir. Significa seguir normas estabelecidas para um dado grupo que pode ter sido definido em conjunto ou imposto por uma ou várias pessoas. (Dicionário Eletrônico Houaiss). De acordo com os grupos envolvidos o significado do que é norma a se seguir pode mudar, alterando consigo o que é disciplina.

A palavra disciplina está intimamente ligada ao poder circulante, progressivo, sem dono específico, sem classe social, que passa pelos indivíduos, mas não se detém neles. Pode ser estabelecido através de pessoas e /ou instituições e se valem do conhecimento, está ligado ao prazer, cultura e à mensagem propagada pelo indivíduo ou instituição. A disciplina então é o instrumento usado para se exercitar o poder (Foucault, 1999).

Disciplinar-se passa pela aceitação de um objetivo traçado e que passa a ter importância conforme o conhecimento sobre o que dado assunto tem sobre a vida do indivíduo A disciplina é fundamental para separar o homem de uma condição selvagem (Aquino, 1996)

A escola é inserida nesse contexto como mentora do ensino coletivo, do estabelecimento de normas que devem ser seguidas pelos alunos e da padronização dos objetivos de ensino a serem atingidos, traçando o modo como alcançá-los e o controle de seus resultados.

Com o surgimento das instituições de ensino, o indivíduo necessitou lapidar seu talento buscando aperfeiçoar suas habilidades e disciplinar suas ações. O objetivo desse disciplinamento era transformar o indivíduo em alguém mais obediente, útil, eficiente levando-o a se aperfeiçoar e a ser moldado conforme padrões da conjuntura. A escola era então o instrumento dessa transformação e o docente o detentor e transmissor do conhecimento, ator principal da cena, enquanto ao aluno cabia a passividade de um mero receptor e ouvinte. A disposição e organização da sala de aula já destacava o professor como superior e soberano no cenário de ensino. Ele possuía o poder de penalizar os indisciplinados e decidir o rumo de cada aluno com avaliações e notas e definindo o sucesso ou insucesso do mesmo. Os alunos que tinham acesso ao ensino eram o que possuíam maior poder aquisitivo. O poder do professor era ratificado pela palavra dos pais. A escola era para poucos, não era obrigatória e por isso os que não almejavam ir até o fim, podiam desistir no meio do caminho. O professor ditava as regras e os alunos não tinham voz ativa e nem se atreviam a contestar o mestre. A realidade escolar refletia o momento histórico de repreensão e falta de igualdade entre os indivíduos (Benaletti, 2015).

Com o decorrer da história, este quadro foi paulatinamente sendo substituído em decorrência da alteração das relações de poder. Isso trouxe impacto sobre a disciplina na escola e a mesma foi perdendo força. Houve um mover da balança nessa relação de poder onde, na atualidade se percebe liberdade sem medida dos alunos, em contrapartida a perda de autoridade dos professores.

Vários fatores influenciaram esta perda de autoridade e diminuição da disciplina. Dentre eles, a partir de 1988, quando a Constituição Federal brasileira determinou que o acesso ao ensino fundamental passa a ser universal: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Constituição do Brasil, 1988).

A partir desse advento da obrigatoriedade por lei ao acesso ao ensino, pais passam a ter o dever de levar seus filhos para a escola. Assim, crianças foram impostas a estudar, as vezes contra a sua vontade e sem o apoio dos pais. Com o tempo, surge no Brasil a “bolsa família”, pais passam a obrigar filhos a irem à escola para receber o benefício sem a devida preocupação com os resultados escolares, uma vez que a exigência era apenas atestar a frequência do aluno em sala. Atos indisciplinados parecem surgir com mais frequência quando o disciplinamento se dá pelo estabelecimento de normas e formas de conduta impostas por outro sem a verificação do interesse das partes (Benaletti, 2015).

Fato é que para que o ser humano consiga alguma coisa na vida, é necessário algum nível de disciplina e compromisso com o caminho escolhido. Muitas vezes, o ato de disciplinar não é visto como uma maneira de estabelecer metas, ações com rotina mínima e foco que levarão o indivíduo ao sucesso. E não há como negar que ser disciplinado traz benefícios a quem se deixa disciplinar.

Quer seja por força de lei, por necessidade de sobrevivência, para alcançar sonhos e metas, não há como o indivíduo realizar sem disciplinar suas ações. Michel Foucault cita a sobrevivência como uma necessidade forjada pela disciplina. (Foucault, 1999)

O disciplinamento não é uma ação equivocada em si mesma. É na verdade uma importante ferramenta para realização de tarefas, conquista de objetivos, convivência na sociedade e até mesmo de gerar equidade entre os indivíduos. A disciplina deixa de ser positiva quando trata com desigualdade, quando impõe regras arbitrárias e não se porta como instrumento útil para dinamizar as ações e relações dentro de uma sociedade.

Fica difícil acreditar que uma instituição de ensino ou qualquer outra organização que deseje sucesso em seus objetivos, não deva levar seus integrantes a cumprir regras e normas

estabelecidas, não somente para a melhor convivência entre todos, mas também para que haja cumprimento do que se propõe.

A disciplina, quando bem usada, leva o indivíduo a um ordenamento moral, social e cognitivo que não deve ser desprezado.

5.2 Indisciplina no Contexto de Ensino

A indisciplina sempre existiu no ambiente escolar. O que parece vir mudando com o tempo é a forma como se apresenta, como é conduzida e o que passa a ser e deixar de ser considerado ato de indisciplina. Se fosse possível colocar os alunos dos tempos atuais em uma sala de aula datada do Brasil colônia, é possível que houvesse todo tipo de problema e revolta por parte de alunos e também professores. A pessoa do professor mudou, o aluno ocupa hoje um lugar de destaque, e a definição de disciplina dentro das instituições de ensino, acompanhou essa mudança. A sociedade aceita novos conceitos e a mudança nas relações humanas e na velocidade em que elas se estabelecem e igualmente podem ser romper, ditam uma nova forma de se relacionar. A figura de autoridade foi desmembrada e a depender da situação, o poder muda de mãos, de forma e de situação.

A conjuntura, o momento da sociedade e suas dificuldades como por exemplo a violência influenciam o ambiente escolar e trazem sobre as relações existentes na instituição, um reflexo do ambiente externo, surgindo assim a indisciplina. A desigualdade social, o choque entre gerações e a crise de valores também tem um impacto sobre indisciplina. Assim, o entendimento sobre indisciplina e disciplina e a forma de combate, se adequam à forma como a escola adota suas abordagens teóricas e metodológicas. A exemplo disso, quando a instituição considera que educar o aluno para conviver com a sociedade faz parte do processo educativo, então o ato de disciplinar passa a ser uma necessidade imediata. E essa forma de disciplinamento e de entendimento do que é disciplina, muda conforme a abordagem pedagógica da instituição, sendo para algumas organizações tradicionais, a manutenção da ordem, do silêncio e da obediência, o fundamento da prática pedagógica. A intenção é que toda a imposição realizada pela instituição de ensino seja aceita e interiorizada pelo aluno (Estrela, 1992).

Já a educação contemporânea, denominada na obra de Estrela como “Educação Nova”, trata o disciplinamento dos alunos como apoio de ações democráticas onde a construção das regras e das formas de tratar a indisciplina são realizadas em conjunto com o aluno. Pensando

dessa forma, as infrações passam a ser um atentado contra a construção coletiva e assim, fica mais fácil cobrar o cumprimento daquilo que foi estabelecido por todos (Estrela, 1992).

Confrontando a escola moderna com a tradicional, onde impor regras e construir juntos são formas distintas de se propor a disciplina, percebe-se que nem em nenhum dos contextos descritos, a indisciplina desapareceu por completo. E a percepção é a de que nem sempre construir normas junto vai resolver o problema. Haverá momentos em que o conflito existirá e poderá até mesmo ser provocado por influências externas.

De uma forma ou de outra, dentro das instituições de ensino a disciplina dita regras como horário, prazo de entrega de trabalhos e tarefas, normas de convivência, dentre tantas outras normas que quando desconsideradas, tomam a forma de indisciplina. Essas normas podem ser gerais ou específicas do ambiente, onde detalhamentos de condutas e ações podem ser específicas do local e destoar até mesmo do que é aceito como normal pela sociedade. A exemplo disso a forma e as limitações de se vestir no ambiente escolar. Não necessariamente a indisciplina se dá apenas em sala de aula, ela pode acontecer também no pátio da escola, nos corredores ou em qualquer ambiente dentro das dependências da instituição. Muitos professores referem conviver com a indisciplina de várias formas como por exemplo o ato de não participar da aula, conversas em sala de aula, não levar o material para aula, uso de celulares e até situações mais graves como violência física, tráfico de drogas, porte de arma (branca ou de fogo) ou furtos. A grosso modo a indisciplina passar a ser entendida como uma quebra das regras estabelecidas e as vezes se aproxima de casos de polícia (Pimenta, 2012).

Em 2006, Tania Zagury publicou o livro *O professor refém* onde continha resultado de uma pesquisa com os principais problemas encontrados por 1200 professores em 22 estados brasileiros. A indisciplina foi citada por 22% dos professores e a desmotivação e desinteresse pelo conhecimento foi mencionado por 21% deles. Zagury (2018) refere que o problema não deve ser atribuído à falta de habilidade do professor. Atualmente são muitas as exigências que a sociedade, a família e as instituições de ensino fazem em relação ao professor e as mesmas parecem muito mais pesadas que quatro décadas atrás. Percebe-se que as famílias não possuem mais autoridade sobre seus filhos, a sociedade se transformou em consumista, difundido o desprezo pelo conhecimento, o imediatismo e o individualismo, que somados a outros fatores menores, induzem a indisciplina e a desmotivação em sala de aula. Associado a isso a falta de apoio da família, a falta de sanção aos que cometem atos de indisciplina dentro e fora do ambiente escolar (apoiado pelo estatuto da criança e adolescente e outras vertentes que inibem qualquer tipo de sanção), e o posicionamento equivocado do Poder Judiciário que interfere nessa relação educacional, usando os direitos das crianças. O ato de ensinar se torna inviável,

uma vez que não se valoriza o aprendizado, a escola e os mecanismos de ensino. A consequência disso sobre os professores é a falta de vontade em dar aula, seu adoecimento, inúmeros atestados médicos e até mesmo o abandono da profissão (Zagury, 2018).

Então, a indisciplina vai tomando forma ou perdendo /ganhando a sua força a depender de como se portam os atores envolvidos. A imposição de regras, quando não concordadas por uma das partes, pode gerar atrito. Assim, os alunos que são obrigados a ir à escola parecem ter mais chance de se rebelar e cometer atos de indisciplina. No Brasil, os pais são obrigados a matricular seus filhos nas escolas a partir dos 4 anos de idade e por mantê-los na escola até os 17 anos (Lei n.º 12796 de 4 de abril de 2013).

Outro fator que pareceu contribuir para o aumento da indisciplina foi a diminuição de tempo dos pais com seus filhos, principalmente da mãe que deixa de ser dona de casa para ajudar no orçamento familiar participando do mercado de trabalho. Essa ausência foi também responsável por uma crise de autoridade da educação nas escolas, como se o afastamento da autoridade de pais e mães em casa refletisse sobre o ambiente escolar. (Pimenta, 2012). A mudança da sociedade cria novas regras e a substituição da sociedade paternalista por uma em que a mulher toma novos espaços, tirou a figura feminina do convívio com os filhos. A educação dos mesmos, muitas vezes fica nas mãos de pessoas contratadas para cuidar, outros parentes e até mesmo a instituição de ensino.

A desestruturação da família, desorientação, inversão de valores e hierarquia alterada, levam às mãos dos professores uma tarefa que não lhes pertence, a de fazer o papel educacional dos pais. Essa transferência de responsabilidade também interferiu no andamento da disciplina no ambiente escolar. Surge o aluno sem limites, carente, que não aceita “não” como resposta, agressivo, impaciente, intolerante e que não respeita regras. Segundo Rego é no seio familiar que se iniciam as primeiras lições de sociedade, sendo os pais os primeiros grandes influenciadores da criança e do adolescente. São os exemplos percebidos em casa que forjam a personalidade do indivíduo e vão influenciar no comportamento do mesmo na escola (Rêgo, 1996). Sendo assim, é no ambiente familiar que surge o primeiro contato com o sentido de disciplina, de organização, autoridade e socialização. O comportamento do aluno é um reflexo do ambiente familiar.

Um outro motivo que pode contribuir para a indisciplina é o fato de as escolas não falarem a mesma linguagem do aluno usando a nova forma de comunicação digital que a tecnologia trouxe à sociedade. Instituições que não inserem tecnologia associada às práticas pedagógicas, ficam a margem da linguagem vivida pelos alunos. Professores que seguem a linha tradicional no processo de ensino-aprendizagem, se distanciam do mundo do aluno e não

contribuem para sua motivação. No mundo atual não cabe mais a figura do professor como o único que fala dentro de uma sala de aula, com aulas longas discursivas e nada participativas. O diálogo passa a ser importante dentro do ambiente de sala de aula. O professor precisa usar, além da tecnologia disponível, sua criatividade e adaptação ao novo contexto social. O aluno não figura mais como modelo inferior, mas surge como ator que possui necessidade de se expressar, participar ativamente da aula, questionar e até mesmo duvidar do que está sendo ensinado. Os modelos de poder da sociedade foram diluídos e com ele o arquétipo do professor inquestionável. (Pimenta, 2012, Neves, 2011).

A estrutura escolar com salas de aula abarrotadas de alunos, manter a contratação de professores sem adequada formação para a matéria ensinada, ausência de sistema de formação profissional coerente e falhas estruturais da instituição como um todo, podem contribuir para o conflito dentro das instituições. A escola também precisa verificar onde contribui para as causas da indisciplina (Estrela, 1992).

Estudos apontam para a dificuldade em lidar com atos de indisciplina. Pimenta cita em seu texto que uma pesquisa realizada em 2008 pela Organização dos estados Ibero-Americanos incluindo mais de oito mil professores demonstrou que a maioria dos professores acredita que devem ser tomadas atitudes mais duras como resposta à indisciplina dos alunos. Dentre as reprimendas citadas estava a expulsão do aluno e até mesmo aumentar o policiamento nas escolas. Há relatos de problemas menores como proibição de uso de celular em sala de aula ir parar em delegacia porque o aluno não aceitou a repreensão e acabou discutindo de forma severa com o professor (Pimenta, 2012)

Independente de qual seja o motivo gerador da indisciplina, seja por ausência de participação familiar, falta de perspectiva com o futuro, má influência dos meios de comunicação, clima de competição ou qualquer outro motivo, é necessário que aquele que comete o ato de indisciplina seja responsabilizado. Uma vez cometida a infração, não se pode desconsiderá-la. Os tempos atuais refletem uma mudança importante do autoritarismo exacerbado para a permissividade excessiva. Isso não exime professores de aprenderem novas estratégias para lidarem com os comportamentos inadequados (Veiga, 2007).

Nada disso retira da disciplina o seu papel importante dentro do ambiente escolar. Para que haja a execução de diversas atividades sejam individuais ou em grupo, a disciplina é um fator imprescindível para estabelecer a ordem e conclusão do que foi proposto. Portanto é fundamental entender quais são as consequências que a indisciplina traz ao ambiente escolar e sua interferência no processo de ensino-aprendizagem. Neste contexto todos perdem; alunos, professores e escola.

Perde-se muito tempo em sala de aula com a indisciplina e isso tem consequências diretas sobre a eficiência do processo de ensino e aprendizagem. O desgaste gerado pelo clima de desordem tem efeito direto sobre o professor enquanto indivíduo, comprometendo seu estado emocional, gerando frustração, desânimo e até desejo em abandonar a profissão. (Oliveira, 2009).

A indisciplina tem como consequência a perda de tempo. Professores gastam muito de seu tempo de aula tentando controlar a desordem causada pela falta de disciplina, em detrimento da exposição do conteúdo e da aprendizagem. Isso afeta, além daquele que causa a desordem, também ao professor e toda a sala de aula. O prejuízo é para todos. Essa perda de tempo para solucionar o problema pode ser causada por falta de preparo do professor em lidar com a situação, alunos que não aceitam disciplinamento, falta de envolvimento da direção em relação a comportamentos inadequados ou outros motivos (Nascimento, 2002).

Embora o professor seja bastante afetado, a indisciplina não pode ser encarada como algo que apenas ele deva resolver. A instituição escolar não pode se furtar a participar da solução do problema. É dever da escola ajudar o docente na resolução da indisciplina. A mesma precisa ser tratada como uma questão institucional.

A quebra de regras, a não aceitação da norma estabelecida, o enfrentamento gerado por formas de pensar e se comportar diferentes podem produzir a quebra da disciplina. Isso pode ser fomentado dentro do contexto família, no ambiente escolar, em alguma parte da sociedade, pelo professor ou no meio dos alunos (Vasconcelos, 2004). Para que a disciplina seja estabelecida é necessário esforço, comprometimento e dedicação de todos os sujeitos envolvidos. Faz parte da prática diária do educador o seu exercício. Deve ser construída e administrada todos os dias. O comportamento indisciplinado também pode ser sinal de insatisfação produzida no ambiente escolar. A construção da conduta pedagógica de forma coletiva pode auxiliar no combate à indisciplina (Vasconcelos, 2004).

Para Aquino (1996), uma vez que a disciplina traga em seu conceito o estabelecimento de normas, a indisciplina pode ser gerada não apenas pela quebra dessas normas, mas também pelo desconhecimento das mesmas. Quando o último quesito é a causa, fica claro que a parte relacional na instituição está fragilizada pela comunicação ineficaz. (Aquino, 1996).

Segundo Rego, a indisciplina pode ser um indício da ineficiência pedagógica onde o currículo não corresponde aos anseios de aprendizado do aluno, a forma de ensinar está engessada e não conduz o aluno a novas descobertas, falta de planejamento das aulas, pouco diálogo, aulas sem participação ativa dos alunos e sem interação dos mesmos, imposição de silêncio e falta de jogo de cintura no trato com os alunos (Rêgo, 1996).

A indisciplina também pode associar-se à palavra limite e precisa ser combatida quando o limite é extrapolado. O indivíduo enquanto ser humano, aluno e cidadão precisa ter limite quanto às suas ações e aprender a delimitação de seus direitos e deveres. A educação tradicional investe numa forma mais rigorosa de lidar com as regras e a educação moderna que desponta, se baseia no diálogo, na aceitação do diferente, na liberdade de expressão, dentre outros valores. No entanto, mesmo entendendo que a sociedade passou por mudanças, assim como seus valores, não se pode minimizar o impacto da indisciplina dentro de sala de aula, principalmente quando ela não é conduzida e combatida com habilidade (Jusviack, 2009).

Atos de indisciplina interferem no andamento da aula, na forma de ensinar do professor, na atenção dos alunos presentes, na manutenção da ordem em sala de aula, no relacionamento entre alunos e professor e no processo de ensino e aprendizagem. Mesmo a educação tendo sua função social, política, cultural e até mesmo econômica, ela não pode omitir a importância do combate aos atos de indisciplina. Nem sempre a indisciplina terá motivos plausíveis (Estrela, 1992).

5.3 Conduzindo a Indisciplina

O primeiro passo é entender a gênese da indisciplina para que se possa estabelecer ações de condução e até mesmo de combate. Conhecer os alunos, entender a realidade em que vivem e manter uma boa comunicação é o começo de tudo. O ideal é prevenir e não se acomodar com o pensamento comum de que indisciplina sempre existiu e sempre irá existir. Ainda que seja verdade, é preciso dar o devido valor à sua existência e estabelecer estratégias de ação. A diversidade de indivíduos dentro da sociedade e mais especificamente dentro de uma instituição de ensino, impedem que inexista o atrito. Mas se for possível evitá-lo, minimiza-lo ou aprender a conduzi-lo, esse é um dos papéis fundamentais do educador (Neves, 2011; Nkuansambu, 2012; Soares, 2011; Tórrego, 2003).

Pensando em prevenir a indisciplina o professor precisa desenvolver o autoconhecimento sobre seu lado profissional e aprender a valorizar a si mesmo. Também é necessário conhecer o aluno, suas necessidades, problemas e sua realidade e assim, empreender maior proximidade com o mesmo. Isso vai fazer com que o professor saiba agir adequadamente no gerenciamento do próprio comportamento e também do aluno (Pereira, 2005).

A motivação pode ser um bom instrumento a ser usado pelos professores para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem e dirimir problemas com indisciplina. Ela estimula o indivíduo a fazer algo quer seja física ou mentalmente importante com o intuito de atingir

objetivos específicos. O aluno motivado não arruma desculpar para não fazer, mas se esforça por conseguir. A prevenção da indisciplina passa pela motivação do aluno. Muitos autores que escrevem sobre ensino e aprendizagem correlacionam a motivação com o processo de ensino e aprendizagem. Alguns professores discordam dessa informação e referem que, mesmo buscando práticas de motivação, percebem que o resultado final não corresponde ao esperado, mostrando que a motivação não é a saída única para determinar o aprendizado do aluno. O processo de aprendizagem inclui vontade, atenção, capacidade de analisar, comparar, sintetizar, analisar dentre outras, lembrando que a motivação por si só pode não garantir todos esses itens (Moyses, 1995).

A proposta de ensino precisa estar aliada às instalações da instituição, bem como estar adequada às necessidades de alunos e professores. A relação pedagógica deve ser discutida continuamente incluindo as questões relacionadas à indisciplina e a discussão deve incluir toda a equipe de educadores, professores, alunos, família e sociedade (Arantes, 2015).

É importante lembrar que as vezes a disciplina cria regras para que o aluno se mantenha inerte, obediente e resignado, passando a estimular a motivação que conduzirá o aluno a ter vontade de aprender, perseverar durante o processo de aprendizado, participar ativamente da aula e enfrentar as dificuldades que surjam.

Neste novo contexto o professor deve abandonar o conceito tradicional de ensino e entender a disciplina como processo organizado, estruturado em torno de ideias, conceitos e proposições que assume o aluno como ator essencial na construção do conhecimento (Aquino, 1996).

No modelo pedagógico eficiente, o professor precisa desenvolver ao mesmo tempo a disciplina e a motivação. Atividades que desencadeiem motivação vão diminuir os problemas de indisciplina. O aluno motivado se fixa no processo de ensino e não perde tempo pensando em formas de criar desordem no ambiente de sala de aula. A motivação é um meio de prender a atenção do aluno (Aquino, 1996).

A tarefa de motivar não é simples e exige do professor criatividade, percepção das dificuldades e necessidades dos alunos, desenvolvimento de atividades desafiadoras e a contínua reflexão sobre o método de ensino.

As regras podem ser construídas com a participação de todos, usando o diálogo entre professores e alunos. Após estabelecidas, devem ficar aparentes para que todos possam visualizar. Deve existir reavaliação periódica das regras estabelecidas e todos devem participar do processo.

Algumas vezes, a indisciplina é um grito de alerta que traduz o comodismo do professor, formas de ensinar engessadas, escolas desorganizadas, estruturas físicas ruins dentre tantas outras dificuldades vividas pelo aluno. O questionamento de regras já figurou em dado momento da história, em quebra de paradigma e um direcionamento para evolução da sociedade em relação a assuntos específicos. Quando a disciplina se comporta como limitadora do crescimento humano ou como uma forma de ditadura, ela traz malefícios além do desconforto próprio de sua imposição. Portanto sempre que atos de indisciplina surgirem, deve-se refletir sobre o motivo de sua gênese e se há algo a ser reavaliado no processo de ensino definido pelo professor e pela instituição de ensino. A disciplina não deve ser uma ferramenta coercitiva e de impedimento de evolução. Deve apenas delimitar as regras e processos para o melhor andamento do projeto pedagógico e das relações entre alunos e instituição de ensino (incluindo professores e funcionários) (Estrela, 1992).

A indisciplina tem efeitos bastante deletérios sobre o ambiente escolar. Percebe-se um ciclo de atitudes que alimentam a situação, quer advindas de alunos, professores ou da própria instituição de ensino. A situação se mantém mesmo tendo os professores consciência da situação. Disciplinar muitas vezes toma o lugar do compromisso de ensinar. Muitas vezes a existência de conflitos que geram a indisciplina, podem estar ligadas a fatores externos à sala de aula, como por exemplo conjuntura sócio econômica, mudanças de valores ditados pela sociedade ou problemas com políticas públicas relativas à educação. Em situações mais específicas também pode-se citar as carências pessoais dos envolvidos como causadores de conflitos. Isso indica que a solução vem igualmente de ações externas à sala de aula (Guimarães e Negrão, 2004).

Criar um significado no ato de aprender, associar o conteúdo da sala de aula com a realidade do aluno, trazem material para a vivência e a transformação diária do indivíduo. Quando se aplica o que é aprendido para mudar a própria realidade, fica fácil entender a importância do aprender.

A condução da indisciplina também vai depender do motivo de sua existência. Cabe ao professor junto com a instituição, diagnosticar e avaliar a melhor forma de combatê-la.

De uma forma ou de outra, percebe-se que a indisciplina dentro de instituições de ensino reflete o surgimento de um novo aluno e que a relação da instituição na pessoa do professor, e dos demais colaboradores ligados à educação da dita instituição, podem não reverberar a necessidade do surgimento de um novo professor e um novo corpo educador. A consequência imediata dessa relação sem equilíbrio é algum desconforto na tarefa de ensinar. Não se pode encarar atos indisciplinares apenas como uma forma de agressão pessoal ao professor ou a quem

ela foi direcionada. É necessário que o professor se empenhe em realizar sua função de ensinar e ao mesmo tempo tenha disposição para dialogar sobre as regras, as normas, os objetivos do seu trabalho e o que se espera do aluno. Não se pode omitir o diálogo amplo sobre essa questão.

Mesmo sendo o ensino atual focado no aluno, é necessário lembrar da importância do professor e do respeito que deve ser recíproco. O respeito é uma via de mão dupla. Com isso, não se pode esquecer da motivação do próprio professor. A manutenção de uma relação saudável entre professores e alunos deve ter também se basear na motivação do próprio professor para entrar em sua sala de aula e dar o seu melhor. A quebra de regras, atos de indisciplina e conflito em sala de aula também podem desmotivar o professor quanto ao seu desejo de mediar o conhecimento. Não se pode estabelecer uma relação saudável quando o foco é apenas uma das partes.

II PARTE – PESQUISA EMPÍRICA

1 Opção Metodológica

A opção escolhida para realização da pesquisa foi pesquisa exploratória e descritiva. Exploratória porque trata-se de assunto que não faz parte do campo de conhecimento do pesquisador, sendo necessário realizar maior aprofundamento do tema com leituras e pesquisa bibliográfica. Descritiva uma vez que a pesquisa investigou como a indisciplina se dá no ambiente de uma instituição particular de ensino superior, percebendo os detalhes de sua dinâmica.

A abordagem foi fundamentalmente quantitativa, uma vez que usou o fenômeno numérico para entender o objeto da pesquisa, empregando a quantificação na coleta dos dados por meio da avaliação estatística. Também houve recurso à abordagem qualitativa porque, diante dos dados coletados, se analisou e descreveu como a indisciplina se manifesta e suas variações, usando a pesquisa bibliográfica como meio de comparação, bem como aspectos da análise do discurso.

O alvo da investigação foi o curso de pedagogia de uma instituição privada de ensino superior do Distrito Federal.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário fechado desenhado parte dele pelo método de *Likert*. Os questionários foram aplicados entre os dias 11 e 12 de dezembro de forma presencial na instituição escolhida e foram colhidos dados aleatoriamente de 11 alunos e 6 professores do curso de Pedagogia desta instituição.

Os dados foram tabulados e classificados conforme perguntas e características de cada item do questionário e os resultados mostrados usando a estatística simples com gráficos e tabelas para demonstrar o resultado obtido.

2 Instrumento de Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário fechado desenhado parte dele pelo método de *Likert*.

A primeira parte do questionário busca identificar os entrevistados. No caso dos alunos, o gênero, faixa etária e semestre que estão cursando. No caso de professores, o gênero, faixa etária, tempo de docência, tempo de trabalho na instituição estudada e tipo de vínculo empregatício. As questões foram baseadas na leitura bibliográfica constante no trabalho, bem como nas experiências pessoais do autor deste trabalho. Buscou-se verificar o que os entrevistados entendem por indisciplina, suas causas e consequências, como a indisciplina é tratada pelos professores durante a aula e que comportamentos são mais encontrados dentro da sala de aula.

Os questionários foram aplicados entre os dias 11 e 12 de dezembro de forma presencial na instituição escolhida e foram colhidos dados de forma aleatória de 11 alunos e 6 professores do curso de Pedagogia desta instituição. Os dados foram tabulados e classificados conforme perguntas e características de cada item do questionário e os resultados mostrados usando estatística simples e uso de gráficos e tabelas para demonstrar o resultado obtido.

3 Análise e Interpretação de Dados

A pesquisa foi realizada com alunos e professores da faculdade de pedagogia de uma instituição particular de ensino superior do Distrito Federal entre os dias 11 e 12 de dezembro. Abaixo os resultados

3.1 Questionário do Aluno

3.1.1 Identificação do Aluno

A maioria dos alunos entrevistados é do sexo feminino (99%), concentra-se na faixa etária até 25 anos (55%) e todos estão cursando entre o quinto e oitavo semestres, sendo um terço pertencente ao quinto semestre (36,36%)

Gráfico1: Gênero dos alunos

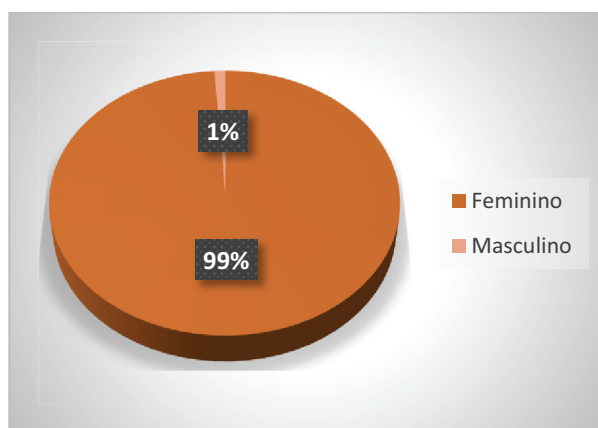


Gráfico 2: Faixa etária dos alunos

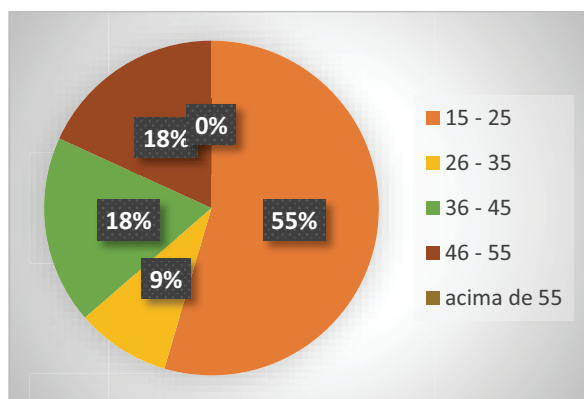
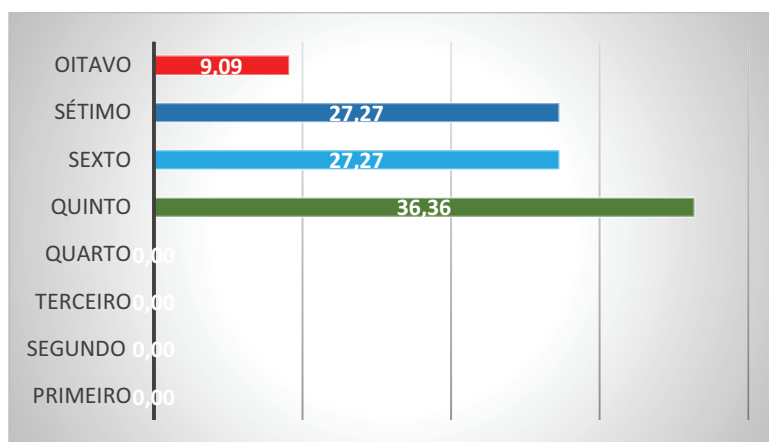


Gráfico 3: Semestre em que os alunos estão cursando

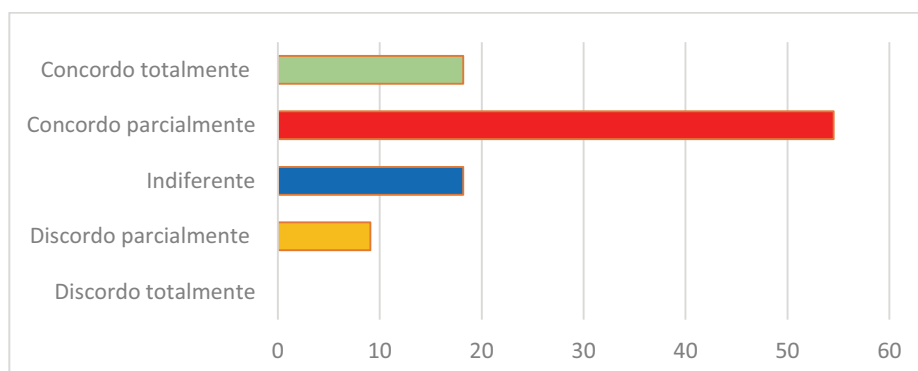


3.1.2 Comportamentos considerados atos de indisciplina na visão do aluno

A primeira questão sobre a indisciplina utiliza a afirmação de que os itens descritos são considerados atos de indisciplina e pede ao aluno que avalie cada item usando a escala de *Likert* (1.Discordo totalmente 2.Discordo parcialmente 3. Indiferente 4. Concordo parcialmente e 5. Concordo totalmente), com as seguintes afirmações:

A primeira afirmação diz que a desatenção dentro de sala de aula é um ato de indisciplina. Quase 55% (54,54%) dos alunos concordam parcialmente com a reposta; cerca de 20% concordam totalmente ou estão indiferentes (18,18%), apenas nove por cento discorda parcialmente e ninguém discorda totalmente (Gráfico 4). Na opinião da maioria o item pode ser considerado de certa forma um ato de indisciplina.

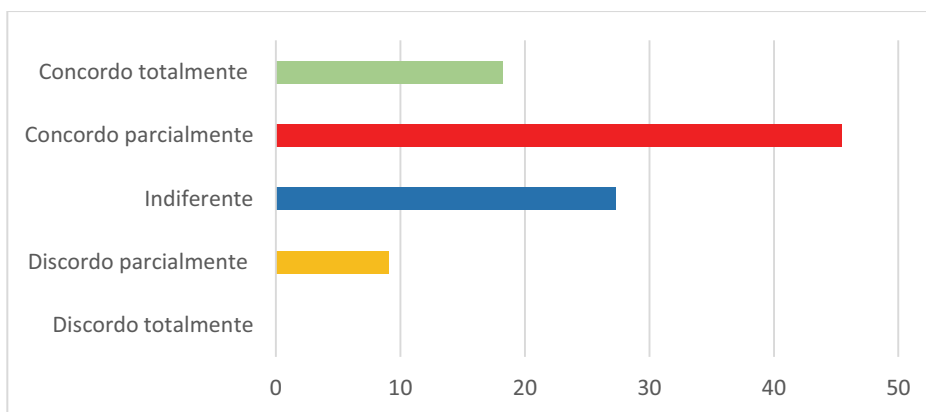
Gráfico 4: Desatenção dentro da sala de aula – Resposta do aluno



No segundo item da questão, a afirmação é sobre a inquietação durante a aula ser ato de indisciplina:

- 45,45 % concorda parcialmente,
- 27,27 % é indiferente,
- 18,18 % concorda totalmente,
- 9,09 % discordam parcialmente e ninguém discorda totalmente. (Gráfico 5).

Gráfico 5: Inquietação durante a aula – Resposta dos Alunos

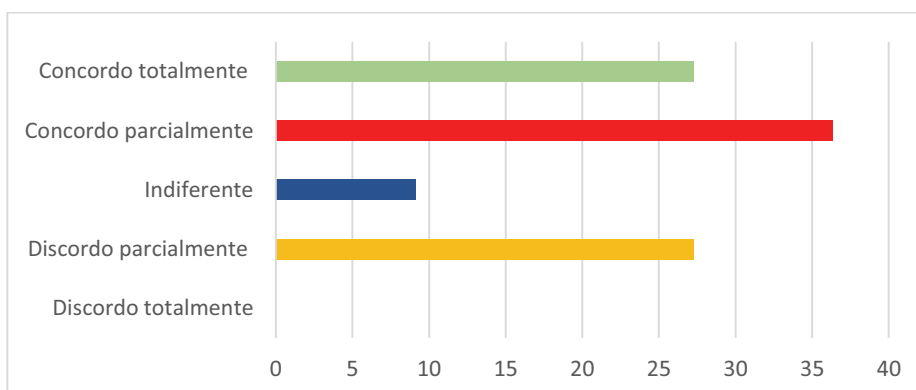


Sobre conversa ser ato de indisciplina:

- 27,27 % concordam totalmente,
- 36,36 % concordam parcialmente,
- 9,09 % é indiferente,
- 27,27 % discorda parcialmente.

Ninguém discorda totalmente. (Gráfico 6)

Gráfico 6: Conversa – Resposta dos alunos

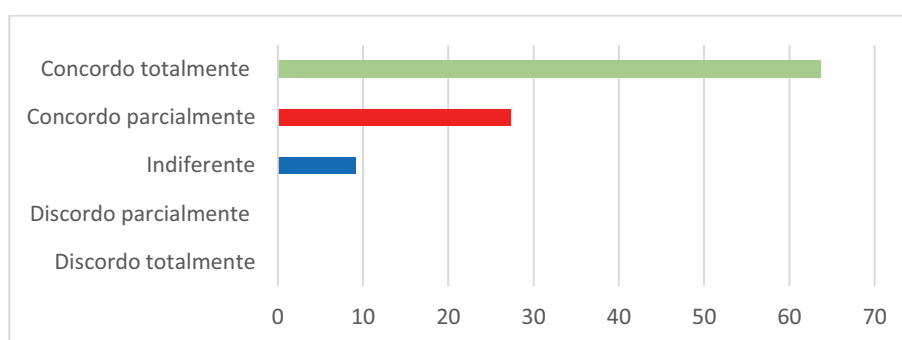


Sobre tumultuar aula com bagunça:

- 63,63% concorda totalmente ser esse um ato de indisciplina,
- 27,27% concordam parcialmente,
- 9,09 é indiferente à afirmação.

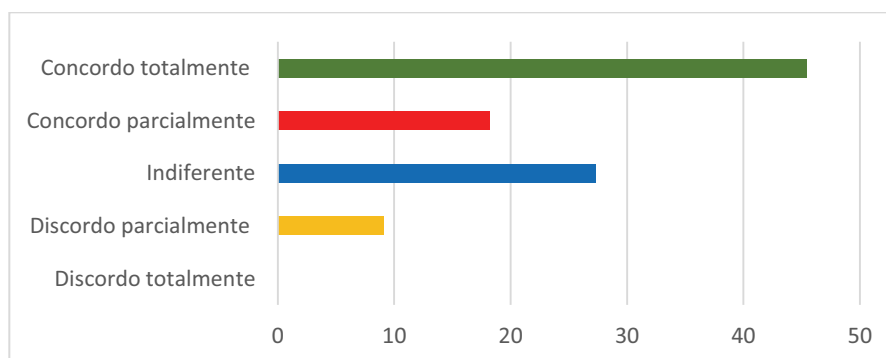
Ninguém discorda parcialmente ou totalmente. (Gráfico 7)

Gráfico 7 – Tumultuar a aula com bagunça – Resposta dos alunos



O desinteresse na aula é para a maioria, um ato de indisciplina, com 45,45% concordando totalmente com a questão, 18,18 % concordando parcialmente, 27,27% indiferente à questão e 9,09% discorda parcialmente. Ninguém discorda totalmente. (Gráfico 8)

Gráfico 8: Desinteresse em sala de aula – Resposta dos alunos

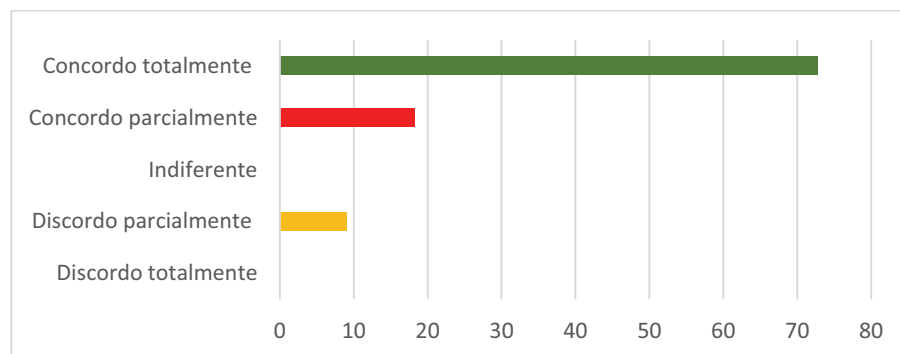


A respeito de se causar dano ao patrimônio

- 72,3% dos entrevistados concorda totalmente,
- 18,2% concorda parcialmente,
- 9,1% discorda parcialmente

Ninguém é indiferente ou discorda totalmente. (Gráfico 9)

Gráfico 9: Causar qualquer dano ao patrimônio da instituição – Resposta do aluno

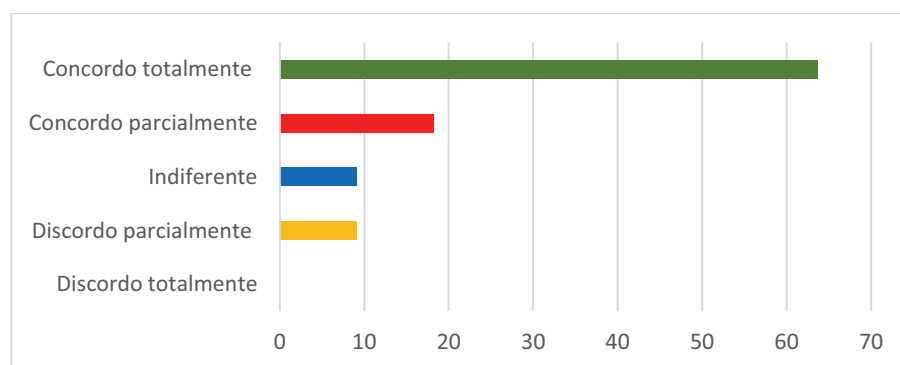


Discutir com o professor é considerado ato de indisciplina pela maioria, onde:

- 63,3 % concordam totalmente com a afirmação,
- 18,2 % concordam parcialmente,
- 9,1 % são indiferentes 9,1%,
- 9,1 % discordam parcialmente 9,1%

Ninguém discorda totalmente da afirmação. (Gráfico 10)

Gráfico 10: Discutir com o professor



A afirmação de ameaçar o colega de turma traz concordância total a 81,2% dos alunos entrevistados. Concordam parcialmente com essa afirmação 9,1% dos alunos e 9,1% são indiferentes. (Gráfico 11). Quanto a ameaçar o professor, ninguém discorda nem totalmente nem parcialmente e nem é indiferente. Concordam totalmente com a afirmação 81,8% dos alunos e parcialmente 18,2%. (Gráfico 12)

Gráfico 11: Ameaçar colega de turma – Resposta do aluno

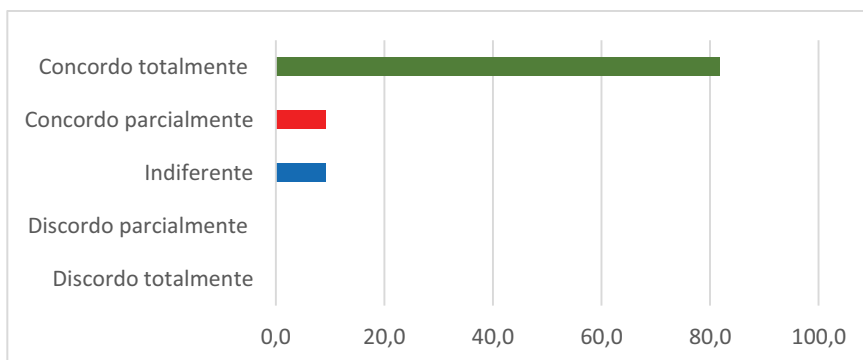
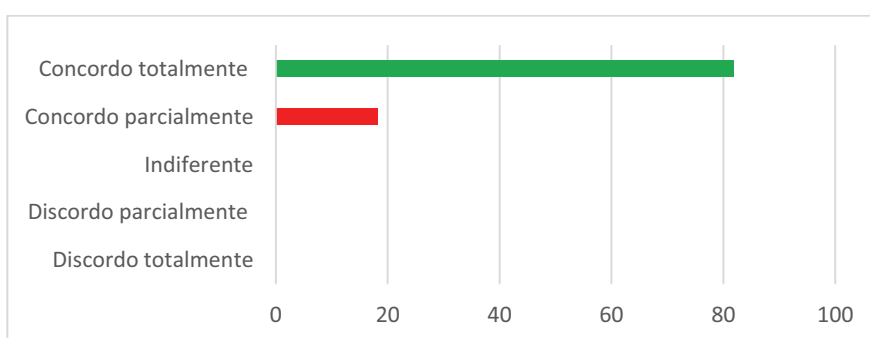


Gráfico 12: Ameaçar o professor – Resposta do aluno



Para os alunos, ser grosseiro tanto com o professor, quanto com aluno ou com o funcionário, é ato de indisciplina. Em todas as situações 90,0% concordam totalmente e 9,1% concordam parcialmente com a afirmação. Ninguém é indiferente ou discorda parcial ou totalmente. (Gráficos 13, 14 e 15)

Gráfico 13: Ser grosseiro com o professor – Resposta do aluno

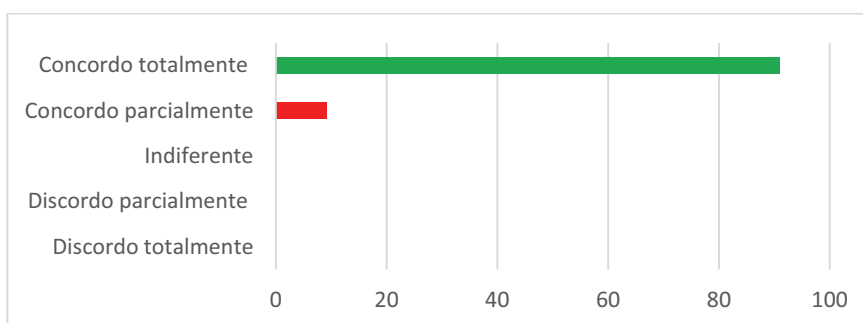


Gráfico 14: Ser grosseiro com o colega – Resposta do aluno

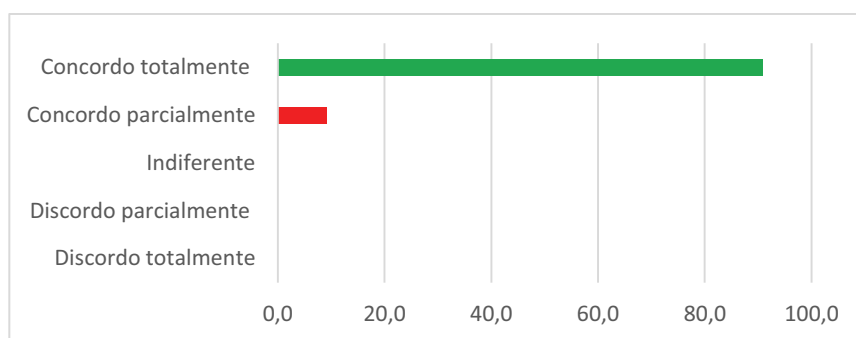
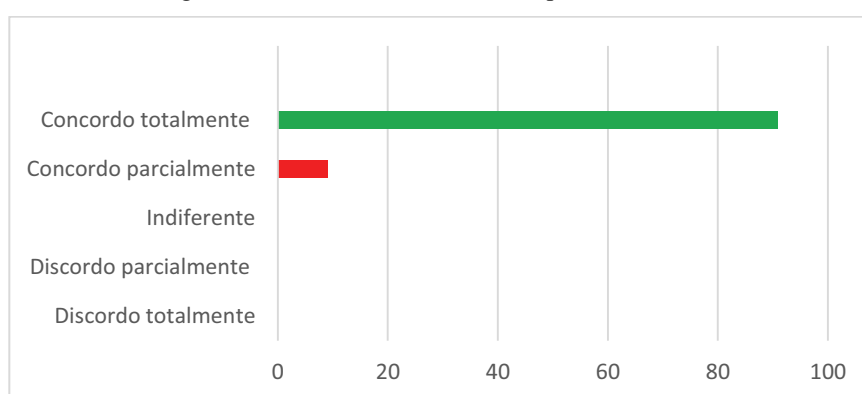


Gráfico 15: Ser grosseiro com o funcionário – Resposta do aluno



Usar o celular durante a aula quer seja para realizar ou atender chamadas ou ainda para receber ou enviar mensagens divide os alunos em suas opiniões. Atender ou efetuar chamadas é considerado ato de indisciplina por uma parte, que concorda totalmente (54,5%) ou parcialmente (9,1%). São indiferentes 18,2% e discordam parcial ou totalmente 9,1% de cada afirmação. (Gráfico 16). Já com a afirmação do uso do celular para mensagens, 27,3% concordam totalmente, 27,3% concordam parcialmente, 9,1% são indiferentes, 18,2% discordam parcialmente e 18,2% discordam totalmente. (Gráfico 17). Quanto a usar a internet de *Smartphones* durante a aula não é quebra de regras para 36,4% dos alunos que discordam totalmente da afirmação e para 18,2% que discordam parcialmente; 9,1% é indiferente, 18,2% discorda totalmente e 18,2% discorda parcialmente. (Gráfico 18). Isso mostra que para muitos alunos, usar o celular em sala de aula não configura uma infração.

Gráfico 16: Atender ou efetuar chamadas no celular durante a aula

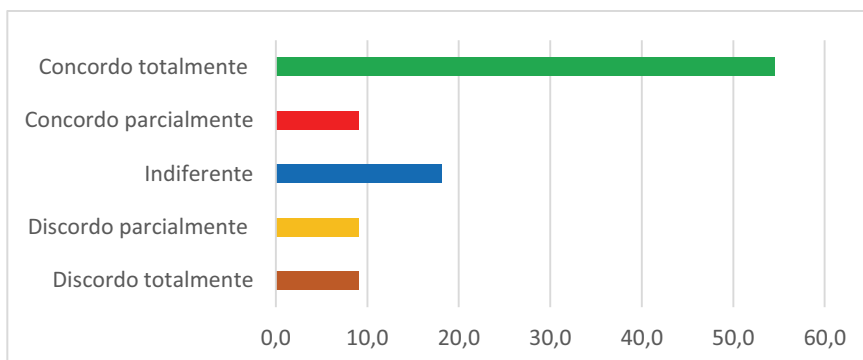


Gráfico 17: Usar serviço de mensagem do celular durante a aula – Resposta do aluno

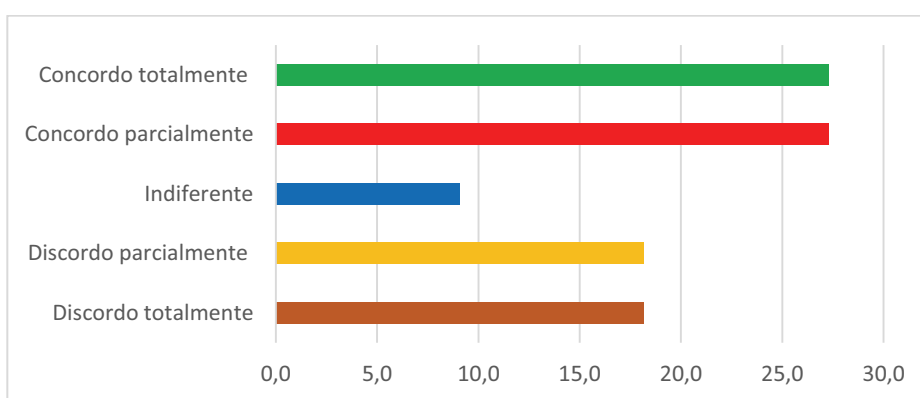
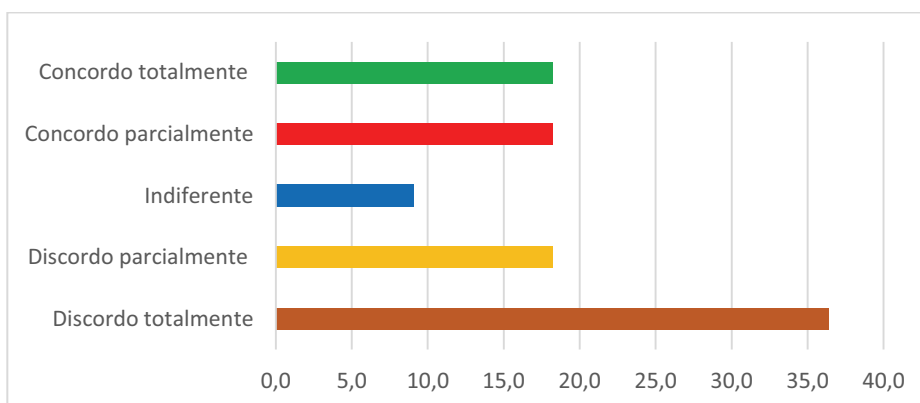


Gráfico 18: Usar internet de smartphones durante a aula – Resposta dos alunos

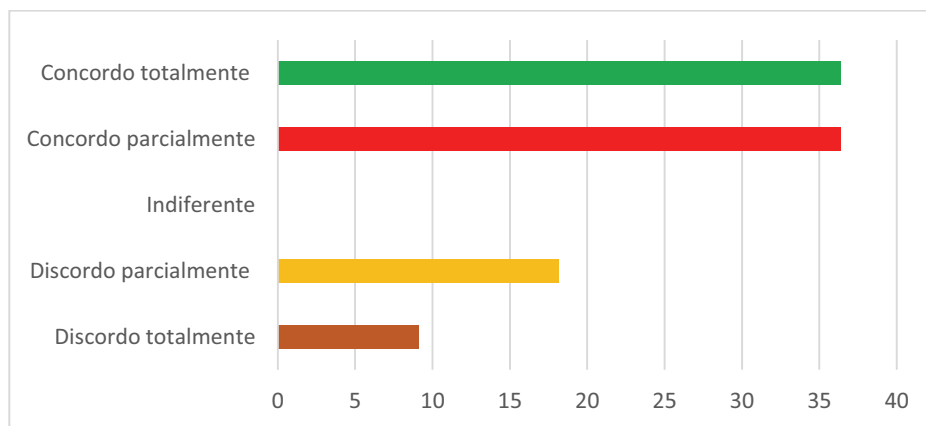


Dormir em sala de aula também divide as opiniões:

- 36,6% concordam totalmente que se trata de ato de indisciplina,
- 36,6% concordam parcialmente,
- 18,2% discorda parcialmente e
- 9,1% discorda totalmente.

Ninguém é indiferente. (Gráfico 19). É importante lembrar que os alunos entrevistados estudam de dia e não fazem parte da turma que trabalha durante o dia e estuda à noite.

Gráfico 19: Dormir durante a aula – Resposta dos alunos



Agredir fisicamente tanto colegas, quanto professores ou funcionários é encarado da mesma forma. Concordam totalmente com a afirmação 90,9 %, são indiferentes 9,1%. Ninguém concorda parcialmente ou discorda parcial ou totalmente. (Gráficos 20, 21 e 22).

Gráfico 20: Agredir fisicamente colegas – Resposta dos alunos

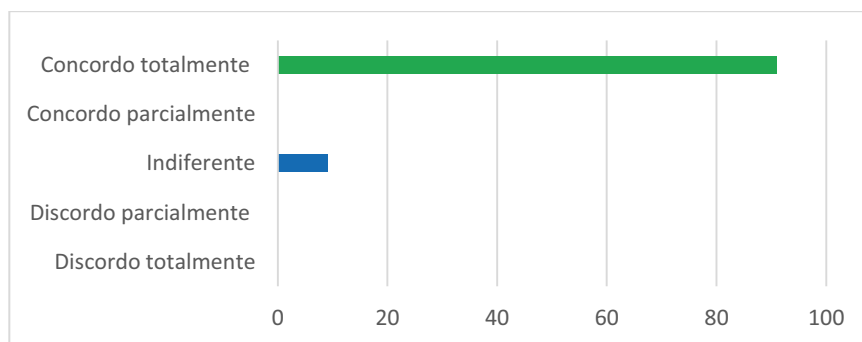


Gráfico 21: Agredir fisicamente professores – Resposta dos alunos

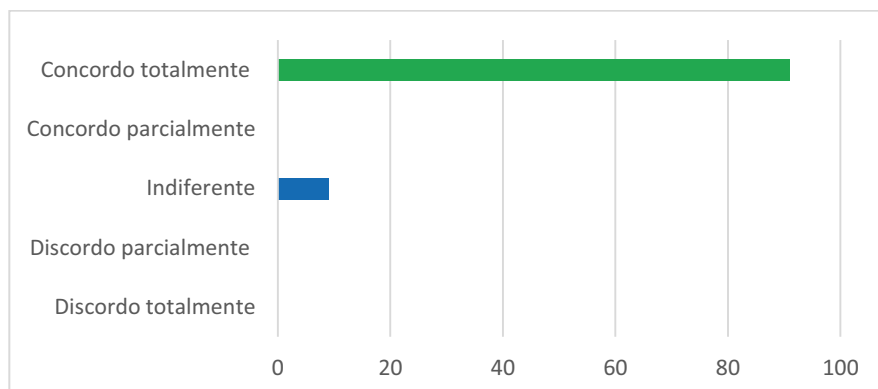
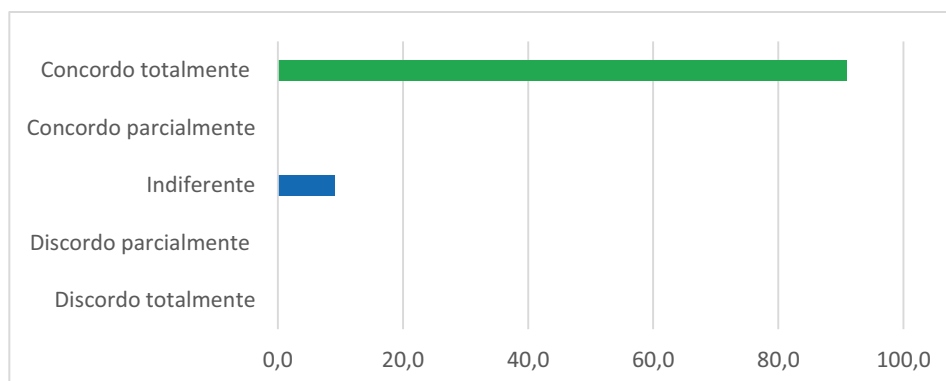
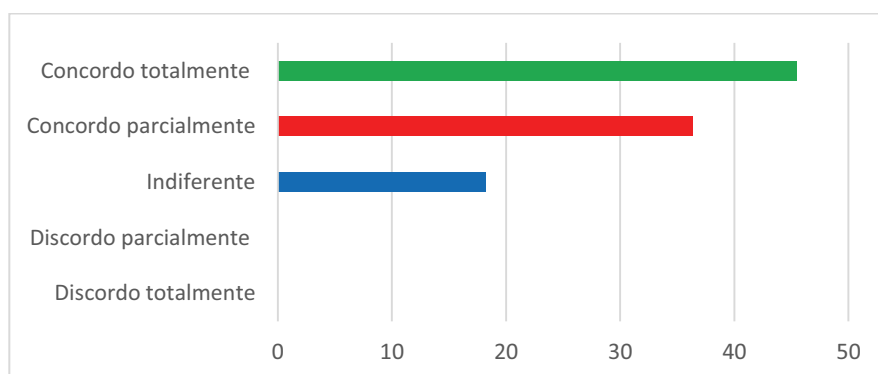


Gráfico 22: Agredir fisicamente funcionários – Resposta dos alunos



Interromper a aula sem pedir licença é considerado ato de indisciplina para 45,5% dos alunos que concordam totalmente com a afirmação. Concordam parcialmente 36,4% e são indiferentes 18,2%. Ninguém discorda parcial ou totalmente. (Gráfico 23).

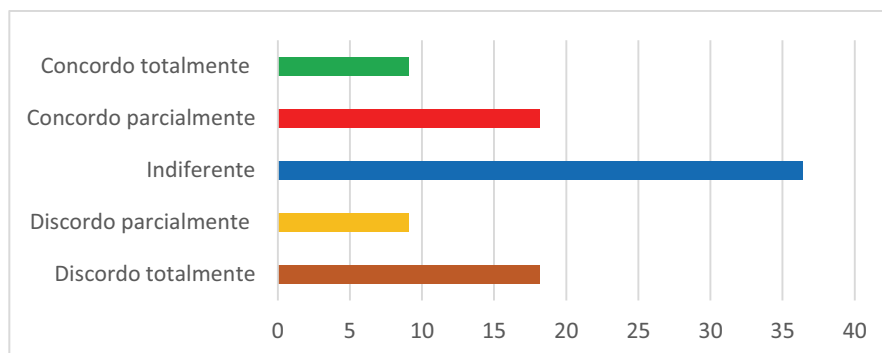
Gráfico 23: Interromper a aula sem pedir licença – Resposta dos alunos



Comer durante a aula também divide as opiniões.

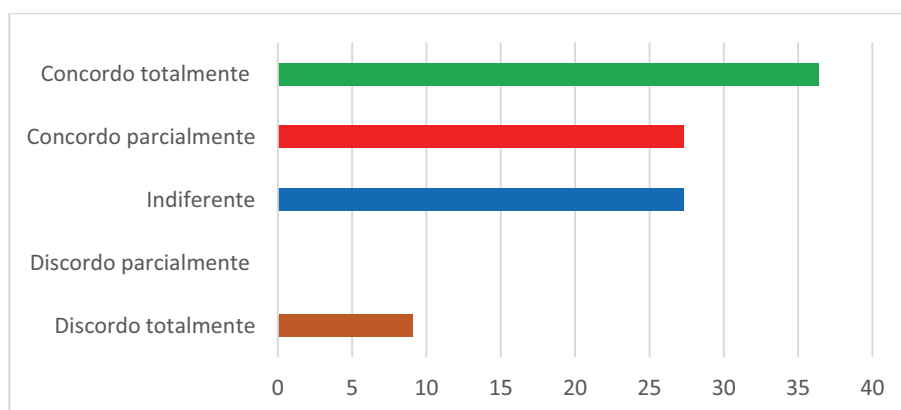
- 36,4% é indiferente à afirmação,
- 9,1% concorda totalmente,
- 18,2% concorda parcialmente,
- 9,1% discorda parcialmente,
- 18,2% discorda totalmente. (Gráfico 24).

Gráfico 24: Comer durante a aula – Resposta dos alunos



Uma boa parte dos alunos acredita que o tipo de roupa usada pode representar um ato de indisciplina. Concordam totalmente 36,4%, concordam parcialmente 27,3%, são indiferentes 27,3 % e apenas 9,1% discordam totalmente. Ninguém discorda parcialmente. (Gráfico 25).

Gráfico 25: Usar roupas como shorts, camisetas sem manga, saias curtas ou blusas decotadas



Quanto a entrar e sair da sala com frequência:

- 9,1% concordam totalmente que entrar e sair da sala com frequência é ato de indisciplina,
- 45,5% concordam parcialmente,
- 18,2 %são indiferentes,
- 27,3% discordam parcialmente.

Ninguém discorda totalmente. (Gráfico 26).

Em relação a chegar atrasado ou sair antes do final da aula é ato de indisciplina para 36,4% que concordam totalmente com a afirmação; 27,3% concordam parcialmente, 18,2% são indiferentes, 18,2% discordam parcialmente e ninguém discorda totalmente. (Gráfico 27).

Gráfico 26: Entrar e sair da sala com frequência – Resposta dos alunos

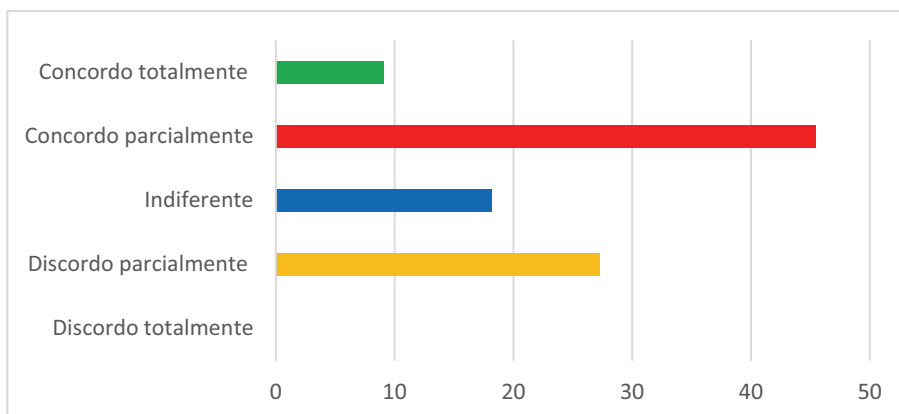
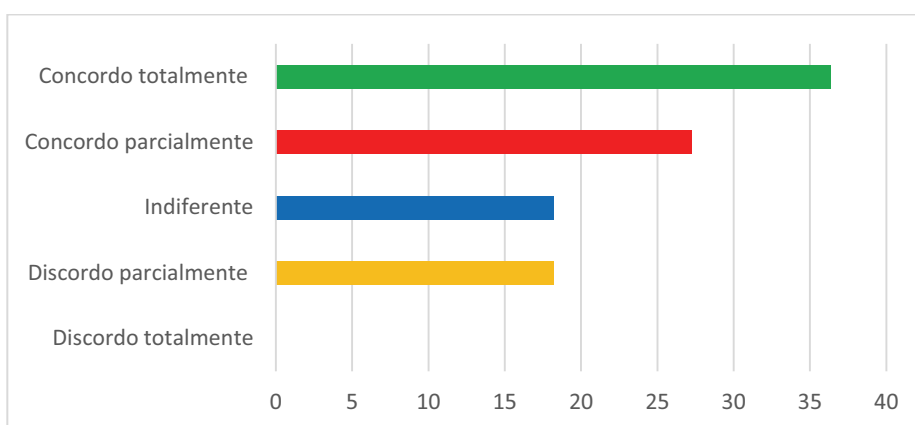


Gráfico 27: Chegar atrasado ou sair antes do final da aula



3.1.3 Comportamentos frequentes percebidos pelo aluno

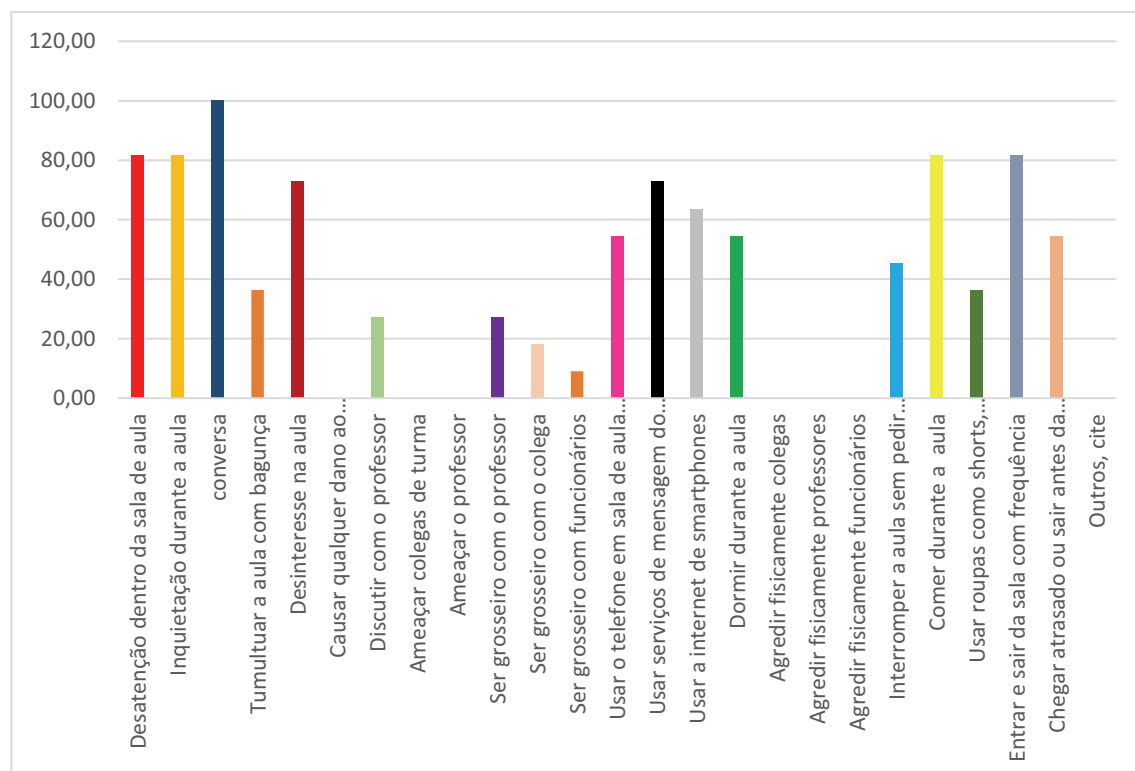
A segunda questão faz a seguinte indagação: Dos comportamentos já mencionados, quais você observar com frequência na sua sala de aula? Todos os comportamentos citados na questão anterior então são reapresentados e os alunos citam como os mais comuns:

- 100 % - Conversa,
- 81,2% - Desatenção e a inquietação dentro da sala de aula, entrar e sair e comer durante a aula,
- 72,7% - O desinteresse na aula e usar serviços de mensagem de celular durante a aula,
- 63,6% - Usar a internet de *smatphones* durante a aula,

- 54,5% - Usar o telefone para realizar ou atender chamadas, dormir durante a aula e chegar atrasado ou sair antes do termino da aula,
- 45,5% - Interromper a aula sem pedir licença

Com menor frequência foram citados tumultuar a aula com bagunça 36,4%, usar roupas como shorts, camisetas sem manga, saias curtas ou blusas decotadas 36,4%, discutir com o professor 27,3%, ser grosseiro com o professor 27,3%, ser grosseiro com o colega 18,2% e ser grosseiro com funcionário. Não foram citados os seguintes comportamentos: causar dano ao patrimônio, ameaçar colegas de turma, ameaçar o professor, agredir fisicamente professores, colegas ou funcionários. (Gráfico 28).

Gráfico 28: Comportamentos que ocorrem com frequência na sala de aula - Reposta de alunos



3.1.4 Como combater e /ou controlar a indisciplina na visão do aluno

A questão número três pede para que o aluno use a escala de *Likert* para avaliar as ações que possam combater ou ajudar a prevenir a indisciplina.

O item número um afirma que o diálogo entre professor e aluno é uma ação importante na prevenção e /ou controle.

- 72,7% concordam totalmente com a afirmação
- 18,2% dos alunos, concordam parcialmente
- 9,1% é indiferente. (Gráfico 29).

Quanto ao professor ser mais tolerante:

- 36,4% concordam totalmente,
- 45,5% concorda parcialmente,
- 9,1% é indiferente e
- 9,1% concorda parcialmente.

Ninguém discorda totalmente. (Gráfico 30).

Quanto a melhorar a comunicação entre professor e aluno:

- 81,8% concorda totalmente,
- 18,2% concorda parcialmente

Ninguém discorda parcial ou totalmente ou é indiferente à afirmação. (Gráfico 31).

As regras devem estar claras por parte do professor:

- 72,7% concordam totalmente e
- 27,3 concordam parcialmente.

Ninguém é indiferente ou discorda parcialmente ou totalmente da afirmação. (Gráfico 32).

A maioria também concorda que as regras devem estar claras por parte da instituição de ensino: concorda totalmente 72,7% e parcialmente 18,2%. São indiferentes à afirmação 9,1% dos alunos. (Gráfico 33).

Gráfico 29: Diálogo entre aluno e professor – Resposta do aluno

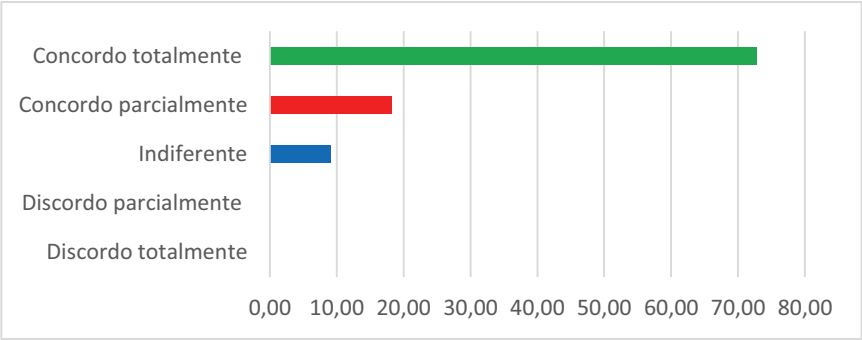


Gráfico 30: Comportamento mais tolerante por parte do professor – Resposta do aluno

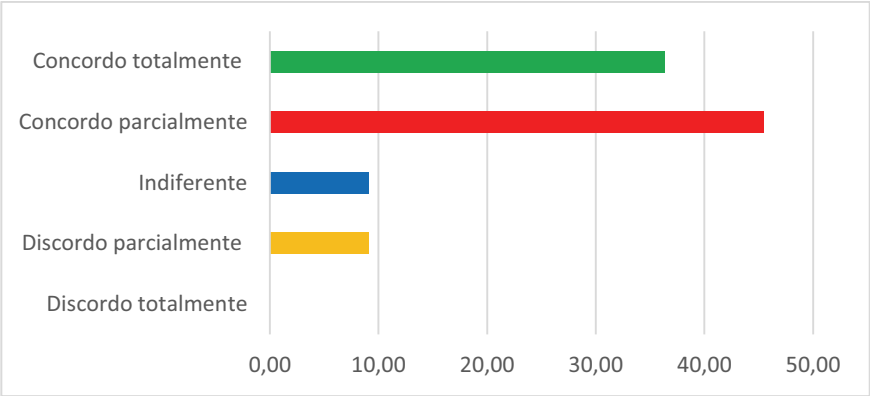


Gráfico 31: Melhora da comunicação entre professor e aluno - – Resposta do aluno

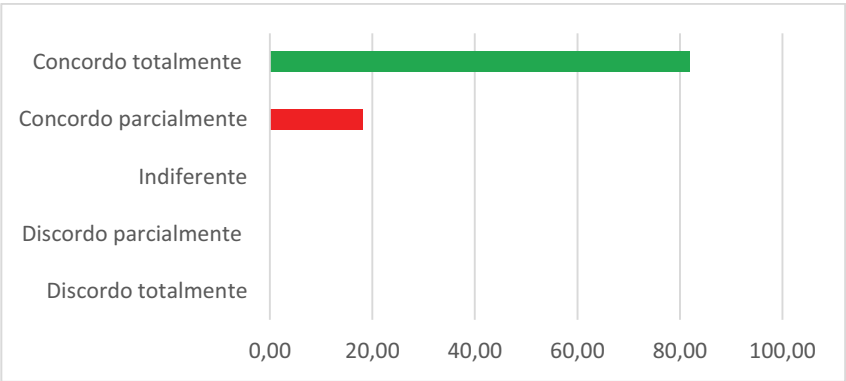


Gráfico 32: Regras claras por parte do professor – Resposta dos alunos

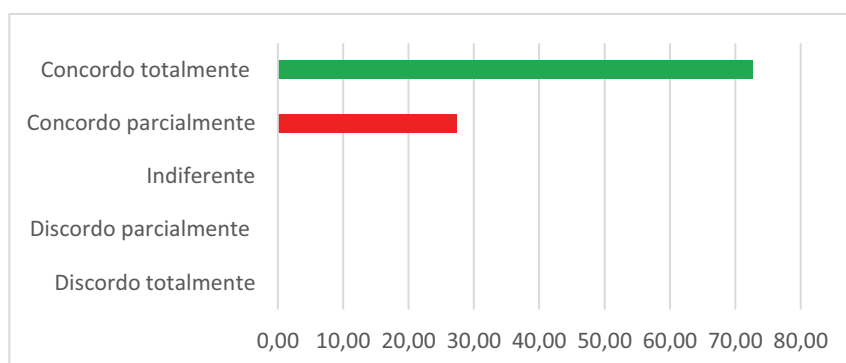
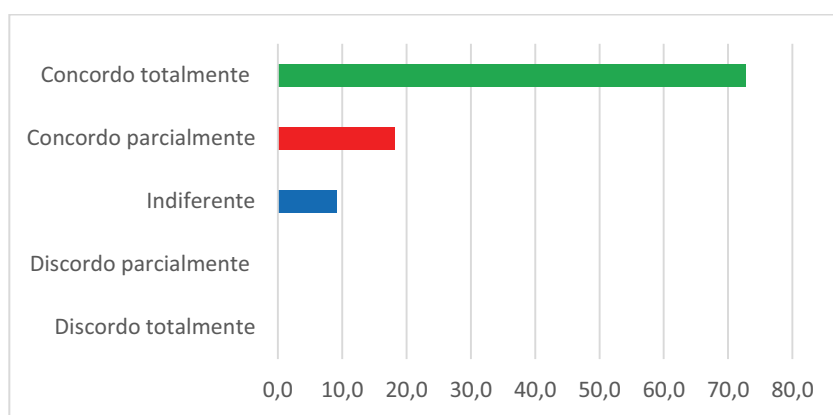


Gráfico 33: Regras claras por parte da instituição – Resposta dos alunos



A maioria acredita que o professor motivar os alunos, aulas que utilizem mais as tecnologias, aulas onde alunos possam participar mais, professores com mais conhecimento sobre a matéria e uso de aulas práticas, são ações que podem diminuir a indisciplina ou combatê-la. Ninguém discorda parcial ou totalmente de nenhuma dessas afirmações. Concordam totalmente com a afirmativa em motivar o aluno 63,6%, 18,2% concordam parcialmente e 18,2% são indiferentes. Concordam totalmente com o uso de tecnologias 45,5%, parcialmente 45,5% e são indiferentes ao uso 9,1%. Concordam totalmente que os alunos devem ser mais participativos 63,6%, parcialmente 18,2% e são indiferentes 18,2%. Concordam totalmente 63,6% que o professor tenha bastante conhecimento sobre a matéria e use aulas práticas, concordam parcialmente com ambas as afirmativas 36,4% dos alunos entrevistados. (Gráficos 34, 35, 36, 37 e 38).

Gráfico 34: Professor Motivar o aluno – Resposta do aluno

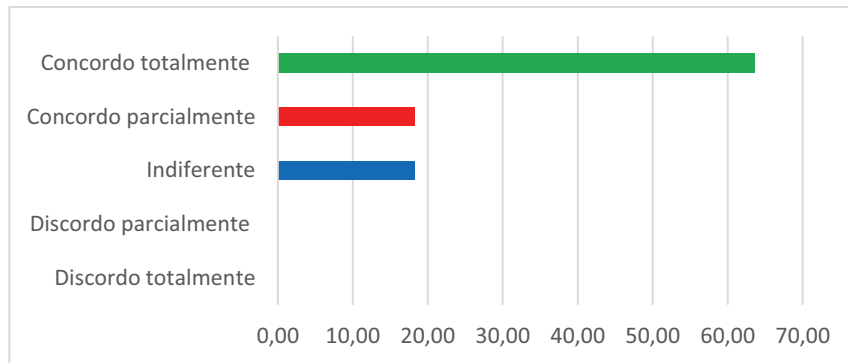


Gráfico 35: Aulas que utilizem mais tecnologia – Resposta do aluno

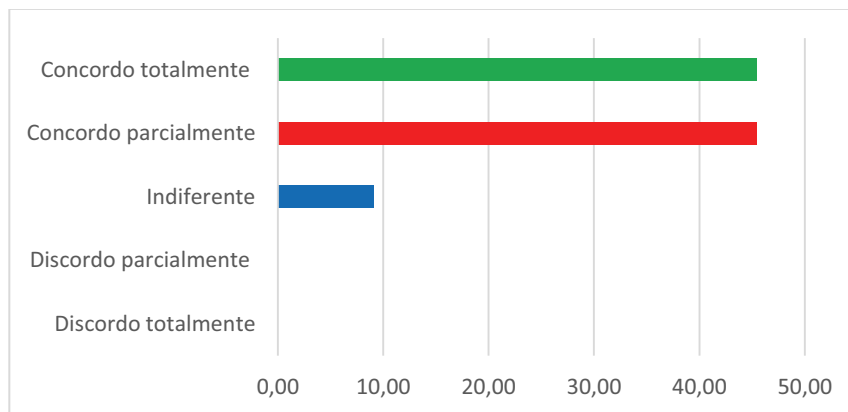


Gráfico 36: Aulas onde alunos participem mais – Resposta do aluno

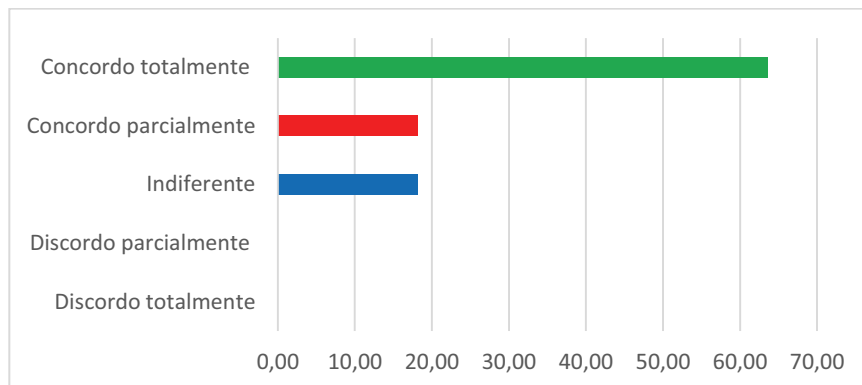


Gráfico 37: Professores preparados com bastante conhecimento sobre a matéria – Resposta do aluno

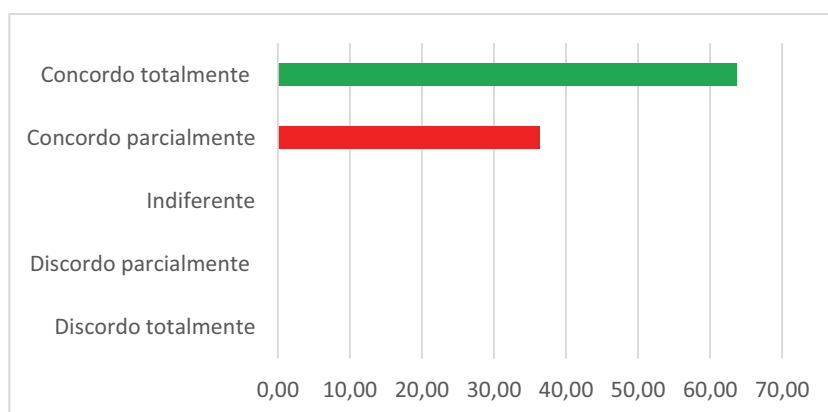
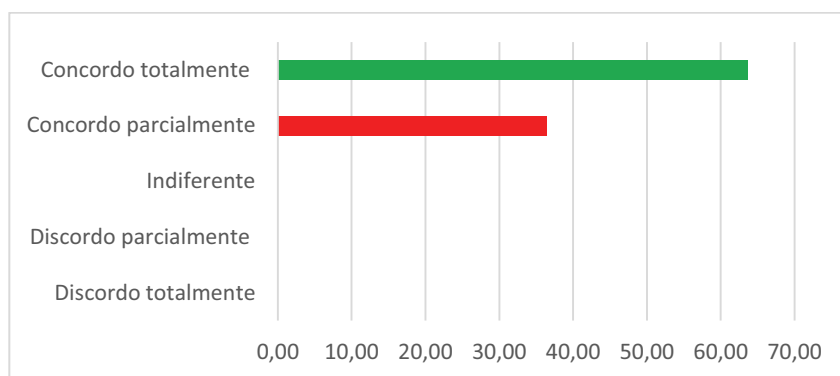


Gráfico 38: Uso de aulas práticas – Resposta do aluno



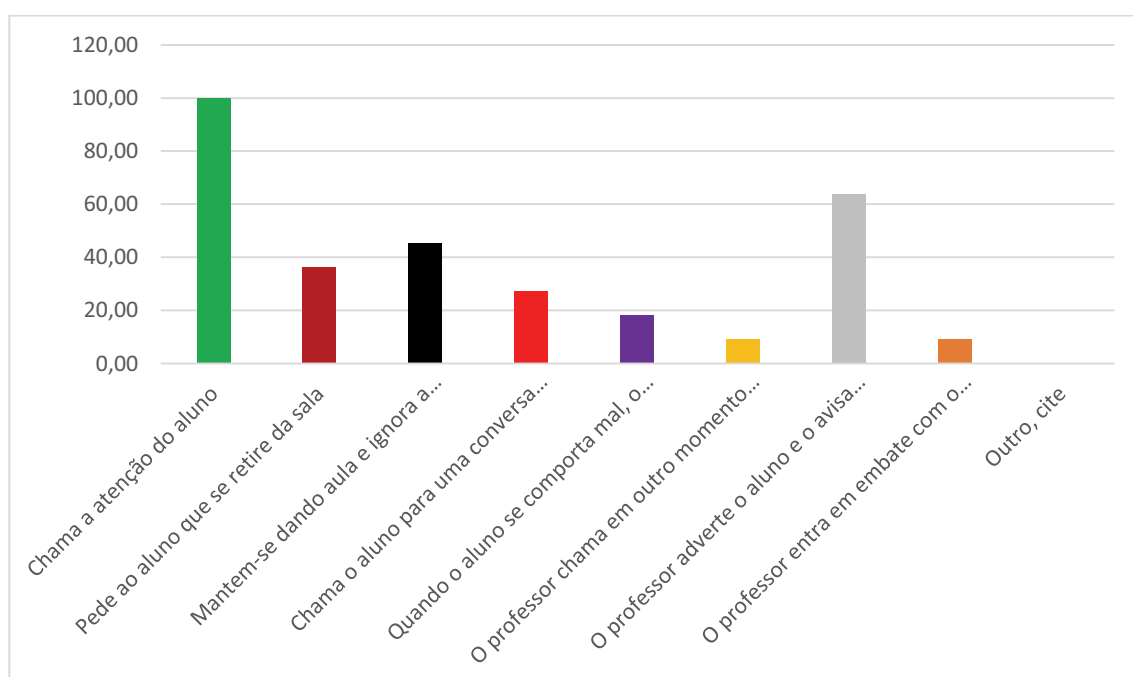
3.1.5 Como os professores conduzem a indisciplina em sala de aula na visão do aluno

Na questão número quatro, os alunos são questionados sobre quais são as atitudes dos professores em sala de aula quando se deparam com a indisciplina. Alguns itens são apontados para serem marcados e o aluno tem a possibilidade de acrescentar alguma ação que faça parte de sua realidade. Os seguintes itens foram marcados:

- 100 % - O professor chama a atenção do aluno,
- 63,6 % - O professor adverte o aluno e o avisa sobre possível correção disciplinar,
- 45,5 % - Professor mantém-se dando aula e ignora a atitude do aluno,
- 36,4 % - Pede ao aluno que se retire da sala,
- 27,3 % - Chama o aluno para uma conversa particular em outro momento,

- 18,2% - Quando o aluno se comporta mal, o professor busca a direção ou coordenação imediatamente em busca de solução,
 - 9,1 % - O professor chama em outro momento a coordenação e/ou direção para resolver o problema
 - 9,1 % - O professor entra em embate com o aluno dentro da sala de aula.
- Ninguém acrescentou nenhuma outra opção (Gráfico 39).

Gráfico 39: Como os professores tratam a indisciplina na sala de aula – Resposta do aluno



3.1.6 Consequências geradas pela indisciplina na opinião do aluno

Na questão número cinco, os alunos analisaram as afirmações sobre o que seriam consequências geradas pela indisciplina. O primeiro item afirma que o aluno indisciplinado tem sua aprendizagem prejudicada. Os alunos responderam da seguinte forma: 63,6% concordaram totalmente, 18,2% concordaram parcialmente, 9,1% discordaram parcialmente, 9,1% discordaram totalmente e ninguém ficou indiferente à afirmação. (Gráfico 40). Sobre a afirmação de que a turma que convive com o aluno indisciplinado tem sua aprendizagem prejudicada 63,6% concordaram totalmente, 27,3% concordaram parcialmente, 9,1% discordaram parcialmente e ninguém discordou totalmente ou foi indiferente à questão (Gráfico

41). Sobre o professor ter seu trabalho comprometido concordaram totalmente 63,6%, concordou parcialmente 27,3%, foram indiferentes 9,1% e ninguém discordou parcial ou totalmente da afirmação (Gráfico 42).

Gráfico 40: Aluno indisciplinado tem sua aprendizagem prejudicada – Resposta dos alunos

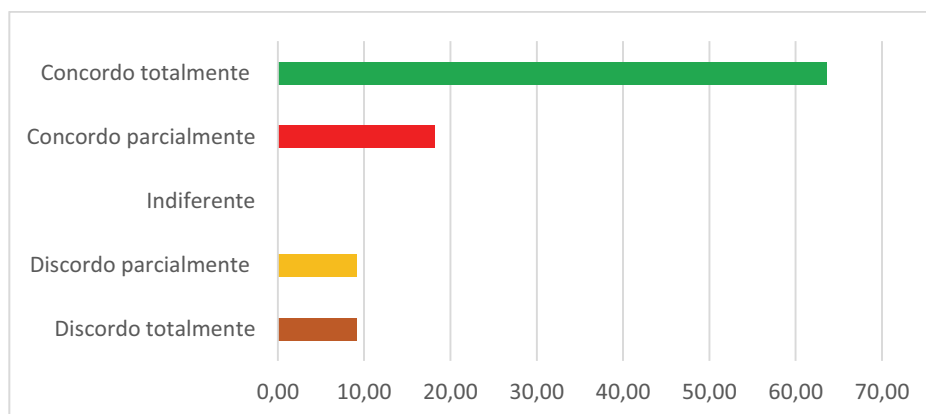


Gráfico 41: A turma que convive com o aluno indisciplinado tem sua aprendizagem prejudicada – Resposta dos alunos

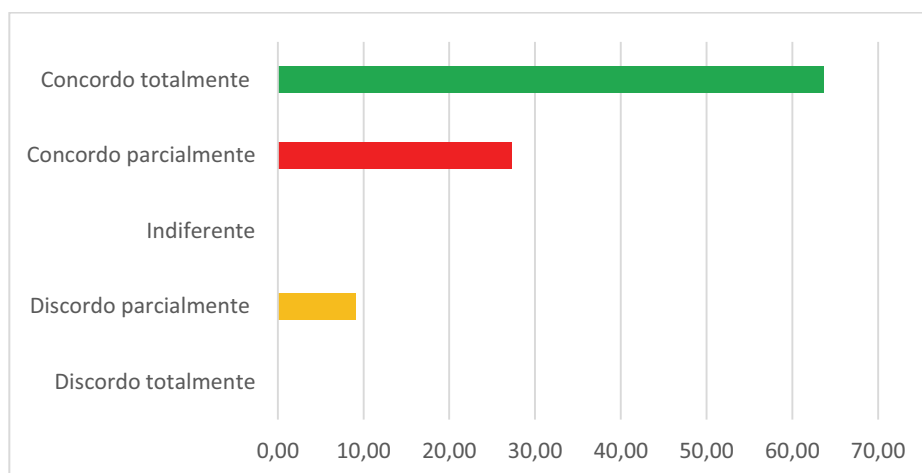
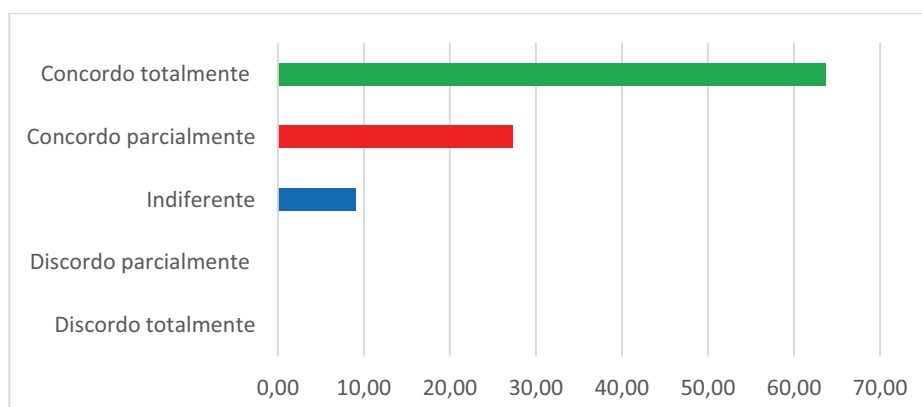


Gráfico 42: Professor tem seu trabalho comprometido – Resposta dos alunos

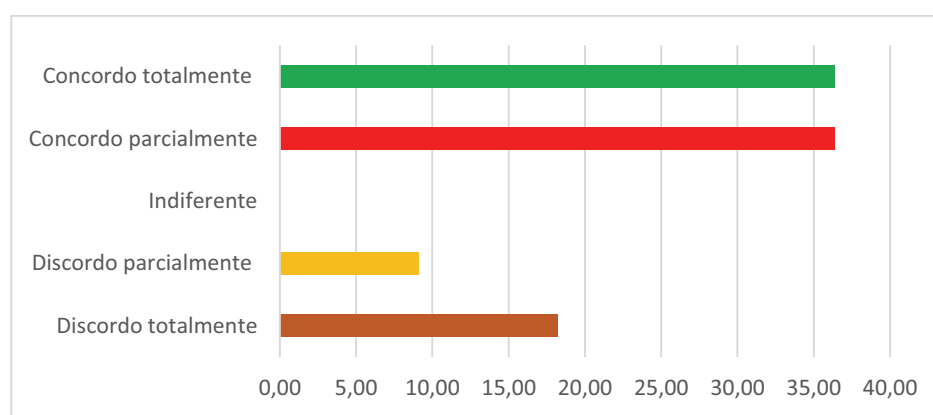


Quanto ao professor ter sua saúde afetada pela indisciplina em sala de aula:

- 36,4% concordam totalmente,
- 36,4% concordam parcialmente,
- 9,1% discordam parcialmente,
- 18,2% discorda totalmente

Ninguém ficou indiferente à afirmação (Gráfico 43).

Gráfico 43: Professor tem sua saúde afetada – Resposta dos alunos



A maioria dos alunos discorda que a indisciplina não produz consequências sobre a aprendizagem do aluno, da turma e sobre a imagem da instituição. Discordam totalmente que a indisciplina não prejudica a aprendizagem do aluno 45,5%, discordam parcialmente 18,2%, concordam parcialmente 18,2%, concordam totalmente 18,2% e ninguém ficou indiferente (Gráfico 44). Discordam totalmente que a indisciplina não prejudica a turma 63,6%, concordam parcialmente 27,3% e concordam totalmente 9,1%. Ninguém discorda parcialmente ou ficou indiferente à afirmativa (Gráfico 45). Discordam totalmente que a indisciplina não compromete a imagem da instituição 63,6%, concordam parcialmente 9,1%, concordam totalmente 9,1% e indiferentes 18,2%. Ninguém discorda parcialmente (Gráfico 46).

Gráfico 44: Não há consequências na aprendizagem do aluno

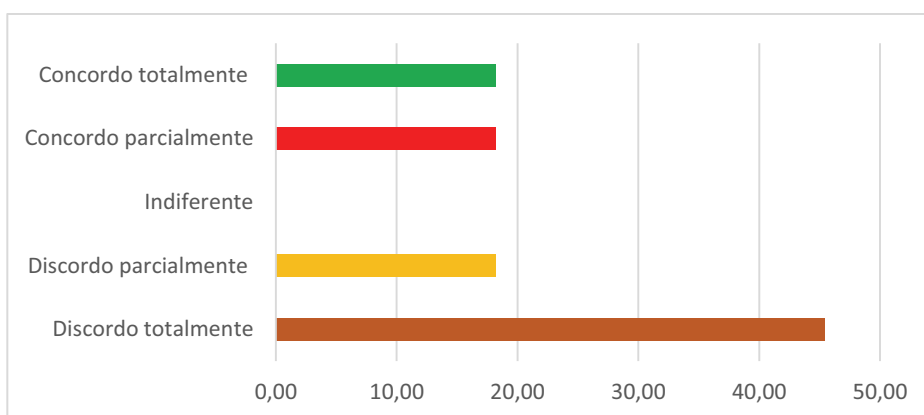


Gráfico 45: Indisciplina em sala de aula não compromete o aprendizado da turma – Resposta dos alunos

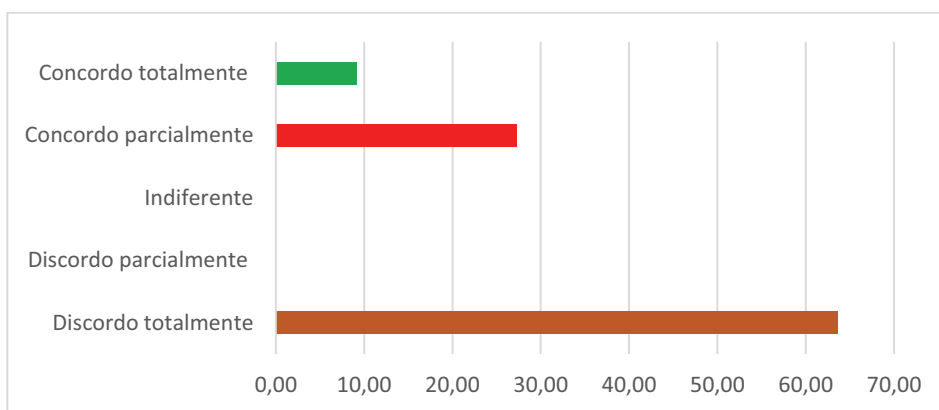
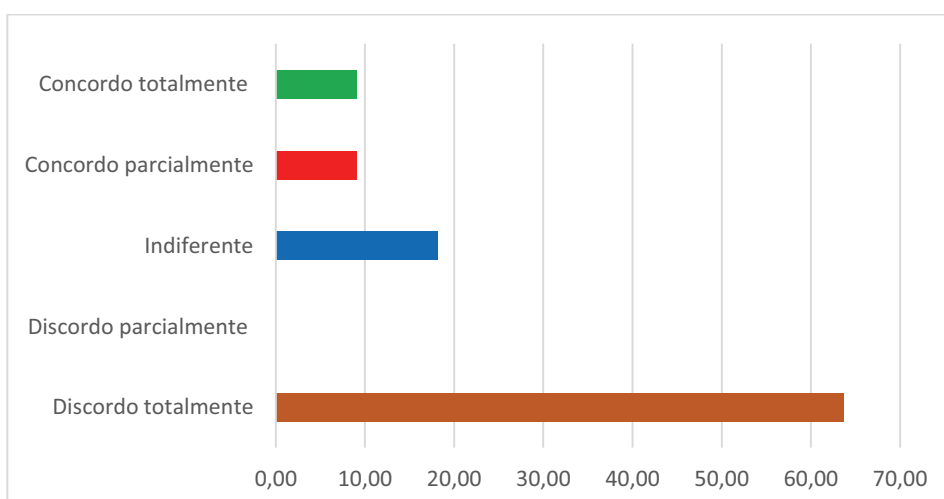


Gráfico 46: Ações de indisciplina por parte dos alunos não comprometem a imagem da instituição - Resposta dos alunos

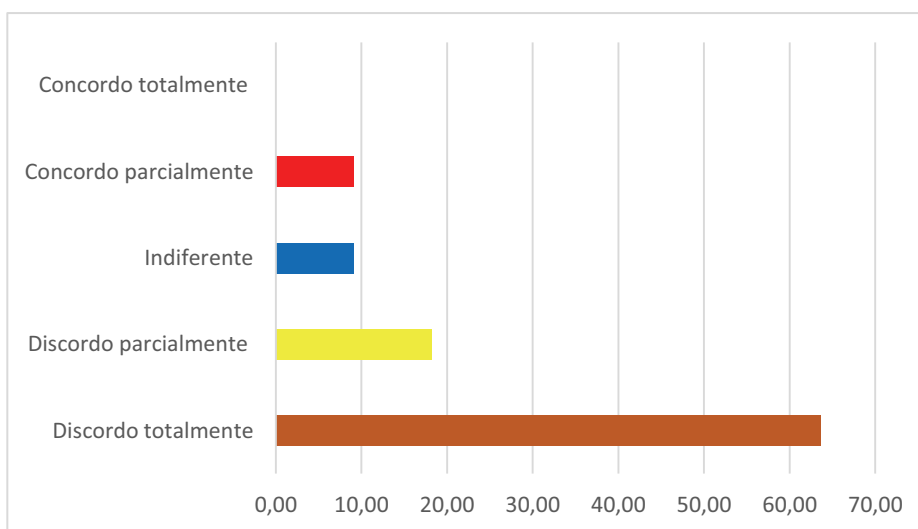


Já em relação a afirmação de que a indisciplina pode ser utilizada como veículo de mudança nas instituições, as respostas foram:

- 9,1% concordam parcialmente,
- 9,1% é indiferente,
- 18,2% discorda parcialmente e
- 63,6% discorda totalmente.

Ninguém concorda totalmente (Gráfico 47).

Gráfico 47: A indisciplina pode ser utilizada como veículo de mudança nas instituições – Resposta do aluno

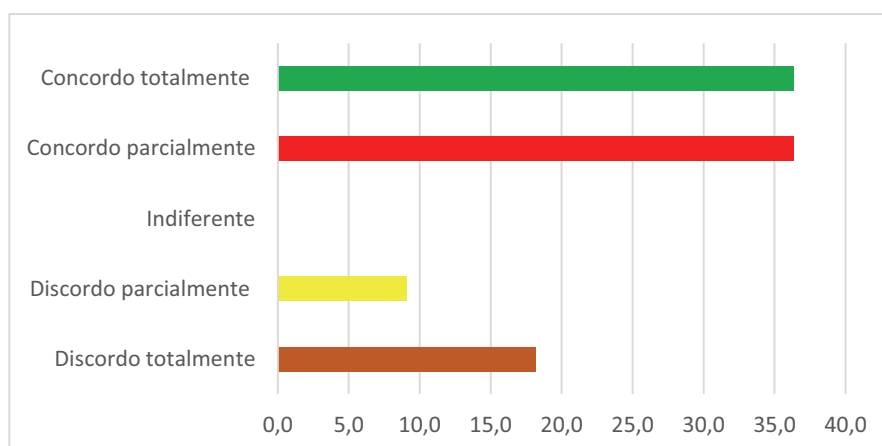


Em relação a indisciplina prejudicar o relacionamento entre professores e alunos as respostas foram as seguintes:

- 36,4% concordam totalmente,
- 36,4% concordam parcialmente,
- 9,1% discorda parcialmente,
- 18,2% discorda totalmente

Ninguém é indiferente. (Gráfico 48).

Gráfico 48: A indisciplina pode prejudicar o relacionamento de professores e alunos



3.1.7 Causas da indisciplina na visão do aluno

A questão seis trouxe algumas afirmativas sobre possíveis causas de indisciplina e os alunos deveriam avaliar cada item usando a escala de *Likert*. As respostas quanto as afirmações foram as seguintes:

- Educação familiar inadequada – concordam totalmente 54,5%, parcialmente 45,5%, ninguém discorda parcial, totalmente ou está indiferente à afirmação;
- Problemas pessoais do aluno - concordam totalmente 54,5%, parcialmente 36,4%, indiferentes 9,1% e ninguém discorda parcial ou totalmente;
- Projeto pedagógico falho - concordam totalmente 54,5%, parcialmente 9,1%, indiferentes 27,3%, discorda totalmente 9,1% e ninguém discorda parcialmente;
- Aula desinteressante - concordam totalmente 45,5%, parcialmente 36,4%, indiferentes 18,2% e ninguém discorda parcial ou totalmente;
- Professor sem didática - concordam totalmente 45,5%, parcialmente 36,4%, indiferentes 9,1% , discorda parcialmente 9,1% e ninguém discorda totalmente;
- Falta de planejamento da aula - concordam totalmente 45,5%, parcialmente 27,3%, indiferentes 9,1% , discorda parcialmente 9,1% e ninguém discorda totalmente;
- Despreparo do professor para lidar com situações difíceis - concordam totalmente 45,5%, parcialmente 9,1%, indiferentes 36,4% , discorda totalmente 9,1% e ninguém discorda parcialmente;

- As regras da instituição não estão claras - concordam totalmente 27,3%, parcialmente 18,2%, indiferentes 9,1% , discorda parcialmente 27,3% e discorda totalmente 18,2%;
- Ausência de envolvimento por parte da coordenação e ou direção - concordam totalmente 36,4%, parcialmente 9,1%, indiferentes 9,1% , discorda parcialmente 36,4% e discorda totalmente 9,1% (Gráficos 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56 e 57)

Gráfico 49: Educação familiar inadequada – Resposta dos alunos

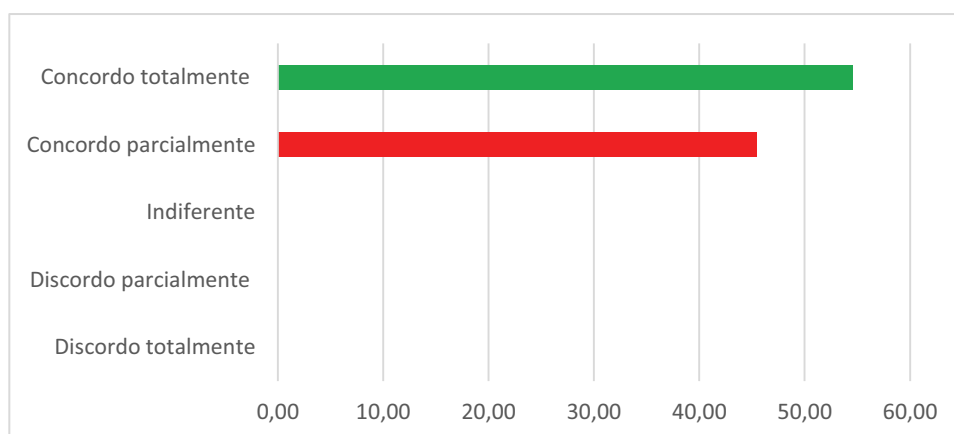


Gráfico 50: Problemas pessoais do aluno – Resposta dos alunos

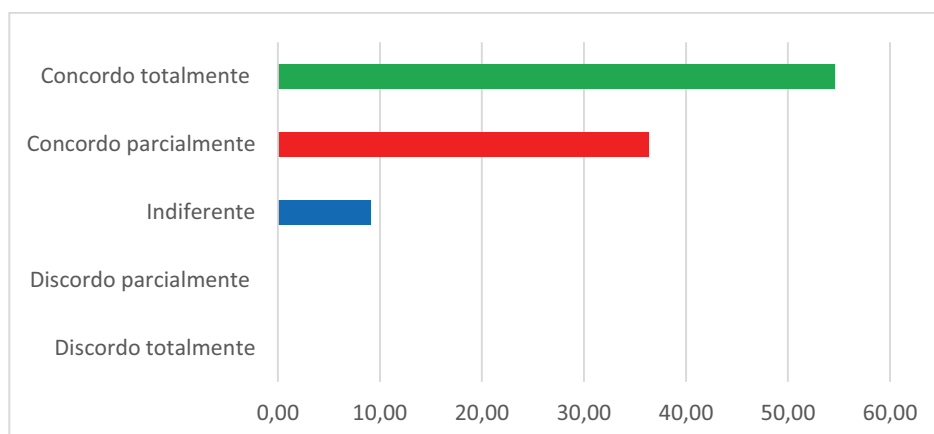


Gráfico 51: Projeto pedagógico falho – Resposta dos alunos

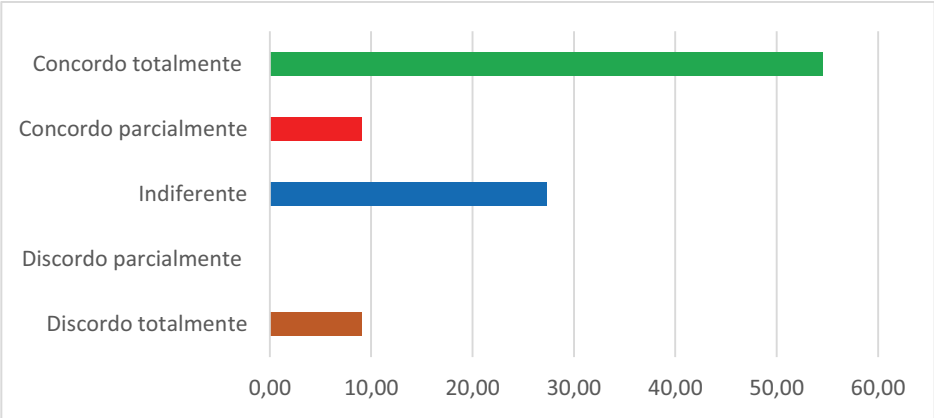


Gráfico 52: Aula desinteressante – Resposta dos alunos

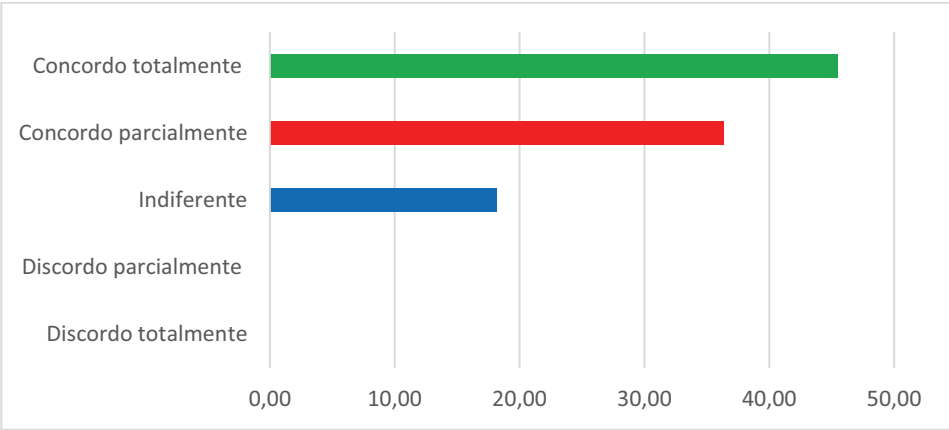


Gráfico 53: Professor sem didática – Resposta dos alunos

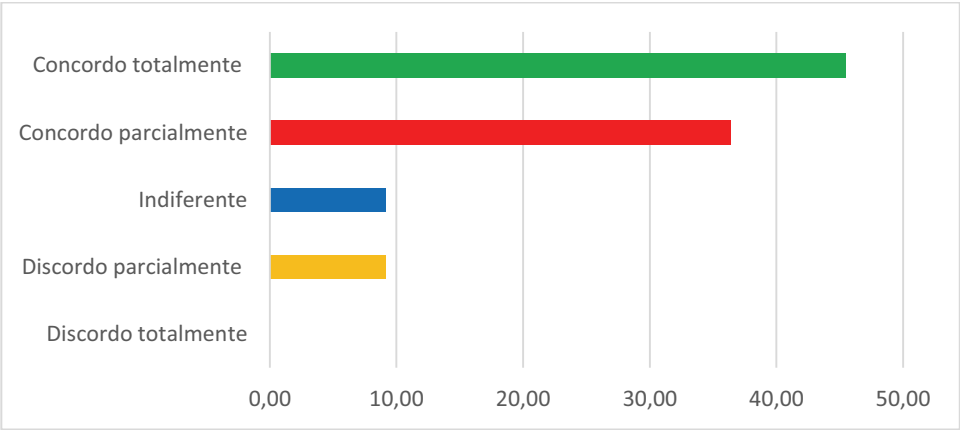


Gráfico 54: Falta de planejamento da aula – Resposta dos alunos

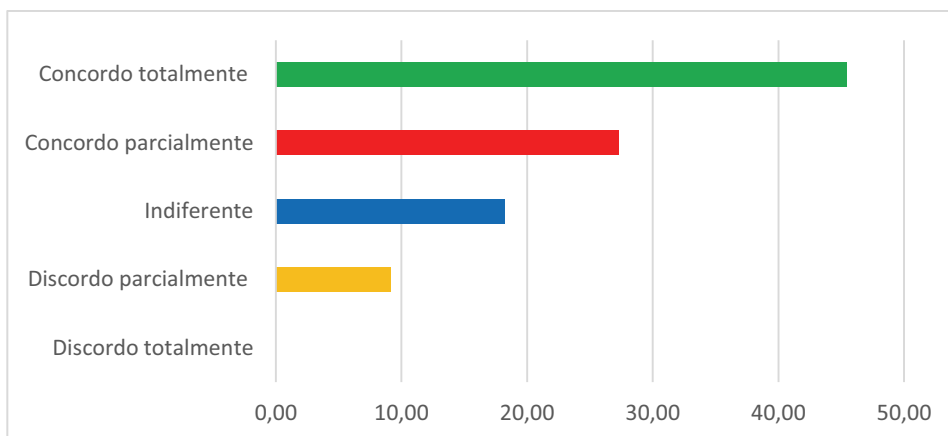


Gráfico 55: Despreparo do professor para lidar com situações difíceis – Resposta dos alunos

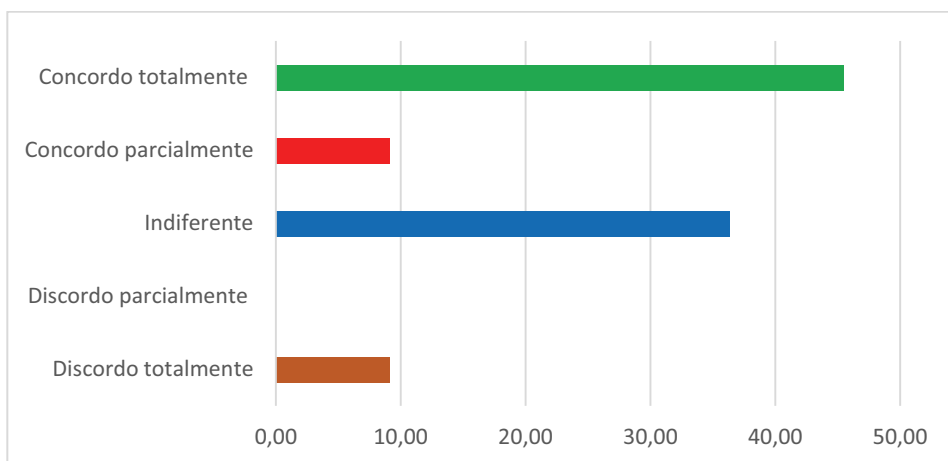


Gráfico 56: As regras da instituição não são claras – Resposta dos alunos

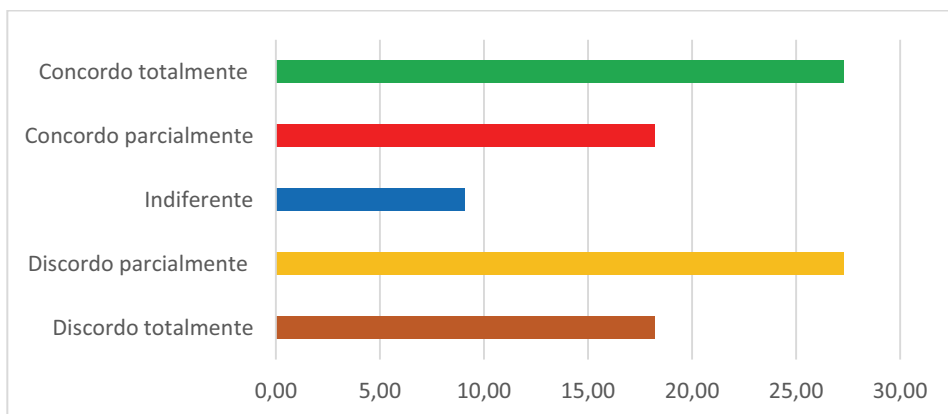
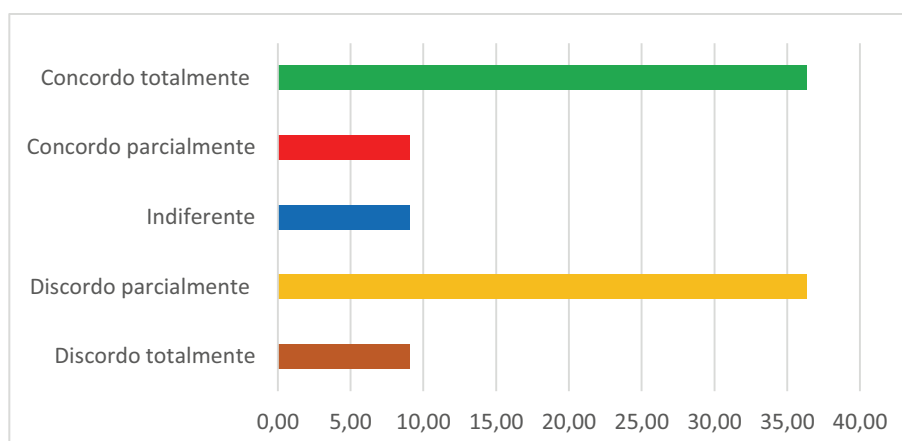


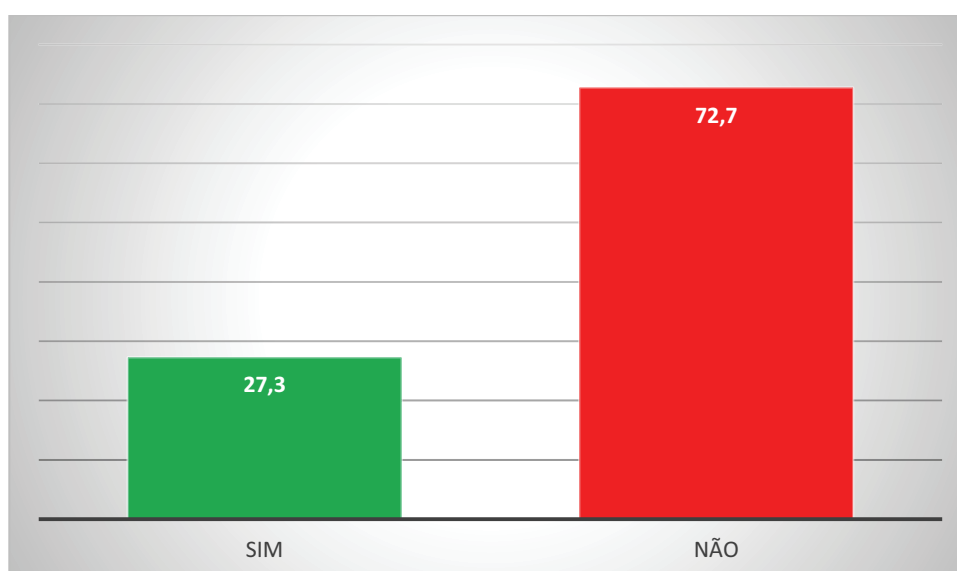
Gráfico 57: Ausência de envolvimento por parte da coordenação e /ou direção – Resposta dos alunos



3.1.8 Atos de indisciplina cometidos pelo próprio aluno

Nas questões seis e sete o entrevistado é indagado se já cometeu algum ato de indisciplina (Gráfico 58) e em caso positivo qual seria o motivo que teria provocado tal atitude. Os motivos mencionados como causadores de tal ação foram: aula desinteressante, o aluno refere que estava passando um dia difícil, não gostar da matéria que estava sendo ensinada e dificuldade para se organizar.

Gráfico 58: Porcentagem de alunos que refere ter cometido ato de indisciplina – Resposta do aluno



3.2 Questionário do Professor

3.2.1 Identificação do professor

A maior parte dos professores entrevistados é do sexo feminino (83%) o que reflete a realidade do curso de pedagogia da instituição (Gráfico 59). A faixa etária da maioria se concentra entre os 36 e 45 anos (83,3%), sem que fossem entrevistados professores com menos de 35 anos ou com idade acima dos 55 (Gráfico 60). Cem por centos deles trabalham sob o regime da CLT (Consolidação das Leis de Trabalho) (Gráfico 61). A maioria são professores com 11 a 20 anos de trabalho (67,3%) e os outros entrevistados são Professores com 5 a 10 anos de trabalho na docência (Gráfico 62). Metade trabalha na instituição a menos de 5 anos, 33,3% entre 5 e 10 anos e 16,7 tem entre 10 e 20 anos de trabalho na empresa Gráfico 63)

Gráfico 59: Gênero /Professores

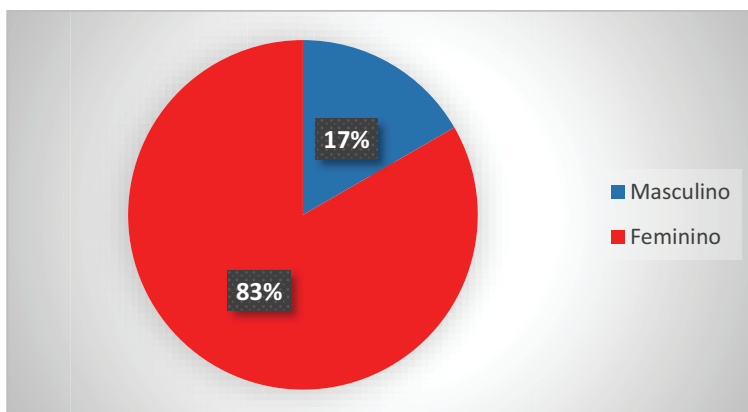


Gráfico 60: Faixa etária dos professores

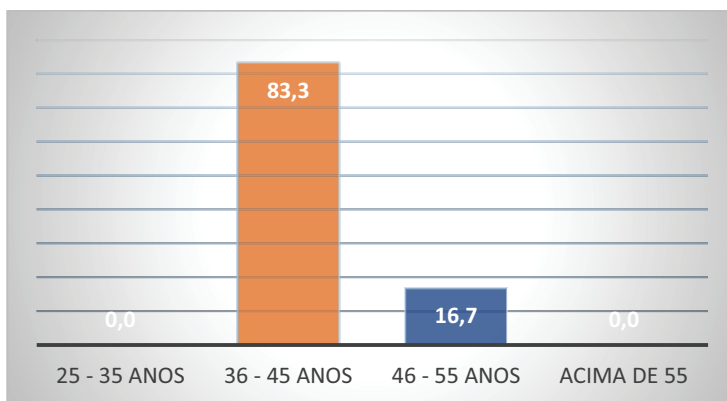


Gráfico 61: Vínculo empregatício

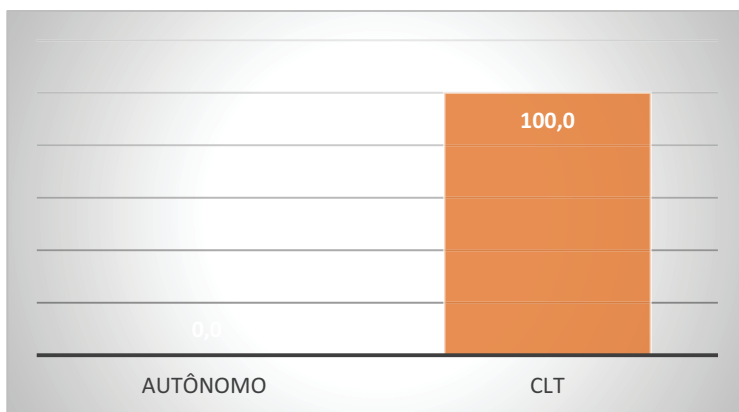


Gráfico 62: Tempo de docência

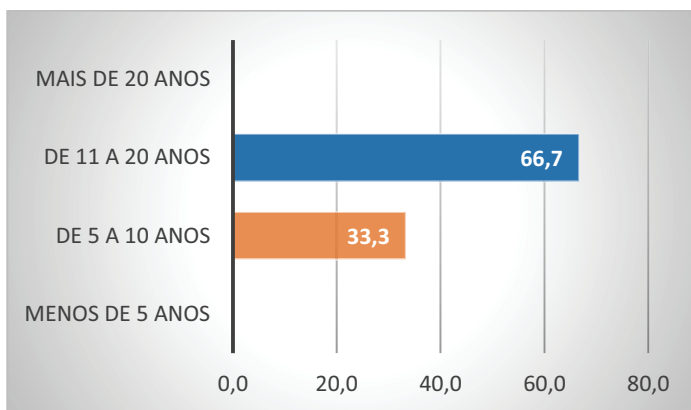
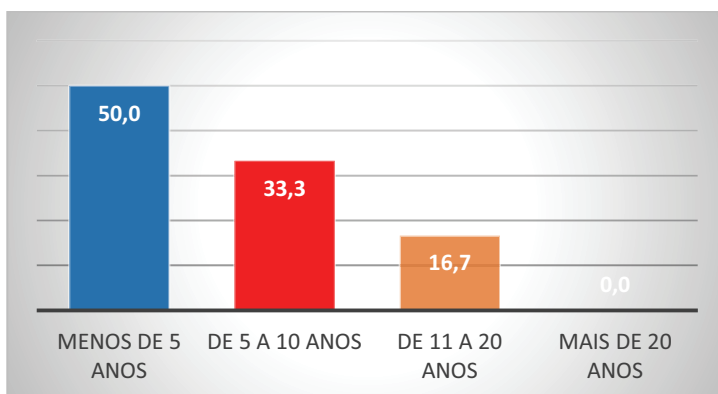


Gráfico 63: Tempo de serviço na instituição

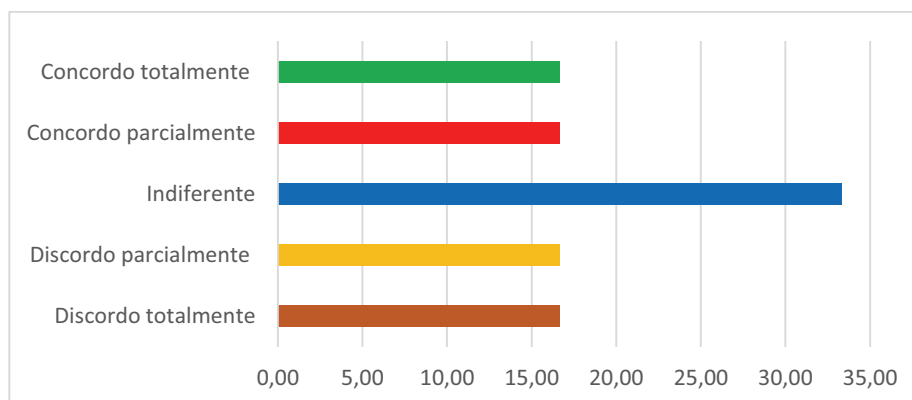


3.2.2 Comportamentos considerados como indisciplina pelo professor

Na questão número um, assim como para os alunos, foram expostos comportamento ditos como atos de indisciplina. Cada item deveria ser avaliado pelo professor usando a escala de *Likert*. Quanto à desatenção dentro de sala de aula as respostas foram as seguintes:

- 33,33% se diz indiferente,
- 16,7% concorda totalmente,
- 16,7 % concorda parcialmente,
- 16,7 % discorda parcialmente e
- 16,7 discorda totalmente com a afirmação (Gráfico 64).

Gráfico 64: Desatenção dentro da sala de aula – Resposta do professor

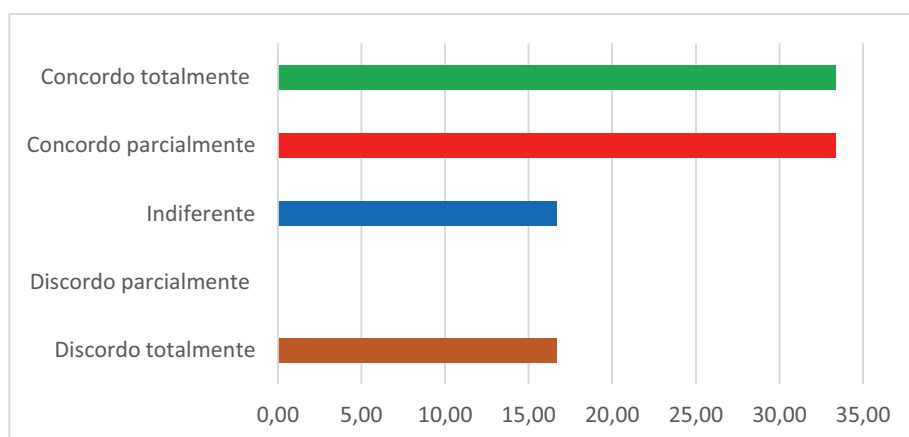


A inquietação é considerada pela maioria dos professores como comportamento indisciplinado.

- 33,3 % concordam totalmente,
- 33,3 % concordam parcialmente,
- 16,7 %, são indiferentes,
- 16,7 % discordam totalmente.

Ninguém discorda parcialmente da afirmação (Gráfico 65).

Gráfico 65: Inquietação durante a aula – Resposta do professor

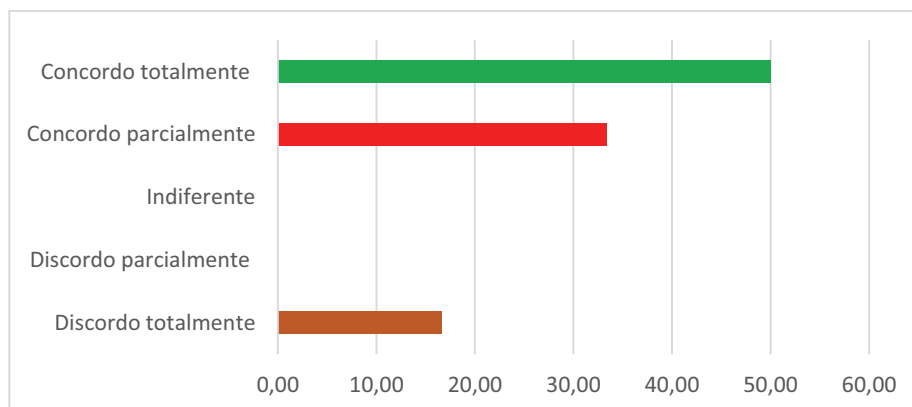


Ninguém ficou indiferente ao item conversa e as demais respostas foram as seguintes:

- 50% concordou totalmente trata-se de indisciplina,
- 33,3 % concordou parcialmente,
- 16,7 % discordou totalmente.

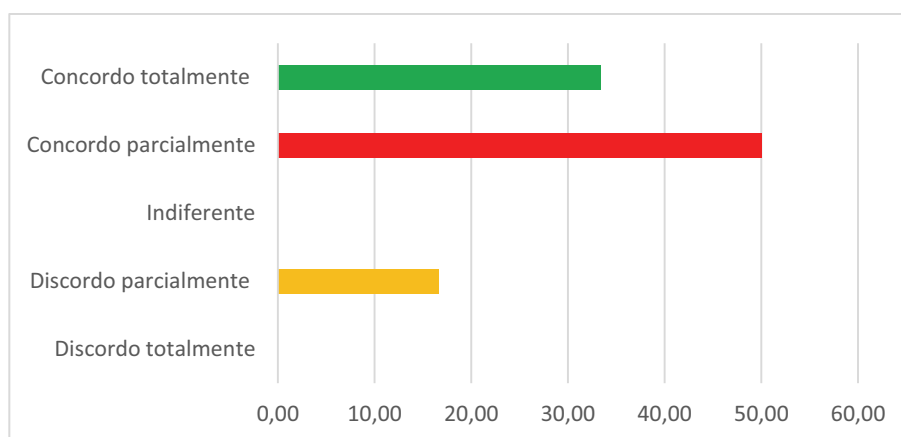
Ninguém discordou parcialmente (Gráfico 66).

Gráfico 66: Conversa – Resposta do professor



Metade dos professores concorda parcialmente que tumultuar a aula com bagunça é ato de indisciplina, 33,3% concorda totalmente, 16,7% discorda parcialmente e ninguém discorda totalmente ou é indiferente à afirmação (Gráfico 67).

Gráfico 67: Tumultuar a aula com bagunça – Resposta do professor

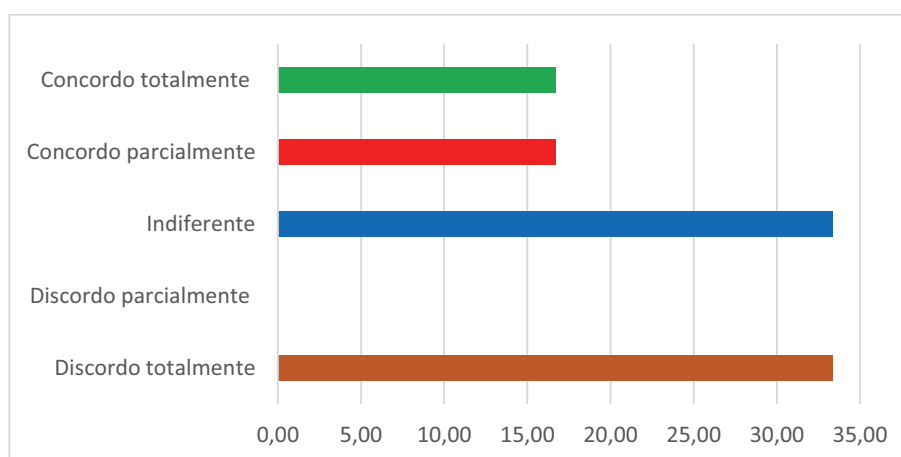


O desinteresse em sala de aula não foi encarado pela maioria dos professores como ato de indisciplina. As respostas foram as seguintes:

- 33,3 % discordam totalmente da afirmação,
- 33,3% são indiferentes,
- 16,7% concordam totalmente,
- 16,7 % concordam parcialmente.

Ninguém discordou parcialmente (Gráfico 68).

Gráfico 68: Desinteresse em sala de aula – Resposta do aluno

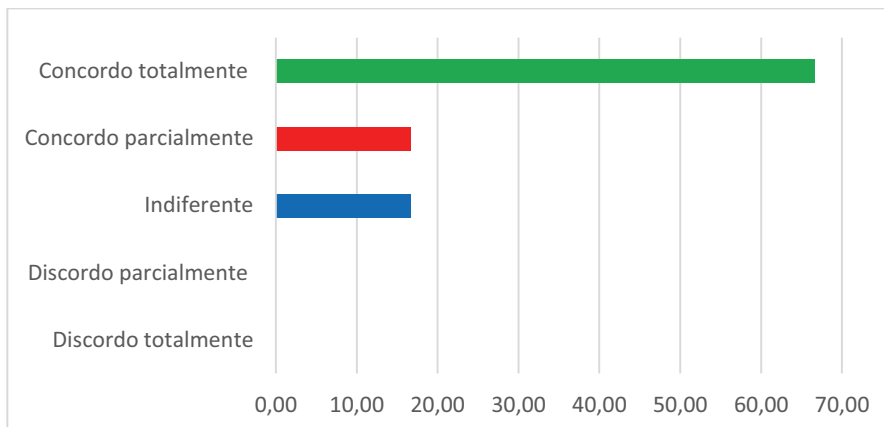


Causar dano ao patrimônio da instituição foi considerado pela maioria dos professores como ato de indisciplina, onde:

- 66,7% concorda totalmente com a afirmação,
- 16,7% concorda parcialmente,
- 16,7% é indiferente.

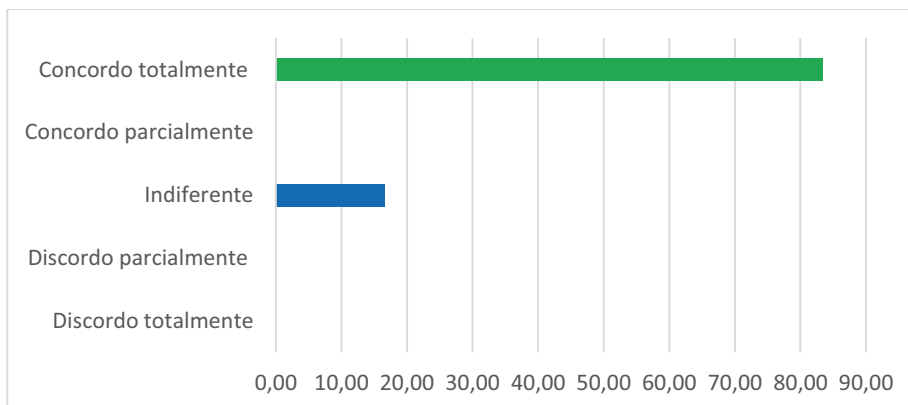
Ninguém discorda parcial ou totalmente (Gráfico 69).

Gráfico 69: Causar qualquer dano ao patrimônio – Resposta do professor



Concordam 83,3% dos professores que aluno discutir com o professor é a quebra de regras e são indiferentes a essa afirmação 16,7%. Ninguém concordou parcialmente ou discordou parcial ou totalmente (Gráfico 70).

Gráfico 70: Discutir com o professor



Ameaçar colega de turma ou o professor é ato de indisciplina para a maioria dos professores, onde:

- 66,7 % concordam totalmente com a afirmação,
- 16,7% concordam parcialmente e
- 16,7% são indiferentes.

Ninguém discordou parcial ou totalmente (Gráfico 71).

Quanto a ameaçar professor, ninguém foi indiferente ou discordou parcial ou totalmente da afirmação; 83,3% concordou totalmente e 16,7 concordou parcialmente (Gráfico 72).

Gráfico 71: Ameaçar colega de turma – Resposta do professor

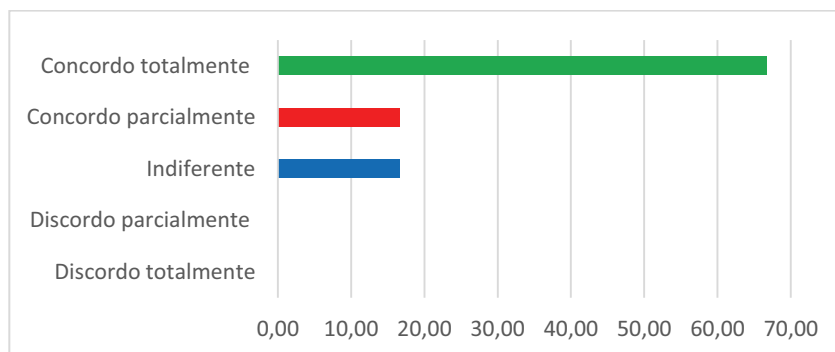
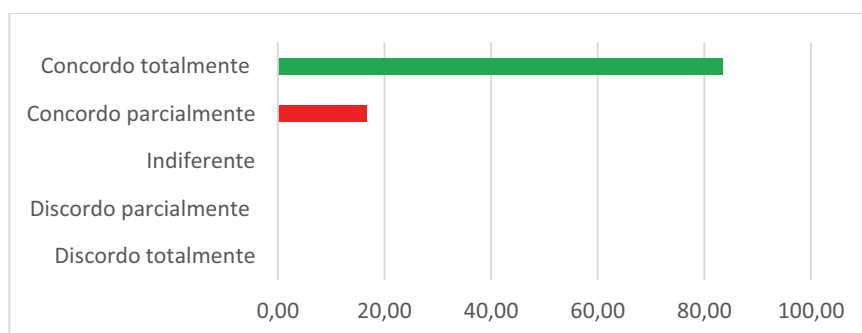


Gráfico 72: Ameaçar o professor – Resposta do professor



Concordam totalmente 83,3% e parcialmente 16,7% que ser grosseiro com o professor ou com o colega configuram ato de indisciplina. Ninguém discordou parcialmente ou totalmente ou foi indiferente a ambas as afirmações (Gráficos 73 e 74).

Gráfico 73: Ser grosseiro com o professor – Resposta do professor

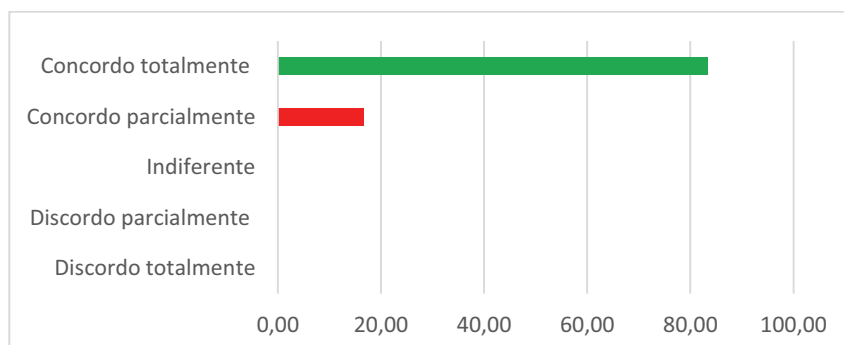
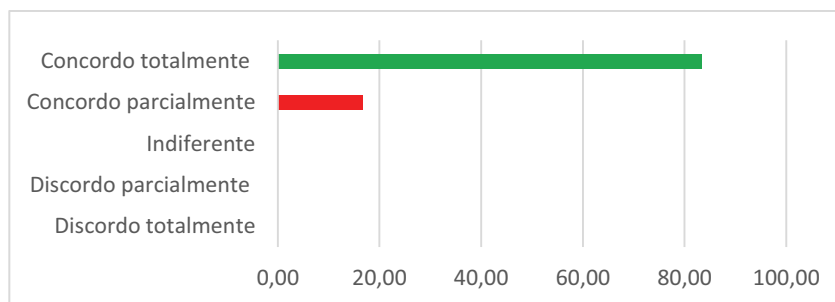
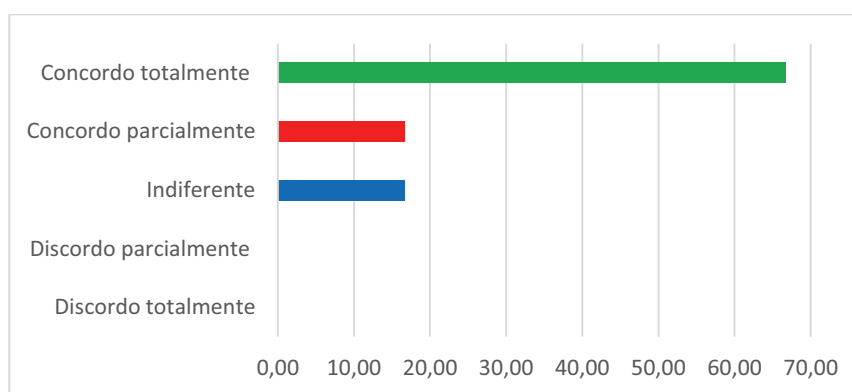


Gráfico 74: Ser grosseiro com o colega



Em relação a ser grosseiro com os funcionários, 16,7% é indiferente, 16,7% concordam parcialmente e 63,7% concorda totalmente com a afirmação (Gráfico 75).

Gráfico 75: Ser grosseiro com os funcionários – Resposta do professor



Quanto ao uso do celular em sala de aula as respostas foram as seguintes: Metade dos professores concorda totalmente que trata-se de indisciplina a outra metade concorda parcialmente com a afirmação, ninguém discorda parcial ou totalmente ou é indiferente (Gráfico 76); enviar ou receber mensagens é considerado pela maioria como quebra das normas sendo que 66,7% concordam totalmente, 16,7% concordam parcialmente e 16,7% discordam parcialmente, ninguém é indiferente ou discorda totalmente da afirmação (Gráfico 77); Metade dos professores concordam parcialmente que usar a internet de celulares *smartphones* durante a aula é indisciplina, concordando parcialmente com a afirmação, 33,3% , discordando parcialmente 16,7% e ninguém discorda totalmente ou é indiferente à afirmação (Gráfico 78).

Gráfico 76: Atender ou efetuar chamadas durante a aula - Resposta do professor

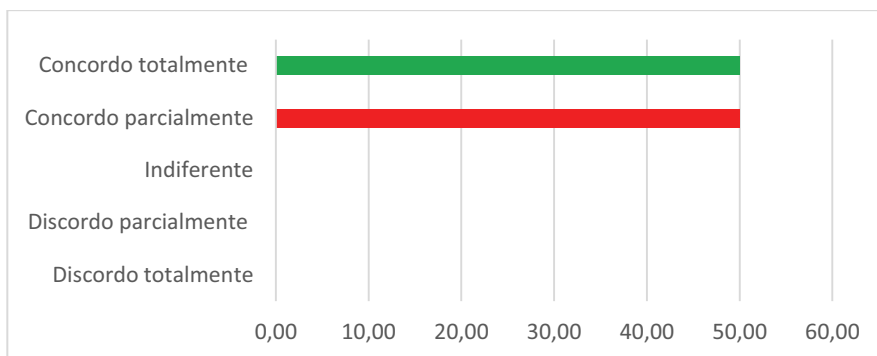
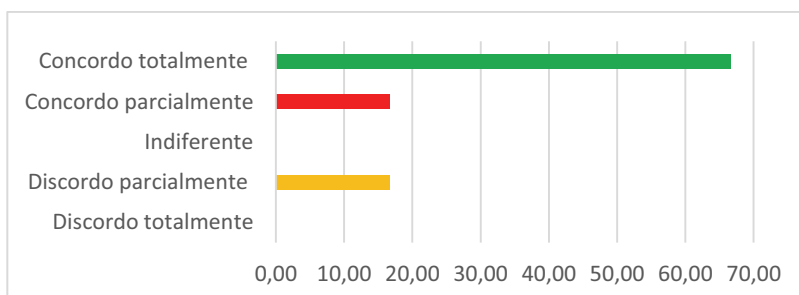
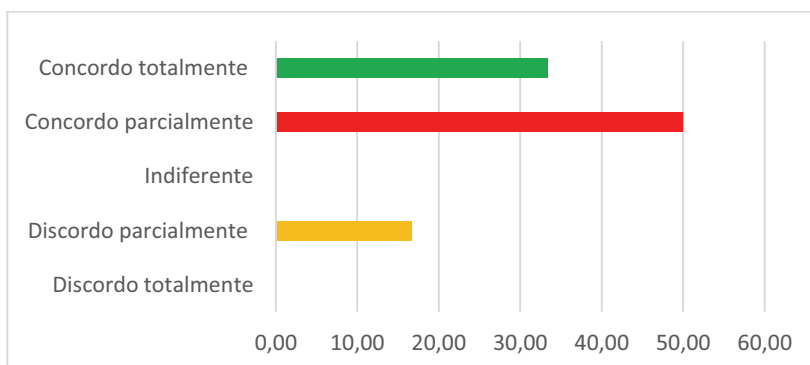
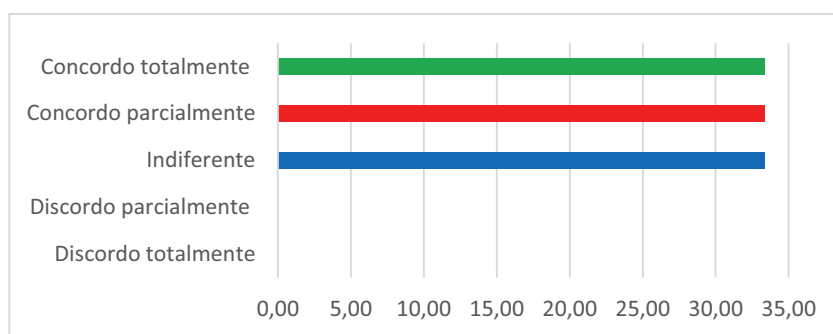


Gráfico 77: Usar serviço de mensagem de celular durante a aula – Resposta do professor

Gráfico 78: Usar a internet de *smartphones* durante a aula – Resposta do professor

Um terço dos professores concorda totalmente que dormir em durante a aula é ato de indisciplina, um terço concorda parcialmente e o outro terço é indiferente. Ninguém discorda parcial ou totalmente da afirmação (Gráfico 79).

Gráfico 79: Dormir durante a aula – Resposta do professor



Agredir fisicamente colegas, professores ou funcionários é ato de indisciplina para todos os professores, concordando totalmente com a afirmação 100% dos entrevistados (Gráficos 80,81 e 82).

Gráfico 80: Agredir fisicamente colegas – Resposta do professor

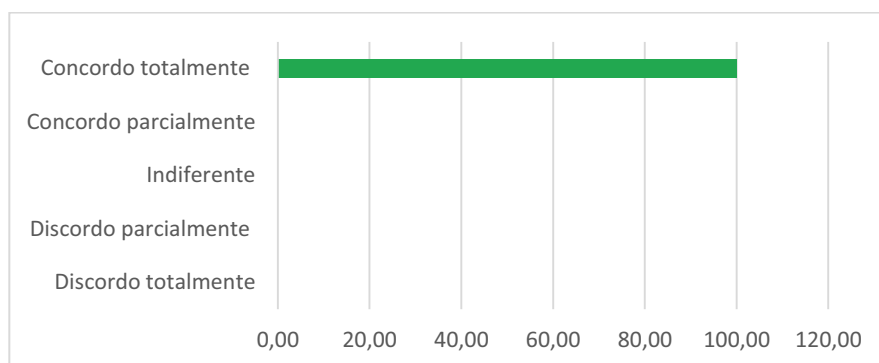


Gráfico 81: Agredir fisicamente professores – Resposta do professor

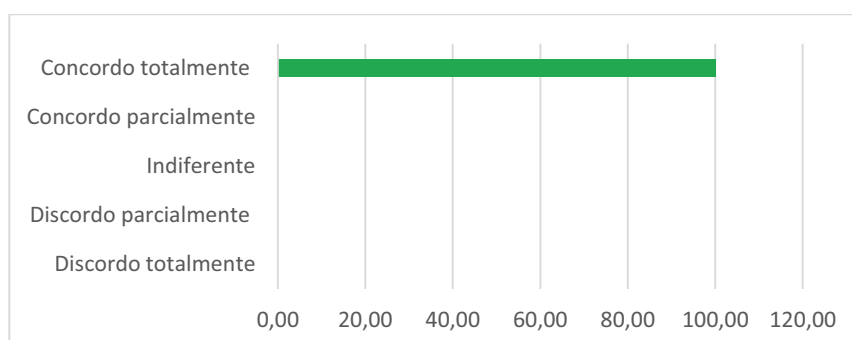
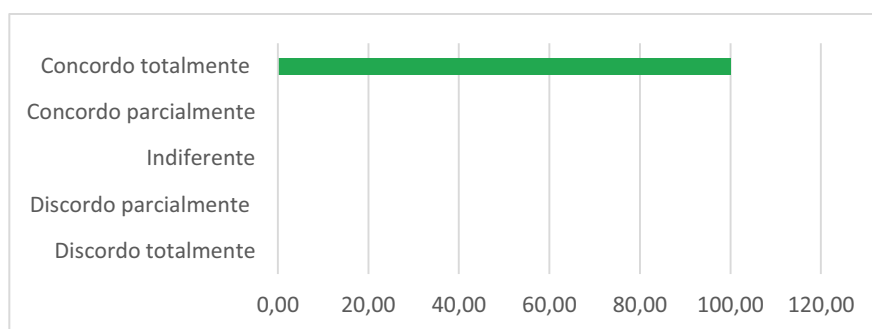


Gráfico 82: Agredir fisicamente funcionários – Resposta do professor



As opiniões se dividem quando se trata de interromper a aula sem pedir licença, comer durante a aula, chegar atrasado ou sair antes do término da aula. As respostas foram as seguintes: quanto a interromper a aula sem pedir licença concordam totalmente com a afirmação 33,3%, concordam parcialmente 33,3%, são indiferentes 16,7% e discordam totalmente 16,7% (Gráfico 83); quanto a comer durante a aula 16,7% concordam totalmente tratar-se de quebra de normas, 33,3% concorda parcialmente, 33,3% é indiferente, 16,7% discorda totalmente e ninguém discorda parcialmente (Gráfico 84); chegar atrasado em sala de aula ou sair antes do término da aula é considerado para alguns professores como indisciplina, concordando totalmente com essa afirmação 16,7%, concordando parcialmente 33,3%, indiferentes 33,3%, discordando parcialmente 16,7% (Gráfico 85).

Gráfico 83: Interromper a aula sem pedir licença – Resposta do professor

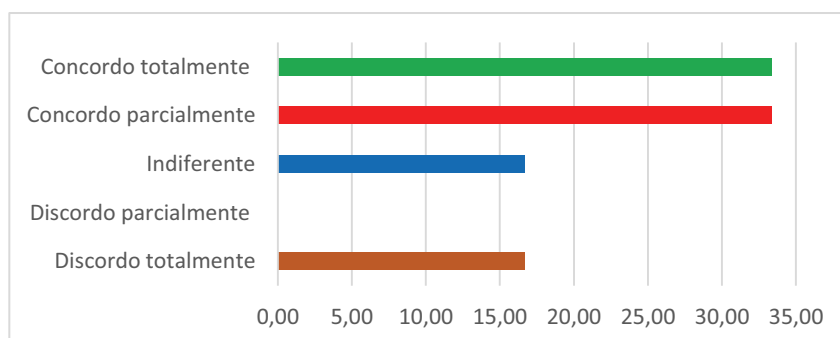


Gráfico 84: Comer durante a aula – Resposta do professor

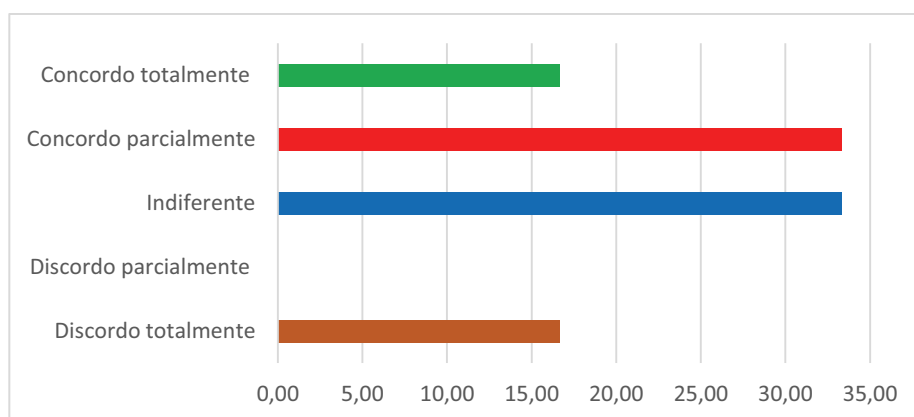
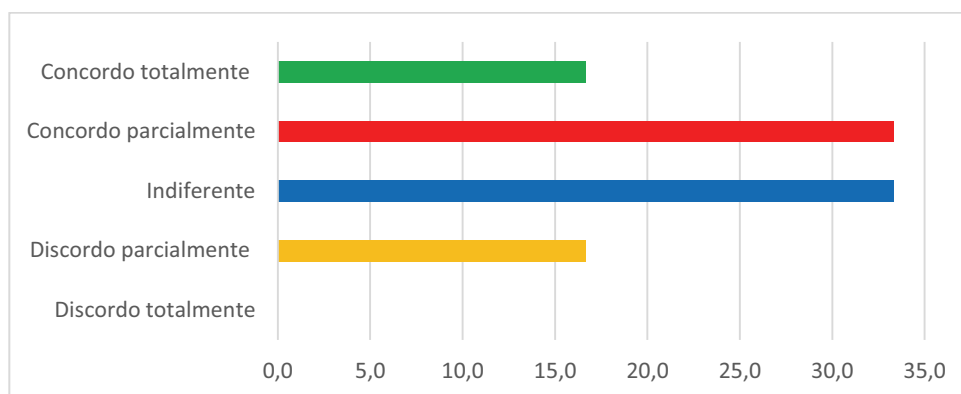
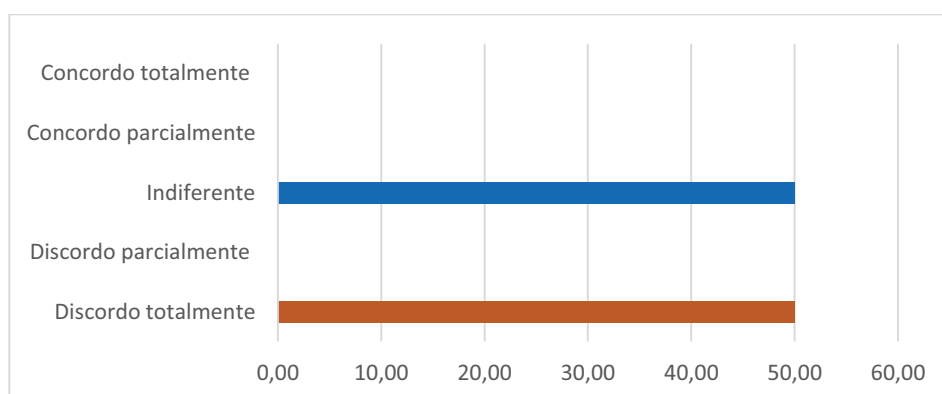


Gráfico 85: Chegar atrasado em sala ou sair antes do término da aula – Resposta do professor



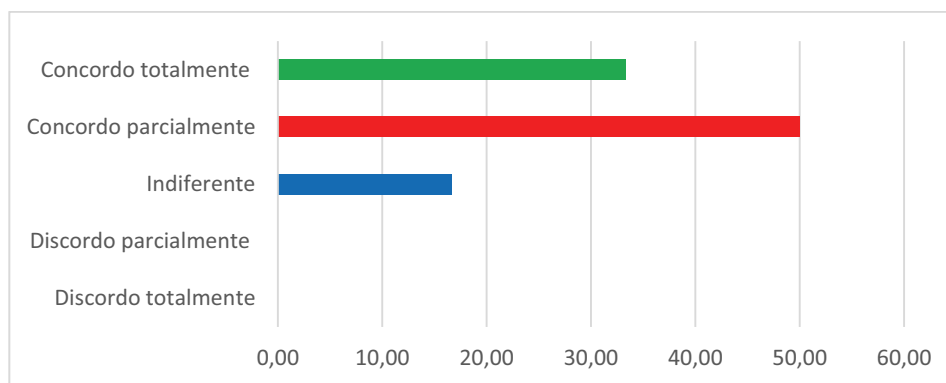
Usar roupas como *shorts*, camisetas sem manga, saias curtas ou blusas decotadas não configuram ato de indisciplina para os professores, metade discordando totalmente da afirmação e a outra metade, indiferentes ao fato (Gráfico 86).

Gráfico 86: Usar roupas como shorts, camisetas sem manga, saias curtas ou blusas decotadas – Resposta do professor



Quanto a entrar e sair da sala com frequência 33,3% concordam totalmente ser ato de indisciplina, 50% concorda parcialmente e 16,7% são indiferentes à afirmação (Gráfico 87).

Gráfico 87: Entrar e sair da sala com frequência – Resposta do professor



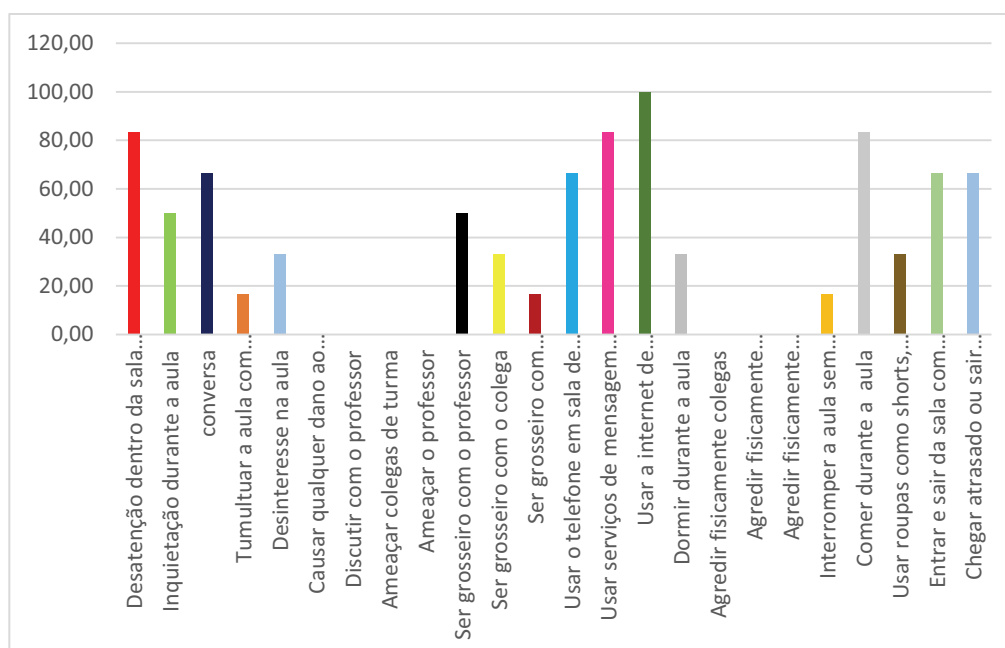
3.2.3 Comportamentos observados pelo professor na sala de aula

Os comportamentos mais observados pelo professor em sala de aula foram os seguintes:

- 100 % - Uso de internet nos smartphones e usar serviços de mensagem,
- 83,3 % - Desatenção em sala de aula e comer durante a aula,
- 66,7 % - Conversa, efetuar ou receber ligações durante a aula, entrar e sair durante a aula ou chegar atrasado / sair mais cedo,
- 50% - Inquietação durante a aula,
- 33,3 % - Desinteresse na aula, ser grosseiro com o colega, dormir em aula e usar roupas como shorts, camisetas sem manga, saias curtas ou blusas decotadas,
- 16,7 % - Tumultuar a aula com bagunça, ser grosseiro com os funcionários e interromper a aula sem pedir licença

Não foram citados: causar dano ao patrimônio, discutir com colega, ameaçar professor ou colega, agredir professores, colegas ou funcionários (Gráfico 88).

Gráfico 88: Comportamentos observados pelo professor me sala de aula

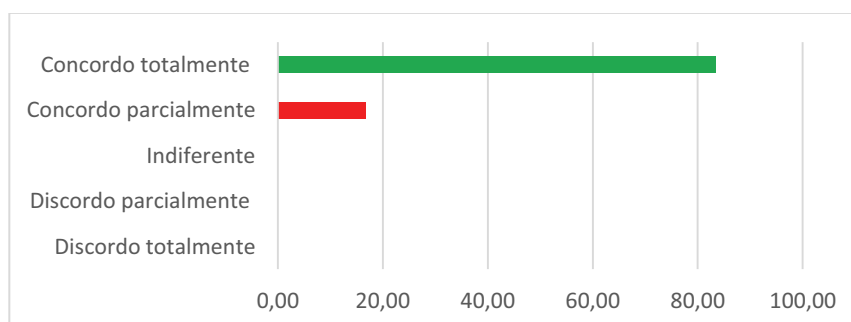


3.2.4 Ações de prevenção e/ou combate à indisciplina na visão do professor

Foram apresentadas várias afirmações relativas a ações que possam prevenir e /ou combater a indisciplina em sala de aula. Foi pedido aos professores que avaliassem segunda a escala de *Likert*.

Quanto ao diálogo entre o aluno e professor 83,3% dos professores concordaram totalmente e 17,7% concordaram parcialmente com a afirmação. Ninguém foi indiferente ou discordou parcial ou totalmente (Gráfico 89).

Gráfico 89: Diálogo entre o aluno e o professor – Reposta do professor



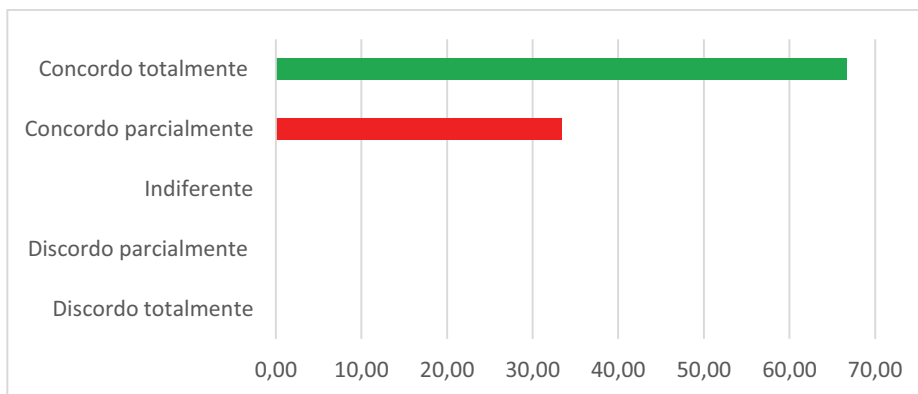
Quanto ao professor ter um comportamento mais tolerante:

- 66,7% concordam totalmente,

- 33,3% concordam parcialmente.

Ninguém discorda parcial ou totalmente ou é indiferente à afirmação (Gráfico 90).

Gráfico 90: Comportamento mais tolerante por parte do professor – Resposta do professor



A maioria dos professores concorda que precisa melhorar a comunicação com o aluno, onde, 83,3 % concordam totalmente com a afirmação e 16,7 % concordam parcialmente. Ninguém discordou ou ficou indiferente (Gráfico 91). Quanto as regras mais claras por parte do professor 66,7 % concorda com essa afirmação e 33,3 % concorda parcialmente. Também ninguém discorda ou é indiferente (Gráfico 92).

Gráfico 91: Melhor comunicação entre professor e aluno – Resposta do professor

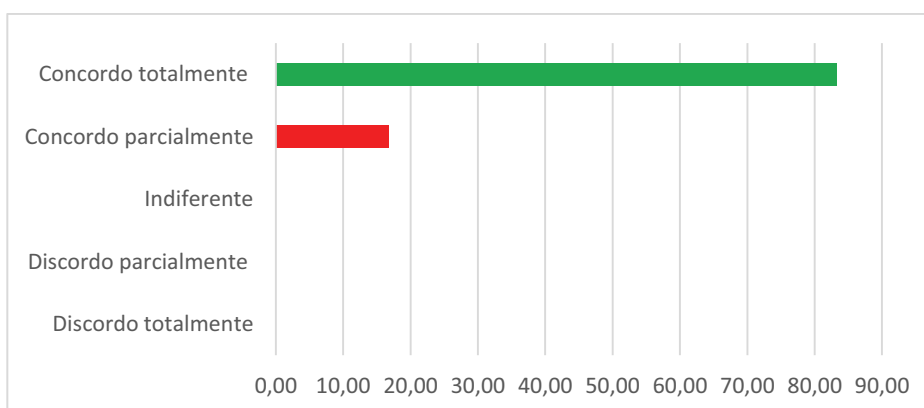
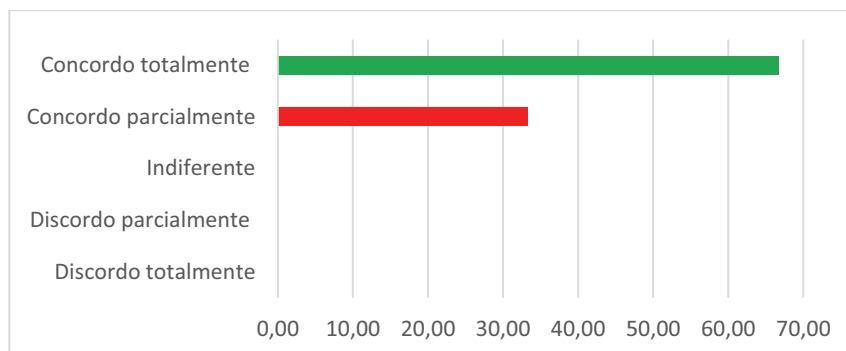


Gráfico 92: Regras claras por parte do professor – Resposta do professor



Sobre as regras serem mais claras por parte da instituição, 50% dos professores concordam totalmente com essa afirmação, 33,3% concordam parcialmente e 16,7% são indiferentes. Ninguém discorda da afirmação (Gráfico 93). Em relação ao professor motivar o aluno, 66,3% concordam totalmente e 33,3% concordam parcialmente. Ninguém discorda ou é indiferente à afirmação (Gráfico 94).

Gráfico 93: Regras mais claras por parte da instituição – Resposta do professor

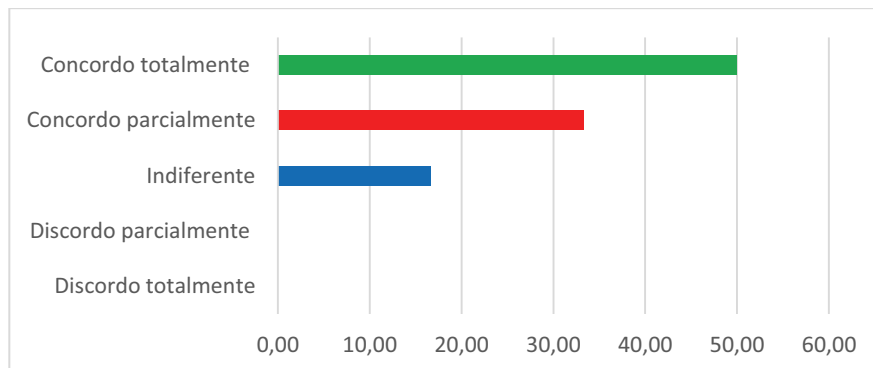
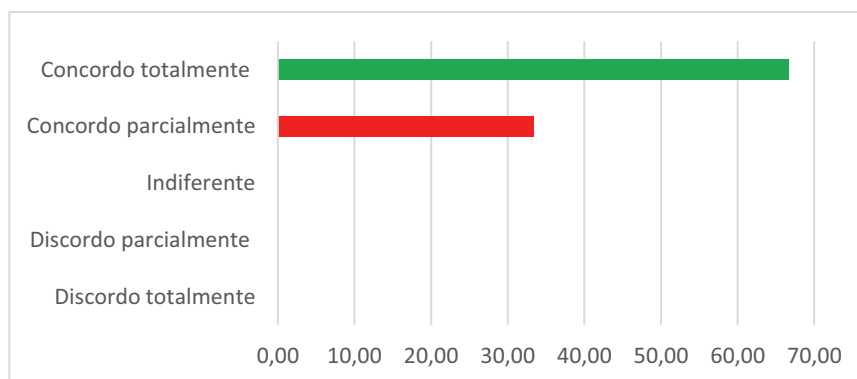
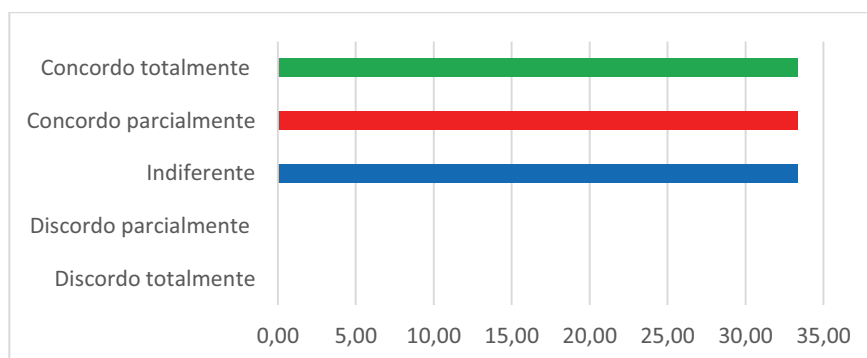


Gráfico 94: professor motiva o aluno – Resposta do professor



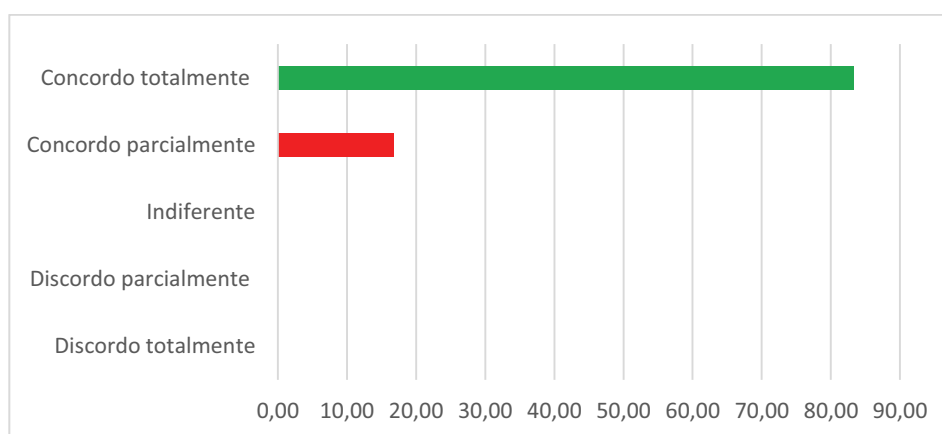
Um terço dos professores concorda totalmente que usar a tecnologia pode dirimir a indisciplina na sala, um terço concorda parcialmente e o outro terço é indiferente à essa afirmação (Gráfico 95).

Gráfico 95: Aulas que utilizem a tecnologia



Todos os professores concordam de alguma forma que o aluno participar mais da aula pode dirimir a indisciplina: 83,3% concordam totalmente e 16,7% concordam parcialmente. Ninguém discordou ou foi indiferente (Gráfico 96).

Gráfico 96: Aulas mais participativas por parte dos alunos – Resposta do professor



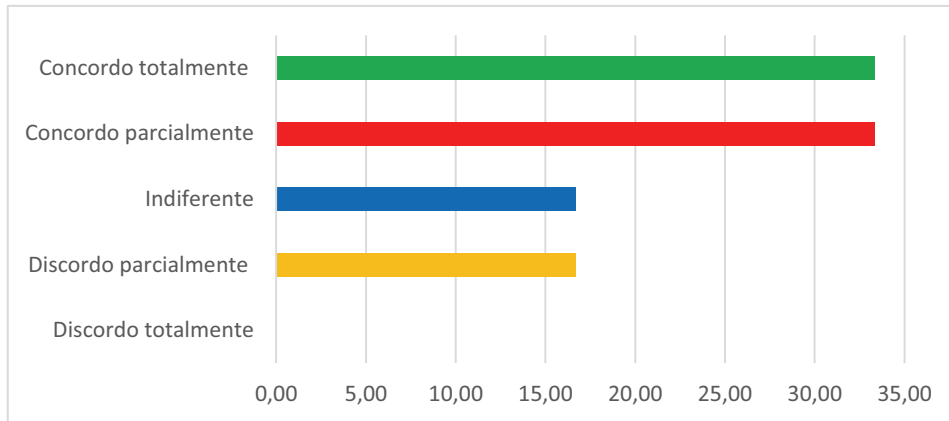
Perguntados se professores precisam ter mais conhecimento sobre a matéria, as respostas foram as seguintes:

- 33,3% concorda totalmente,
- 33,3% concorda parcialmente,
- 16,7% é indiferente,

- 16,7% discorda parcialmente.

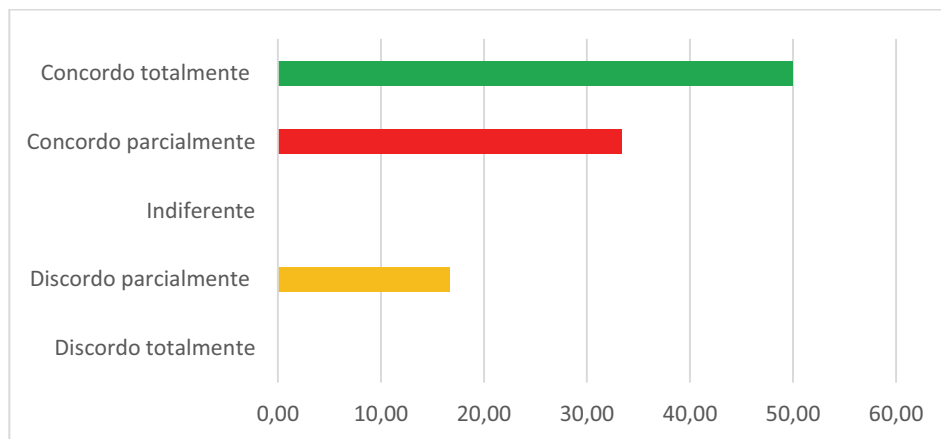
Ninguém discorda totalmente (Gráfico 97).

Gráfico 97: Professor com mais conhecimento sobre a matéria



Metade dos professores concorda totalmente que o uso de aulas práticas pode ajudar quanto à indisciplina, 33,3% concorda parcialmente e 16,7% discorda parcialmente. Ninguém discorda totalmente ou é indiferente à afirmação (Gráfico 98).

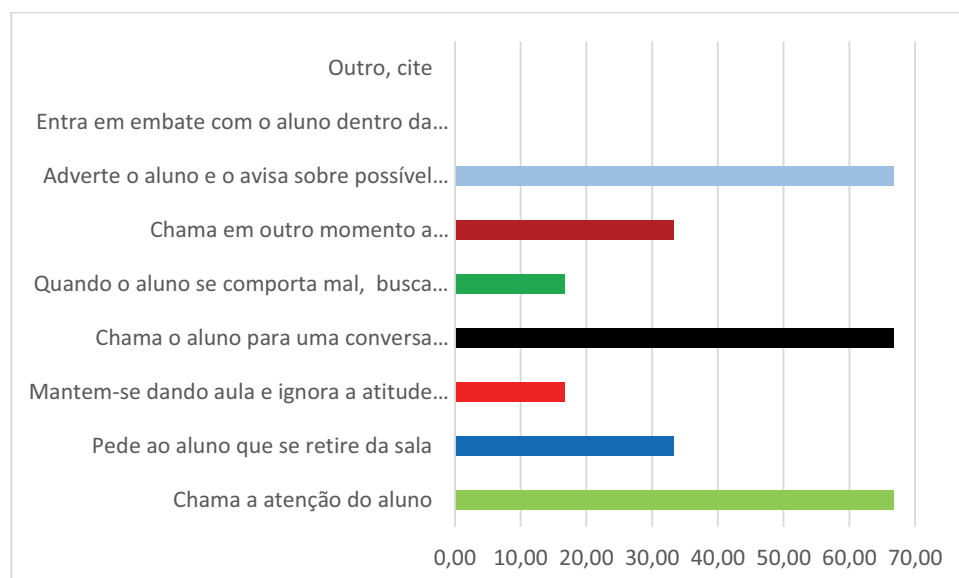
Gráfico 98: Uso de aulas práticas - Resposta do professor



3.2.5 Como o professor trata a indisciplina na sala de aula

Nessa questão foram listados vários itens sobre formas de se tratar a indisciplina em sala de aula. O professor poderia acrescentar algum item que achasse importante. Os itens mais citados foram: o professor chama a atenção do aluno, chama o aluno para uma conversa particular em outro momento ou adverte o aluno e o avisa sobre possível correção disciplinar (66,7%). Ações menos citadas foram: pede ao aluno que se retire da sala e chama em outro momento a coordenação e/ou direção para resolver o problema (33,3%) e se mantém dando aula e ignora a conduta do aluno e busca a direção ou coordenação imediatamente em busca de solução (16,7%). Não foram citadas outras ações (Gráfico 99).

Gráfico 99: Ações do professor em relação a indisciplina em sala de aula – Resposta do professor



3.2.6 Causas da indisciplina na visão do professor

Foram listadas possíveis causas da indisciplina para que o professor avaliasse conforme escala de *Likert*. Ao final ele poderia acrescentar algum item importante. As repostas foram as seguintes:

Em relação a educação familiar inadequada:

- 50% concorda totalmente que a educação familiar inadequada é causa da indisciplina,
- 50% concorda parcialmente.

Ninguém discorda parcial ou totalmente ou é indiferente (Gráfico 100).

Sobre a causa ter correlação com problemas pessoais do aluno:

- 50% concorda totalmente com a afirmação,
- 50% concorda parcialmente.

Ninguém discorda parcial ou totalmente ou é indiferente (Gráfico 101).

Quando perguntados sobre projeto pedagógico falho ser causa da indisciplina, as respostas foram as seguintes:

- 16,7% concordam parcialmente,
- 50 % é indiferente e
- 33,3% discorda totalmente com essa afirmação.

Ninguém discorda parcialmente e ninguém concorda totalmente com essa afirmação (Gráfico 102).

Um terço dos professores concorda totalmente que aulas desinteressantes ou professores sem didática podem causar indisciplina e outro terço concorda parcialmente com ambas as afirmações, 16,7% é indiferente e 16,7% concorda parcialmente. Ninguém concorda totalmente com as afirmações (Gráfico 103 e 104).

Sobre a falta de planejamento de aula ser causa de indisciplina:

- 16,7% concorda totalmente,
- 66,7% concorda parcialmente e
- 16,7% é indiferente.

Ninguém discorda dessa afirmação (Gráfico 105).

Metade dos professores concorda parcialmente que o despreparo do professor para lidar com situações difíceis são causa da indisciplina, 33,3% concordam totalmente e 16,7% discordam parcialmente. Ninguém discorda totalmente ou é indiferente a esse item (Gráfico 106).

Gráfico 100: Educação familiar inadequada – Resposta do professor

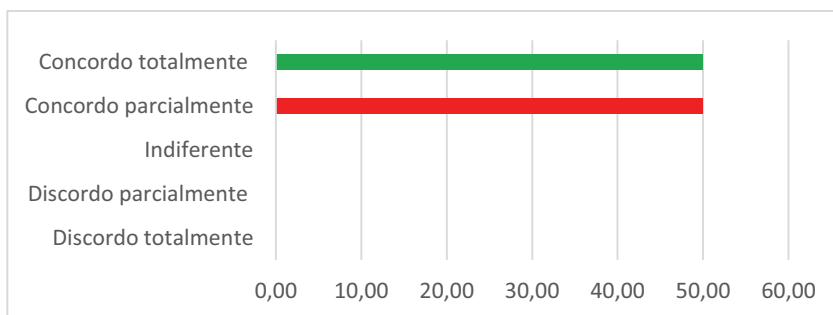


Gráfico 101: Problemas pessoais do aluno – Resposta do professor

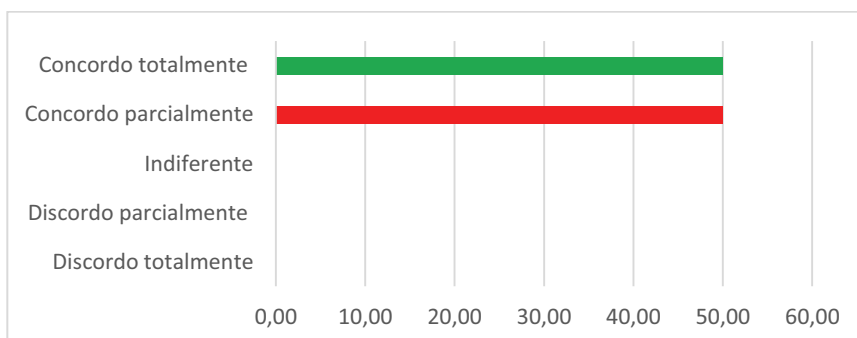


Gráfico 102: Projeto pedagógico falho – Resposta do professor

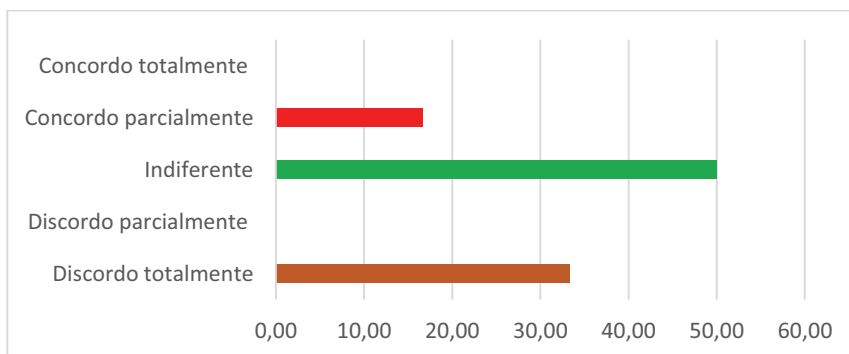


Gráfico 103: Aula desinteressante – Resposta do professor

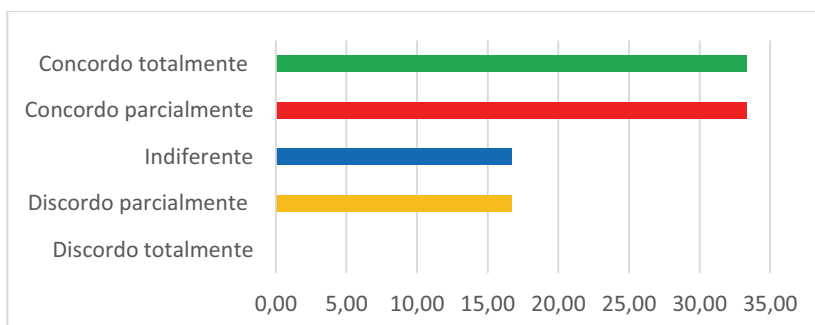


Gráfico 104: Professor sem didática – Resposta do professor

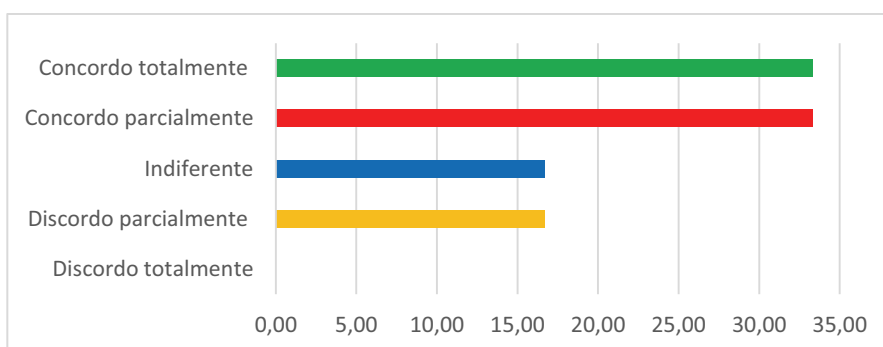


Gráfico 105: Falta de planejamento da aula – Resposta do professor

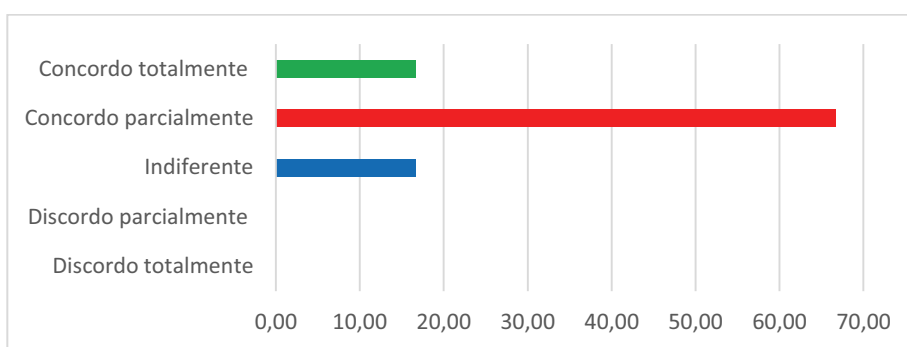
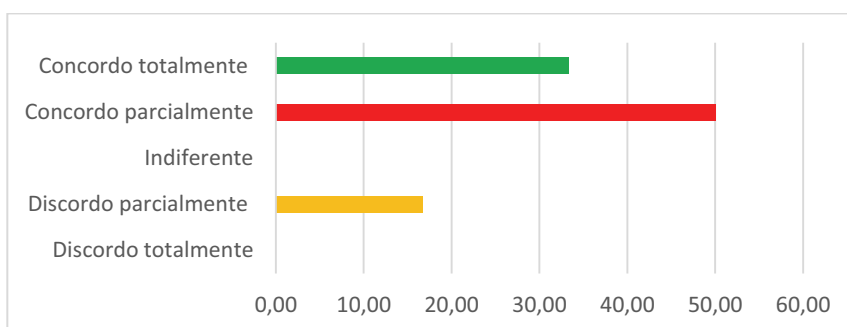
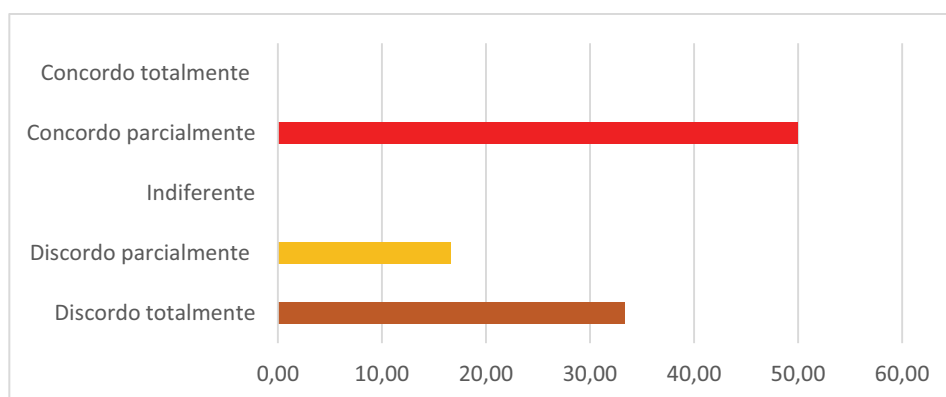


Gráfico 106: Despreparo do professor para lidar com situações difíceis – Resposta do professor



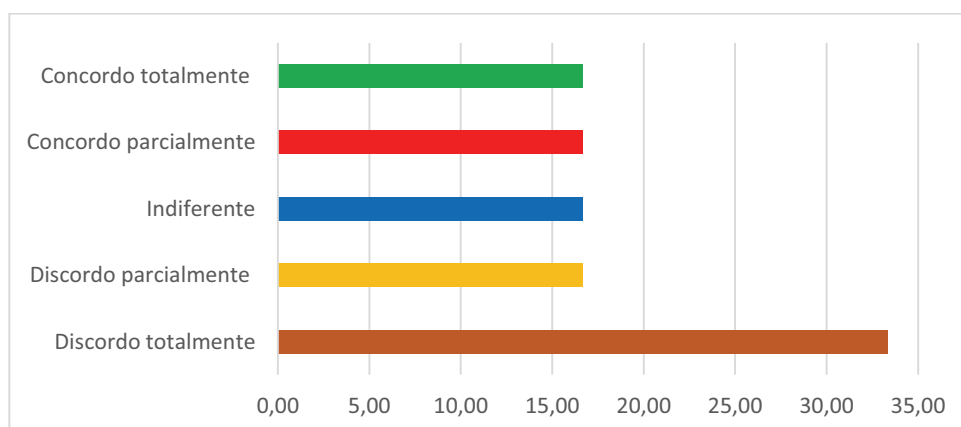
Em se tratando das regras claras por parte da instituição, ninguém concorda totalmente com essa afirmação ou é indiferente a ela. Metade concorda parcialmente, 16,7% discorda parcialmente e 33,3% discorda totalmente (Gráfico 107).

Gráfico 107: As regras da instituição não estão claras



Um terço discorda totalmente que a ausência de envolvimento por parte da coordenação e/ou direção possam ser causa da indisciplina, 16,7% discorda parcialmente, 16,7% é indiferente, 16,7% concorda parcialmente e 16,7% concordam totalmente (Gráfico 108)

Gráfico 108: Ausência de envolvimento por parte da coordenação e ou direção – Resposta do professor



3.2.8 Consequências da indisciplina na visão do professor

Na última questão foram apresentadas afirmações sobre quais seriam as consequências da indisciplina. O professor deveria avaliar cada item pela escala de *Likert*. Foram encontradas as seguintes respostas: 66,7% dos professores concorda totalmente que aluno indisciplinado tem sua aprendizagem prejudicada, 16,7% concordam parcialmente e 16,7% são indiferentes. Ninguém discordou parcial ou totalmente da afirmação (Gráfico 109). Metade dos professores concorda totalmente que a turma que convive com o aluno indisciplinado tem sua aprendizagem prejudicada, 16,7% concordam parcialmente, 16,7% são indiferentes e 16,7% discordam parcialmente. Ninguém discorda totalmente (Gráfico 110).

Gráfico 109: Aluno indisciplinado tem sua aprendizagem prejudicada – Resposta do professor

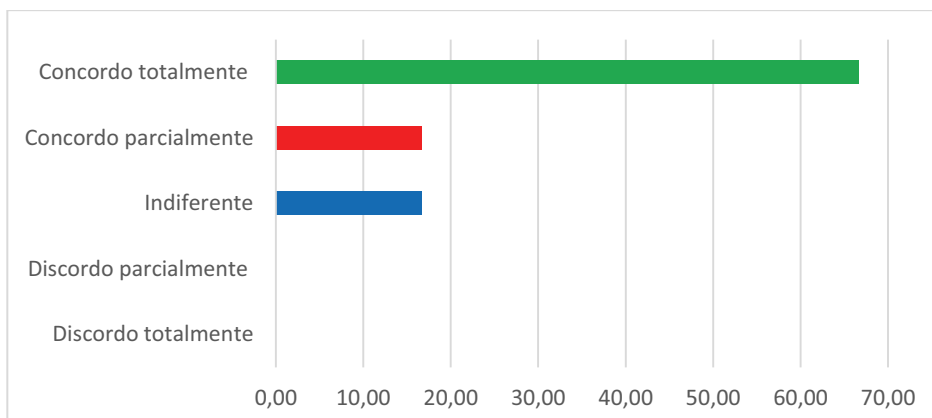
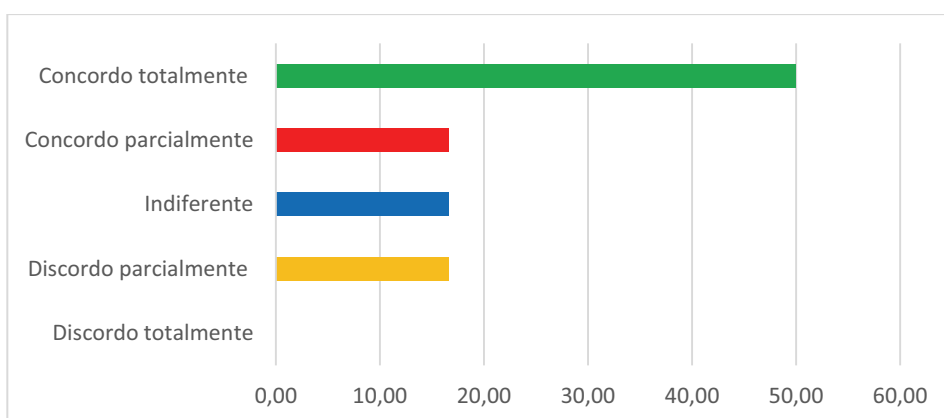


Gráfico 110: A turma é prejudicada quando há indisciplina na sala – Resposta do professor

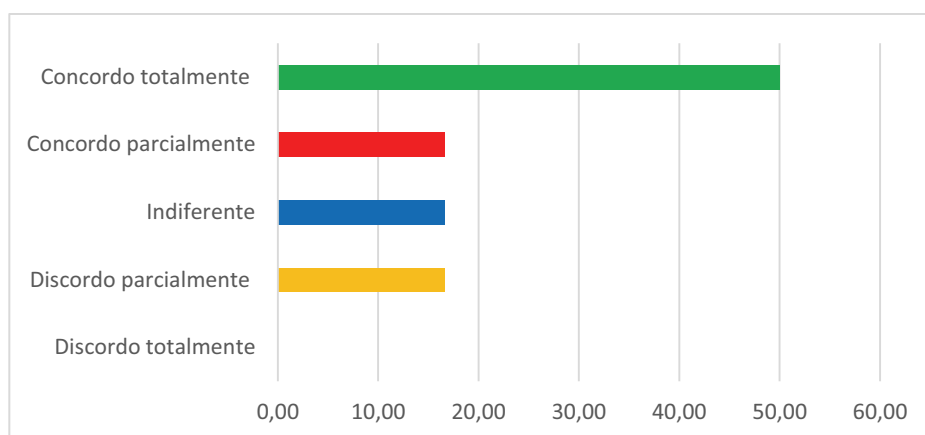


Quanto ao professor ter seu trabalho comprometido:

- 50% concorda totalmente,
- 16,7% concordam parcialmente,
- 16,7% são indiferentes e
- 16,7% discordam parcialmente.

Ninguém discorda totalmente (Gráfico 111).

Gráfico 111: Professor tem seu trabalho comprometido – Resposta do professor

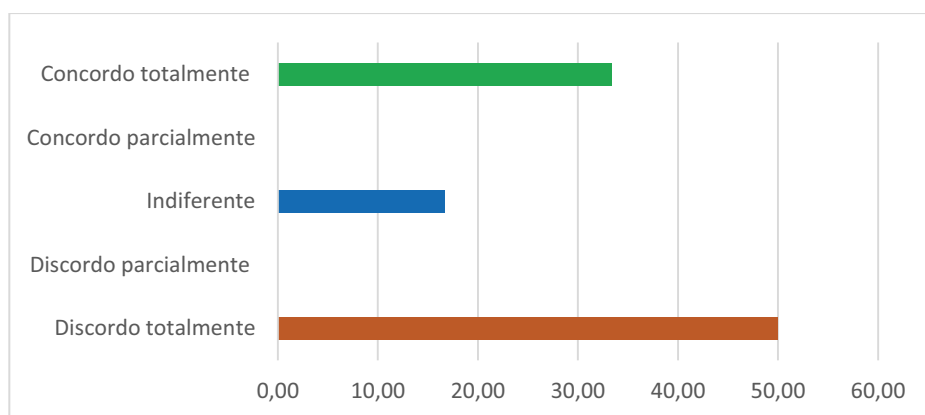


Em relação as consequências de aprendizagem do aluno:

- 50% discorda que não há consequências na aprendizagem,
- 16,7% é indiferente,
- 33,3% concorda totalmente.

Ninguém concorda ou discorda parcialmente dessa afirmação (Gráfico 112).

Gráfico 112: Não há consequências na aprendizagem do aluno – Resposta do professor

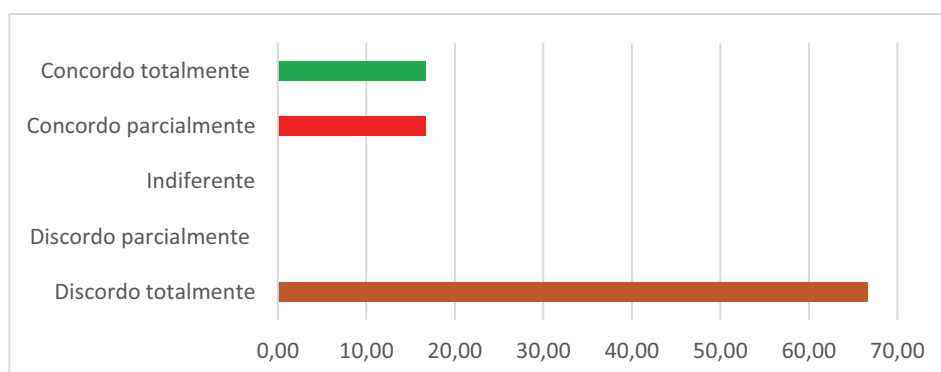


Quanto a indisciplina em sala não comprometer aprendizagem da turma:

- 66,7% discorda totalmente,
- 16,7% concordam parcialmente e
- 16,7% concordam totalmente.

Ninguém é indiferente ou discorda parcialmente (Gráfico 113).

Gráfico 113: Indisciplina em sala não compromete aprendizado da turma – Resposta do professor



No item que afirma que as ações de indisciplina por parte do aluno não comprometem a imagem da instituição, as respostas foram as seguintes:

- 66,7% dos professores discorda totalmente,
- 16,7% é indiferente,
- 16,7% concorda totalmente com a afirmação.

Ninguém discorda ou concorda parcialmente (Gráfico 114).

Já em relação a afirmação de que a indisciplina pode ser utilizada como veículo de mudança nas instituições, as respostas foram:

- 16,7% concordam totalmente,
- 33,3% concordam parcialmente,
- 16,7% é indiferente,
- 16,7% discorda parcialmente e
- 16,7% discorda totalmente (Gráfico 115).

Gráfico 114: Ações de indisciplina por parte do aluno não comprometem a imagem da instituição – Resposta do professor

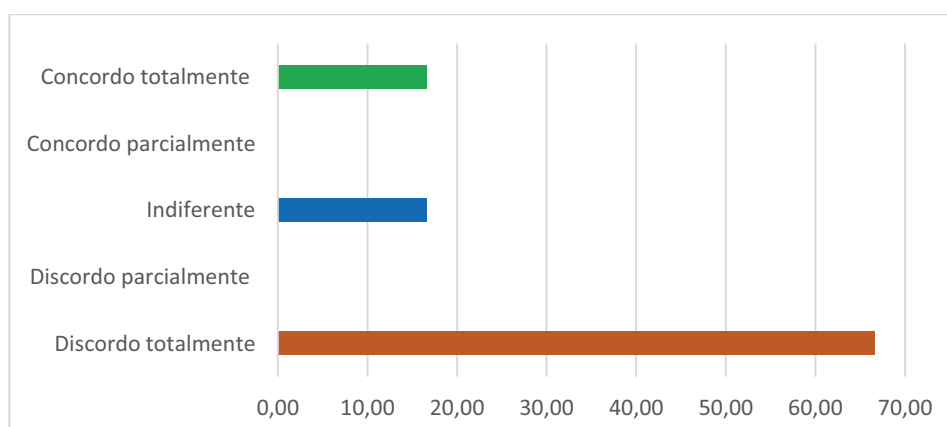
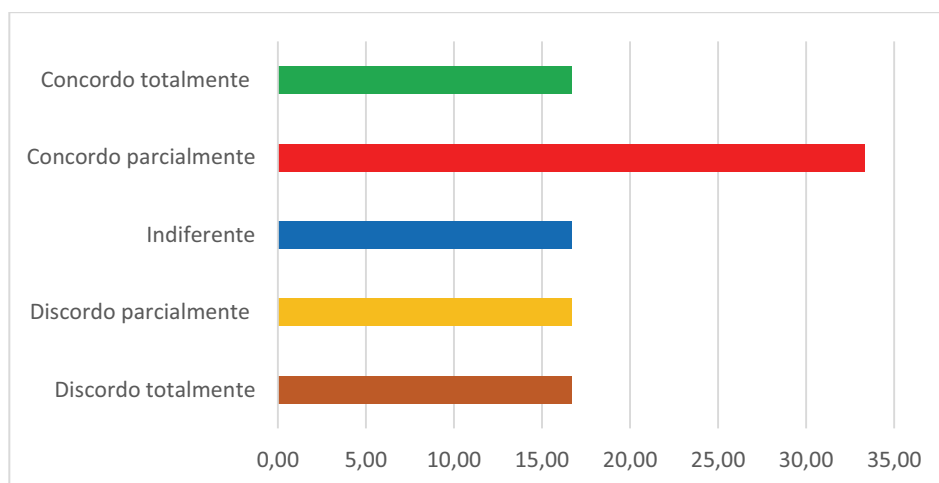


Gráfico 115: A indisciplina pode ser utilizada como veículo de mudança nas instituições – Resposta do professor

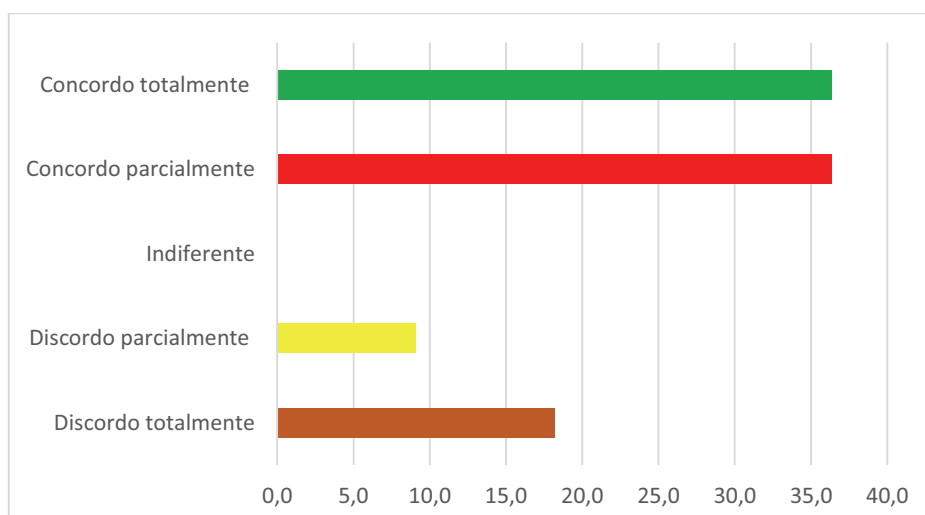


Em relação a indisciplina prejudicar o relacionamento entre professores e alunos as respostas foram as seguintes:

- 36,4% concordam totalmente,
- 36,4% concordam parcialmente,
- 9,1% discorda parcialmente,
- 18,2% discorda totalmente

Ninguém é indiferente. (Gráfico 116).

Gráfico 116: A indisciplina pode prejudicar o relacionamento entre professores e alunos



Comparando as respostas da questão número um entre alunos e professores percebe-se que a ideia do que é indisciplina tem pontos de desencontro entre os entrevistados.

Os itens de maior desacordo são: desatenção dentro de sala de aula é considerada pela maioria dos alunos como ato de indisciplina (72,8%), já dois terços dos professores estão indiferentes e apenas uma minoria dos professores acredita ser indisciplina (34,4%). A maior parte dos alunos acredita que desinteresse na aula é indisciplina (63,7%), enquanto um terço dos professores é indiferente ou discorda totalmente.

Usar o telefone em sala de aula atendendo ou efetuando ligações, enviando mensagens, é considerado ato de indisciplina pela maioria dos alunos, mas usar o *smartphone* para usar a internet não é quebra de regras. Os professores não concordam com os alunos e em sua maioria acreditam que o uso do celular em sala em qualquer modalidade é quebra de regras. Aqui fica claro que o advento das tecnologias vem se incorporando ao hábito do aluno e que a internet faz parte de suas vidas não sendo considerado como ato de indisciplina em nenhum momento pelos mesmos. Aqui, como citado por Estêvão (2008), é possível haver conflito quando as verdades pessoais e a individualidade viram ponto de conflito (Estêvão, 2008). Para uns, o uso da internet na sala não é ato infracional, mas faz parte de sua vivência; para outros, configura indisciplina. Guimarães (2011) também cita que as mudanças de valores da sociedade podem gerar alteração do ponto de vista sobre indisciplina (Guimarães e Negrão, 2011). Esse é um ponto que o uso de tecnologias pode ter acrescentado sobre o conceito de quebra de regras.

Também é diferente a opinião entre alunos e professores sobre o uso de shorts, camiseta sem manga, saia curta ou blusa decotada: para mais da metade dos alunos configura quebra de regras e 50% dos professores discordam totalmente dessa informação, sendo que a outra metade dos professores é indiferente a ela.

Quanto aos outros itens, a opinião fica parecida, tendo as seguintes respostas: a maioria dos alunos e dos professores percebem a inquietação na sala como indisciplina.

A grande maioria dos professores não encara a conversa durante a aula com bons olhos (83,3%); dos alunos 63,7% concordam de certa forma ser quebra das regras e o restante se divide em discordar e ser indiferente.

A maioria dos entrevistados, tanto de alunos, quanto professores, entende que tumultuar a aula com bagunça é indisciplina.

Mais de 80% dos entrevistados (alunos e professores) também vê o ato de causar dano ao patrimônio como quebra de regras.

Igualmente discutir com o professor, ameaçar colegas, entrar e sair da aula com frequência é de alguma forma ato de indisciplina.

Ameaçar ou ser grosseiro com o professor, tanto para alunos quanto para professores é ato de indisciplina com 100% dos entrevistados percebendo dessa forma. Ser grosseiro com alunos ou funcionários, dormir durante a aula, também é para maioria de alunos e professores uma infração das normas.

Para os professores que responderam ao questionário, agredir fisicamente colegas, funcionários ou professores é ato de indisciplina com 100% dos mesmos concordando totalmente com essa afirmação. Entre os alunos, 90,9% concordam com essa ideia, mas 9,1% se diz indiferente.

Para mais da metade dos entrevistados (alunos ou professores), chegar atrasado ou sair antes do término da aula, interromper a aula sem pedir licença e comer na sala de aula pode ser encarado como quebra de regras (Tabela 1).

Olhando para resposta de professores e alunos e considerando os pontos divergentes, já se identifica aí um motivo de conflito. A divergência de opinião gera ponto de tensão e certamente isso vai contribuir para indisciplina em sala de aula. As regras precisam estar claras; o diálogo, a construção de ambiente de aprendizado em conjunto e o estabelecimento de acordos podem diminuir o conflito (Rego, 1996; Vasconcelos, 2004; Foucalt, 1999 e Nkuansambu, 2016). Também é perceptível verificar que a mudança dos tempos e épocas acabam por estabelecer novas regras sociais e isso fica evidente quando alunos consideram normal o uso de celular em sala de aula (Benaletti, 2015; Martins, 2002, Oliveira, 2009).

Quando comparadas as ações que podem combater ou prevenir a indisciplina, professores e alunos tiveram respostas muito parecidas, concordando totalmente ou parcialmente que diálogo entre aluno e professor, maior tolerância por parte dos professores, melhor comunicação entre professor e aluno, regras mais claras por parte do professor e da instituição, motivação dos alunos por parte do professor, uso de tecnologia nas aulas, alunos mais participativos, professor melhor preparado e uso de aulas práticas são ações que podem auxiliar. Poucos se manifestaram contrários ou indiferentes a estes itens (Tabela 2).

Tabela 1: Os comportamentos abaixo são considerados atos de indisciplina. Respostas Aluno X Professor

	Atitudes	Aluno %					Professor %				
		DT	DP	I	CP	CT	DT	DP	I	CP	CT
1	Desatenção dentro da sala de aula	0	9,1	18,2	54,6	18,2	16,7	16,7	33,3	16,7	16,7
2	Inquietação durante a aula	0	9,1	27,3	45,5	18,2	16,7	0	16,7	33,3	33,3
3	Conversa	0	27,3	9,1	36,4	27,3	16,7	0	0	33,3	50
4	Tumultuar a aula com bagunça	0	0	9,1	17,3	63,6	0	16,7	0	50	33,3
5	Desinteresse na aula	0	9,1	27,3	18,2	45,5	33,3	0	33,3	16,7	16,7
6	Causar qualquer dano ao patrimônio	0	9,1	0	18,2	72,7	0	0	16,7	16,7	66,7
7	Discutir com o professor	0	9,1	9,1	18,2	63,6	0	0	16,7	0	83,3
8	Ameaçar colegas de turma	0	0	9,1	9,1	81,8	0	0	16,7	16,7	66,7
9	Ameaçar o professor	0	0	0	18,2	81,8	0	0	0	16,7	83,3
10	Ser grosseiro com o professor	0	0	0	9,1	90,9	0	0	0	16,7	83,3
11	Ser grosseiro com o colega	0	0	0	9,1	90,9	0	0	0	16,7	83,3
12	Ser grosseiro com o funcionário	0	0	0	9,1	90,9	0	0	16,7	16,7	66,7
13	Usar o telefone em aula (Efetuar ou atender ligações)	9,1	9,1	18,2	9,1	54,6	0	0	00	50	50
14	Usar os serviços de mensagem de celular	18,2	18,2	9,1	27,3	27,3	0	16,7	0	16,7	66,7
15	Usar internet de <i>smartphones</i>	36,4	18,2	9,1	18,2	18,2	0	16,7	0	50	33,3
16	Dormir durante a aula	9,1	18,2	0	36,4	36,4	0	0	33,3	33,3	33,3
17	Agredir fisicamente colega	0	0	9,1	0	90,9	0	0	0	0	100
18	Agredir fisicamente professor	0	0	9,1	0	90,9	0	0	0	0	100
19	Agredir fisicamente funcionário	0	0	9,1	0	90,9	0	0	0	0	100
20	Interromper a aula sem pedir licença	0	0	18,2	36,4	45,5	16,7	0	16,7	33,3	33,3
21	Comer durante a aula	18,2	9,1	36,4	18,2	9,1	16,7	0	33,3	33,3	16,7
22	Usar roupas como shorts , camisetas em manga, saias curtas ou blusas decotadas	9,1	0	27,3	27,3	36,4	50	0	50	0	0
23	Entrar e sair da sala com frequência	0	27,3	18,2	45,5	9,1	0	0	16,7	50	33,3
24	Chegar atrasado ou sair antes do termino da aula	0	18,2	18,2	27,3	36,4	0	16,7	33,3	33,3	16,7

DT: Discordo totalmente; DP: Discordo parcialmente; I: Indiferente; CP: Concordo totalmente; CT: Concordo totalmente

Autores como Possato (2016), Aquino (1996) Neves (2011) e Soares (2011) citam que o estabelecimento de comunicação e diálogo é uma forma de combater o conflito e, por conseguinte a indisciplina. Deixar as regras claras faz parte dessa comunicação. Estrela (1992) cita a indisciplina como possível sinal de alerta para apontar o despreparo do professor. Fica claro que inovar, ser criativo, deixar que as tecnologias façam parte da aula são formas de atenuar o atrito. A motivação pode ser gerada por novas formas de ensinar onde a participação do aluno no processo de ensino e aprendizagem pode leva-lo a cooperar com o processo (Moyses,1995 ; Neves 2011)

Tabela 2: Ações no combate / prevenção da indisciplina. Comparação respostas Aluno X Professor

	Ações no combate / prevenção da indisciplina	Aluno %					Professor %				
		DT	DP	I	CP	CT	DT	DP	I	CP	CT
1	Diálogo entre o aluno e o professor	0	0	9,1	18,2	72,7	0	0	0	16,7	83,3
2	Comportamento mais tolerante por parte do professor	0	9,1	9,1	45,5	36,4	0	0	0	33,3	66,6
3	Melhor comunicação entre professor e aluno	0	0	0	18,2	81,8	0	0	0	16,7	83,3
4	Regras mais claras por parte do professor	0	0	0	27,3	72,7	0	0	0	33,3	66,6
5	Regras mais claras por parte da instituição	0	0	9,1	18,2	72,7	0	0	16,7	33,3	50
6	Professor motivar o aluno	0	0	18,2	18,2	63,6	0	0	0	33,3	66,6
7	Aulas que utilizem a tecnologia (computadores, <i>tablets</i> e afins)	0	0	9,1	45,5	45,4	0	0	33,3	33,3	33,3
8	Aulas onde os alunos participem mais	0	0	18,2	18,2	63,6	0	0	0	16,7	83,3
9	Professor preparado com bastante conhecimento sobre a matéria	0	0	0	36,4	63,6	0	16,7	16,7	33,3	33,3
10	Uso de aulas práticas	0	0	0	36,4	63,6	0	16,7	0	33,3	50

DT: Discordo totalmente; DP: Discordo parcialmente; I: Indiferente; CP: Concordo totalmente; CT: Concordo totalmente

Quando questionados sobre as causas da indisciplina, 100% concordam totalmente ou parcialmente que educação familiar e problemas pessoais podem ser causas da indisciplina. A maioria dos alunos e professores também concorda parcial ou totalmente que aula desinteressante, professor sem didática, falta de planejamento de aula e despreparo do professor em lidar com situações difíceis, podem ser a causa de indisciplina.

As opiniões divergem quando o assunto é projeto pedagógico falho, falta de clareza das regras por parte da instituição e ausência de envolvimento por parte da coordenação e /ou direção. Metade dos professores se dizem indiferentes em relação ao projeto pedagógico enquanto 63,% dos alunos concorda parcial ou totalmente com a afirmação.

Metade dos professores discorda totalmente ou em parte e a outra metade concorda parcialmente que a falta de clareza nas regras da instituição causa indisciplina, já os alunos, quase metade discorda e a outra metade concorda.

Mais da metade dos professores discorda totalmente que a ausência de envolvimento por parte da coordenação e /ou direção são motivo para a indisciplina, enquanto 45,5 % dos alunos concorda parcial ou totalmente que é motivo (Tabela 3).

Em termos reflexivos, quando conhecer a causa faz parte de dar uma solução ao problema, a literatura deixa claro que a família é o primeiro local de estabelecimento da disciplina e que o aluno é reflexo de sua educação familiar (Rêgo, 1996). Também fica claro na literatura consultada que planejar aula, professores mais preparados, projeto pedagógico estabelecido e refeito com periodicidade, clareza de regras, instituição envolvida no processo de ensino e aprendizagem são formas de se combater a indisciplina (Aquino, 1996; Estrela, 1992; Jusviack, 2009; Neves, 2011; Nkuansambu, 2012; Soares, 2011). A maioria dos itens foram citados por alunos e professores, mas fica a observação de que parte dos professores não vê as falhas no processo pedagógico como algo importante e a maioria não percebe que se a direção e coordenação não estiver envolvida, o conflito certamente vai existir. Nascimento (2002) e Pimenta (2012) deixam claro que a direção precisa interagir com o corpo de educadores e promover o diálogo e combate à indisciplina. Nkuasambu cita que a inquietação do aluno e posturas incisivas do professor podem desencadear a indisciplina (Nkuasambu, 2011). Uma parte expressiva de professores e alunos (aproximadamente um terço deles) não percebe que a inquietação de alunos pode ser um problema.

Quando o assunto é relativo às consequências que a indisciplina provoca, alunos e professores concordam em sua maioria parcial ou totalmente que a indisciplina prejudica a aprendizagem do aluno, da turma, compromete o trabalho do professor e a imagem da instituição. Estrela (1992), Nascimento (2002), Oliveira (2009) mencionam o prejuízo gerado

pela indisciplina no processo de ensino e aprendizagem, interferindo no andamento da aula, na maneira que o professor transmite a aula, na atenção dos alunos, manutenção da ordem e interferindo no relacionamento entre as partes.

A maioria também concorda totalmente ou parcialmente que afeta a saúde do professor numa porcentagem maior de professores crendo nessa proposição que alunos. Oliveira (2009) refere que o professor é afetado emocionalmente, reduzindo sua capacidade de trabalho e perdendo até mesmo a vontade de ensinar. Também existe uma grande parte tanto de professores quanto de alunos, que acredita que a indisciplina prejudica o relacionamento entre professores e alunos. Tavares cita que o conflito entre professores e alunos pode gerar um desgaste no relacionamento dos mesmos (Tavares, 2012).

E a discordância ocorre no item que diz que a indisciplina pode ser usada como veículo de mudança nas instituições: apenas 9,1% dos alunos concorda parcialmente com essa afirmação contra 50% de professores que concordam parcial ou totalmente com essa proposição (Tabela 4). A literatura explicitada no referencial teórico deste trabalho cita que a indisciplina cria um ambiente desfavorável ao aprendizado, mas também há autores que entendem que o conflito é um meio de mudança e crescimento da instituição, sendo a divergência de ideias uma forma de compreender de forma diferente algum assunto e com isso criar e estabelecer novos processos, promovendo evolução. Oliveira (2009) adverte que a indisciplina se traduz em muito gasto de tempo na resolução da mesma em sala de aula, atrapalhando o processo de ensino e aprendizagem (Oliveira, 2009). Neves (2011) cita que o conflito é necessário e pode estimular a criatividade e o pensamento novo e que as diferenças podem possibilitar mudanças e entendimento. O resultado da pesquisa observa que a maioria entende que a indisciplina atrapalha na aprendizagem, mas não percebem que o conflito pode gerar crescimento. A maioria dos professores percebe que a indisciplina prejudica o relacionamento dos mesmos com os alunos. A maioria dos alunos também acredita nessa afirmação, mas uma quantidade expressiva de alunos discorda que o relacionamento entre alunos e professores é afetado.

Tabela 3: São a causa da indisciplina. Comparação respostas Aluno X Professor

	Item	Aluno %					Professor %				
		DT	DP	I	CP	CT	DT	DP	I	CP	CT
1	Educação familiar inadequada	0	0	0	45,5	54,6	0	0	0	50	50
2	Problemas pessoais do aluno	0	0	9,1	36,4	54,6	0	0	0	50	50
3	Projeto pedagógico falho	9,1	0	27,3	9,1	54,6	33,3	0	50	16,7	0
4	Aula desinteressante	0	0	18,2	36,4	45,5	0	16,7	16,7	33,3	33,3
5	Professor sem didática	0	9,1	9,1	36,4	45,5	0	16,7	16,7	33,3	33,3
6	Falta de planejamento da aula	0	9,1	18,2	27,3	45,5	0	0	16,7	66,6	16,7
7	Despreparo do professor para lidar com situações difíceis	9,1	0	36,4	9,1	45,5	0	16,7	0	50	33,3
8	As regras da instituição não são claras	18,2	27,3	9,1	18,2	27,3	33,3	16,7	0	50	0
9	Ausência de envolvimento por parte da coordenação e/ou direção	9,1	36,4	9,1	9,1	36,4	33,3	16,7	16,7	16,7	16,7

DT: Discordo totalmente; DP: Discordo parcialmente; I: Indiferente; CP: Concordo totalmente; CT: Concordo totalmente

Tabela 4: São consequências da indisciplina: Comparação respostas Aluno X Professor

	Consequências	Aluno %					Professor %				
		DT	DP	I	CP	CT	DT	DP	I	CP	CT
1	Aluno indisciplinado tem sua aprendizagem prejudicada	9,1	9,1	0	18,2	63,6	0	0	16,7	16,7	66,6
2	A turma que convive com aluno indisciplinado tem sua aprendizagem prejudicada	0	9,1	0	27,3	63,6	0	16,7	16,7	16,7	50
3	Professor tem seu trabalho comprometido	0	0	9,1	27,3	63,6	0	16,7	16,7	16,7	50
4	Professor tem sua saúde afetada	18,2	9,1	0	36,4	36,4	0	0	16,7	33,3	50
5	Não há consequências na aprendizagem do aluno	45,5	18,2	0	18,2	18,2	50	0	16,7	0	33,3
6	Indisciplina em sala de aula não compromete o aprendizado da turma	63,6	0	0	27,3	9,1	66,6	0	0	16,7	16,7
7	Ações de indisciplina não comprometem a imagem da instituição de ensino	63,6	0	18,2	9,1	9,1	66,6	0	16,7	0	16,7
8	A indisciplina pode ser usada como veículo para mudança pela instituição	63,6	18,2	9,1	9,1	0	16,7	16,7	16,7	33,3	16,7
9	Prejudica o relacionamento entre professores e alunos	18,2	9,1	0	36,4	36,4	0	0	0	33,3	66,7

DT: Discordo totalmente; DP: Discordo parcialmente; I: Indiferente; CP: Concordo totalmente; CT: Concordo totalmente

No ambiente da instituição estudada são observados por alunos e professores basicamente os mesmos comportamentos de indisciplina em sala de aula conforme tabela abaixo (Tabela 5).

Tabela 5: Comportamentos de Indisciplina – Alunos X Professores

	Atitude	Aluno %	Professor %
1	Desatenção dentro da sala de aula	81,8	83,3
2	Inquietação durante a aula	81,8	50
3	Conversa	100,0	66,6
4	Tumultuar a aula com bagunça	36,4	16,7
5	Desinteresse na aula	72,7	33,3
6	Causar qualquer dano ao patrimônio	0,0	0
7	Discutir com o professor	27,3	0
8	Ameaçar colegas de turma	0,0	0
9	Ameaçar o professor	0,0	0
10	Ser grosseiro com o professor	27,3	50
11	Ser grosseiro com o colega	18,2	33,3
12	Ser grosseiro com funcionários	9,1	16,7
13	Usar o telefone em sala de aula (atender ou efetuar chamada)	54,5	66,6
14	Usar serviços de mensagem do celular	72,7	83,3
15	Usar a internet de smartphones	63,6	100
16	Dormir durante a aula	54,5	33,3
17	Agredir fisicamente colegas	0,0	0
18	Agredir fisicamente professores	0,0	0
19	Agredir fisicamente funcionários	0,0	0
20	Interromper a aula sem pedir licença	45,5	16,7
21	Comer durante a aula	81,8	83,3
22	Usar roupas como shorts, camisetas sem manga, saias curtas ou blusas decotadas	36,4	33,3
23	Entrar e sair da sala com frequência	81,8	66,7
24	Chegar atrasado ou sair antes da hora	54,5	66,7
25	Outros, cite	0,0	0

Fica claro que a violência física mencionada por Possato (2016, Veiga (2007), Pimenta (2012) e Nascimento (2002) não é observada nesta instituição. No entanto, outras atitudes mencionadas em literatura são verificadas no ambiente estudado.

Tanto professores quanto alunos citaram as mesmas ações que são tomadas pelos professores diante de atos de indisciplina na sala de aula, dentre elas : chama a atenção do aluno, pede ao aluno que se retire da sala de aula, mantem-se dando aula e ignora a atitude do aluno, chama o aluno para uma conversa particular em outro momento, busca a direção ou coordenação imediatamente, em outro momento busca a direção ou coordenação para resolver o problema, adverte o aluno e avisa sobre possível correção disciplinar. Apenas os alunos citaram que o professor entra em embate com o aluno dentro da sala de aula.

A solução citada pelos autores estudados para se resolver o conflito tem como foco principal a comunicação. Neves (2011) explica que para lidar de forma correta com o conflito é preciso comunicação, clareza, tempo de ouvir claramente as partes sem que haja interrupção. Analisando os dados coletados, é possível chegar à conclusão de que é preciso estabelecer um consenso entre todos, onde o pensamento de cada envolvido seja avaliado e levado em consideração. Torrego (2003) e Possato (2016) citam que uma outra forma de resolver as divergências é escolher um mediador que irá negociar de forma imparcial e como conciliador, pode gerar acordo entre os envolvidos. (Torrego, 2003).

Nkuasambu (2012) e Neves (2011) mostram que é importante identificar a causa para assim poder solucionar o problema.

Na instituição estudada não fica claro que o diálogo e a negociação fazem parte do processo de solução do conflito. Algumas atitudes citadas pelos alunos até refletem algum autoritarismo quando a reação do professor se resume a pedir que o aluno se retire da sala. Também é citado pelo aluno que o professor algumas vezes fica indiferente à indisciplina e prossegue dando aula. Nenhuma das condutas auxiliará no combate à indisciplina; pelo contrário, a primeira pode incitar e /ou piorar o conflito e a segunda não vai contribuir para a melhora do processo de ensino e aprendizado. São comportamentos desaconselhados pelos autores consultados. Pimenta (2012) acredita que o enfrentamento traz reações mais fortes, Benaletti (2015) refere que condutas impostas só produzem mais atos de indisciplina. Posturas incisivas aliadas a um comportamento de inquietação, geram mais conflito. Fingir que o problema não existe é o mesmo que compactuar com ele. A indiferença não ajuda a solucionar a indisciplina, mas identificar a causa e buscar a solução, sim (Nkasuambu, 2012).

Apenas alunos foram questionados sobre se já se comportaram de forma indisciplinada dentro da aula e 27,3% disseram que sim contra 72,7% que disseram não ter se comportado dessa forma. Para os que afirmaram já ter se comportado indisciplinadamente, os motivos foram aula desinteressante, estava passando um dia difícil, não gostava da matéria ou por dificuldade em se organizar. Não citaram outros motivos mesmo tendo a oportunidade em fazê-lo. É

importante lembrar que foi citado por Guimarães (2011) e Estrela (1992), que fatores externos à escola, podem gerar indisciplina, dentre eles os problemas pessoais do aluno. Tal situação também está ligada ao fato de que se essa for a causa da indisciplina, a solução da mesma também é externa ao ambiente escolar.

Como organizações, as instituições de ensino superior podem ser avaliadas pelo olhar de várias escolas de administração, dentre as quais escolhemos citar o modelo burocrático de Weber, o modelo político e o modelo comunitário. O modelo burocrático avalia as instituições pela forma como se estabelece a formalização e hierarquização dos serviços, a escolha de funções e cargos e estruturação da liderança. Esse modelo é percebido na instituição de ensino pesquisada desde o momento onde se necessita de autorização para realizar a pesquisa, o contato com a direção para tal autorização, a necessidade de apoio da coordenação para realização da pesquisa e fundamentalmente as regras e normas criadas pela instituição que servirão de parâmetro para se avaliar a indisciplina.

Também os modelos de gestão político e comunitário nos ajudam a compreender a instituição onde se desenvolveu este estudo. Eles levam em consideração o indivíduo, percebendo-se a diferenciação entre as pessoas com pensamentos, culturas, nível social e econômico distintos, diversidade de interesses e, com isso, a possibilidade de conflito na convivência. É nesse ponto que os modelos político e comunitário se misturam e podem dar alguma explicação para os embates existentes dentro das instituições de ensino.

Esses modelos estão claros quando percebem a diferença de pensamento obtida nas várias questões. O modelo político pode ser um bom aliado quando se estuda o conflito, lembrando que a indisciplina passa pela diferença entre os indivíduos. Observando as respostas dadas em algumas questões relativas à indisciplina, percebe-se por exemplo, quando alguns professores referem que são indiferentes ao fato de que falta de atenção, o desinteresse por parte do aluno e projeto pedagógico falho podem gerar indisciplina.

Se avaliarmos essas respostas pelo olhar do modelo comunitário, percebe-se que falta pactuação de interesses e conformidade para estabelecimentos de ações. Da mesma forma, quando o aluno não acha que usar o celular em qualquer nível ou entrar e sair da sala a hora que quiser, chegar atrasado e se levantar antes da aula não configuram quebra de regras, certamente esse poderá ser um ponto de conflito iniciado na relação entre professor e aluno. Os modelos burocrático, político e comunitário podem mostrar que explicitar as regras estabelecidas e ter um diálogo maior entre as partes pode diminuir o conflito, e com isso, a indisciplina.

4 Conclusões

As instituições de ensino superior hoje existentes, são fruto das transformações ocorridas na sociedade ao longo da história. As formas de relacionamento entre os indivíduos, a cultura, a forma de organização da sociedade, o progresso tecnológico dentre outros, tiveram um grande impacto sobre o meio acadêmico. Esse pensamento é confirmado por Salvi (2017) e Martins (2002) que avaliam a mudança da conjuntura e sua influência sobre a educação. Vieira (2007) também cita que a insatisfação com o momento histórico pode ocasionar reflexos sobre a educação.

A indisciplina está presente nas instituições de ensino e é reconhecida por alunos e professores como existente em seu meio. No entanto, há divergência entre alguns aspectos que definem a indisciplina e também na forma de conduzir. Mesmo alunos e professores marcando uma série de itens que definiam como combater a indisciplina, não foram coerentes quando poderiam posteriormente citar os itens marcados em suas ações pessoais. A impressão é de que em dado momento, não está exatamente claro para alunos e professores o que são as regras estabelecidas e o que seria a quebra das mesmas.

Certamente as tecnologias mudam a forma de encarar as coisas e igualmente a definição do que é ou não quebra de regras. O uso de tecnologias se mostra parte integrante da vida das pessoas, de forma que as mesmas não perceberam que seu uso configura ato de indisciplina. A comunicação também foi desvirtuada por esse novo método, modificando a forma de se expor o que se pensa e o uso de equipamentos e internet para realizar essa comunicação. Assim, percebe-se de forma indireta que a mudança do conceito individual sobre indisciplina também traz alteração quanto à definição de indisciplina por parte de alunos e professores. O advento da internet também passa a fazer parte integrante do processo de ensino e aprendizagem, sendo incorporado pelo novo aluno como parte fundamental da sala de aula. O aluno quer participar mais, é mais antenado e se transforma também em alguém mais atuante dentro da sala de aula. A forma de relacionamento dos indivíduos, de fato, foi alterada pela evolução da tecnologia. Percebe-se, pelas respostas, tanto de alunos, quanto de professores, que os docentes, de maneira geral, não estão preparados para lidar com a indisciplina. Ainda há um desconforto gerado pelo conflito que não é suplantado pela mediação e gerenciamento de conflitos.

Na instituição estudada a indisciplina se revela através de atitudes. Dentre elas, a desatenção em sala de aula, inquietação, conversa, bagunça, desinteresse, discussão com professor, grosseria com funcionários, outros colegas e com o professor, uso de telefone atendendo e efetuando chamadas, enviando mensagens e usando internet em sala, dormir

durante a aula, interrupção da aula sem pedir licença, comer dentro da sala, uso de roupas inapropriadas, entrar e sair da sala com frequência e chegar atrasado. Esse panorama é citado por diversos autores, dentre eles Benaletti (2015), Estrela (1992), Silva (2014) entre outros.

Como causas, foram citados problemas pessoais, problemas na educação familiar, projeto pedagógico falho, aula desinteressante, professor sem didática, falta de planejamento de aula, despreparo do professor para lidar com situações difíceis, regras não claras por parte de professores e da instituição, ausência de envolvimento por parte da direção e / ou coordenação e por parte de familiares. Conforme relatado por Nkusuambu (2012), esses itens descritos aqui são de fato causa da indisciplina. O autor refere que a falha na comunicação, ausência de programa de educação continuada para professores, projeto pedagógico mal planejado e carência de informação pode ser instrumentos geradores de indisciplina. Essa falta de clareza de informações também é citada por Neves (2011) como causadora de conflitos. Há uma certa divergência entre alunos e professores quanto à importância de cada item. E essa divergência, carregada de verdades pessoais, pode gerar discordância e conflito. Possato (2016) e Leitão (2006) referem como a individualidade pode gerar lados opostos. Estêvão (2018) também mostra como o confronto pode advir das diferenças pessoais.

O impacto sobre o processo de ensino e aprendizagem existe e é percebido pela maioria de alunos e professores atrapalhando o aprendizado do aluno que comete a indisciplina e de toda a turma envolvida, comprometendo o trabalho do professor, sua saúde bem como a imagem da instituição.

A reação dos professores à indisciplina se traduz em chamar a atenção, pedir ao aluno para se retirar, discussão com o aluno dentro da sala, conversa em particular em outro momento, chamar a direção e ou coordenação para conversar com o aluno na hora ou em outro momento, advertência sobre possíveis sanções disciplinares ou ficar indiferente ao fato e manter-se dando aula.

Para solucionar o conflito foram citados o diálogo, comportamento mais tolerante por parte do professor, melhor comunicação mantendo as regras claras em relação ao que o professor deseja e o que a instituição define como normativa, professores motivarem mais os alunos, aulas que usem mais tecnologia, aulas mais participativas, professores melhor preparados e uso de aulas práticas. Tais afirmações se fazem presentes nas citações de Nkusuambu (2012) que refere a necessidade de programas de educação continuada para os professores e adequação no planejamento.

Parte dos alunos confessa que já cometeu atos de indisciplina.

Fica claro que a indisciplina está presente na instituição pesquisada e confirma o que Nascimento (2002) refere quando relata que a sociedade não está preparada para lidar com o conflito. Há interferência no processo de ensino e aprendizagem e isso é percebido pela maioria. Mas é possível usar os dados colhidos para traçar um planejamento de ação em relação ao conflito. Sem dúvida nenhuma, o diálogo, uma melhor comunicação, deixar claro as regras sobre os limites de cada um e inserir cada vez mais a tecnologia no processo de ensino e aprendizagem, podem dar novos ares à instituição de ensino. Manter os professores atualizados e também modernizar os projetos pedagógicos vão oxigenar o processo de ensino e aprendizagem. A coordenação e direção também precisa participar do diálogo. Atos de indisciplina devem ser tratados por todos os envolvidos com o ambiente escolar. Tudo isso deve envolver a comunidade local e os alunos. Manter como um dos objetivos, projetos sociais onde conhecer a realidade local, aplicar o que se ensina de forma a dar retorno para a região onde se encontra a instituição, auxiliar o indivíduo a exercer sua cidadania e alcançar o mercado de trabalho estejam presentes, também trazem uma melhora no diálogo entre professores, alunos, comunidade e a instituição.

5 Considerações Finais

Sem dúvida nenhuma a indisciplina está presente nas instituições de ensino superior. Sua causa é multifatorial e o entendimento do que seja indisciplina varia de pessoa para pessoa. A definição do que seja entendido como atitude indisciplinar também muda com o tempo e é influenciada pela conjuntura e pelos hábitos, costumes, cultura e crenças estabelecidas pela sociedade.

A complexidade de eventos que são gerados pela indisciplina são fruto dessa diversidade existente na humanidade (pensamentos, compreensões, educação familiar) que associado às condições próprias da instituição como processo pedagógico falho, aula desinteressante, professor sem didática e sem reciclagem, falta de clareza das regras estabelecidas pelo professor e pela instituição, falta de envolvimento da coordenação e /ou direção, vão levar ao conflito.

O novo aluno modifica-se rapidamente através da evolução da sociedade que se faz de forma igualmente rápida. Aprender a lidar com o conflito envolve comunicação eficiente e mediação. A gestão de conflitos precisa fazer parte da formação do professor. Entender o mecanismo da indisciplina, suas causas e seus impactos sobre a educação é fundamental para que os educadores não fiquem indiferentes à sua existência.

Após todas as leituras e depois de chegar as conclusões aqui citadas, é perceptível que precisa surgir um novo professor que possa conviver e trabalhar melhor com o novo aluno já existente.

Também fica claro que a indisciplina, mesmo sendo um assunto complexo que envolve muitas variáveis, pode ser usada para construção de um novo caminho quando bem administrada.

No entanto, é perceptível que solucionar conflitos passa pela negociação das diferenças e que o resultado precisa ser bom para ambas as partes; assim, não se pode permitir que uma das partes saia lesada nesse processo de negociação. E é sempre bom lembrar que a disciplina em si mesma é uma excelente aliada para instituição, professores, alunos e comunidade porque delimita espaços e deixa claro regras que precisam ser seguidas para a boa convivência em sociedade e também para se alcançar metas e objetivos traçados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aquino, J. G. (2003). *Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas*. São Paulo. Editora Moderna.
- Arantes, A. R. V. (2015). Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na sala de aula: uma análise da realidade. *De Magistro de Filosofia*. 8(15), páginas 124-141.
- Araújo, A. G. (2012). Ensaio sobre a universidade e sua função social. *Revista de Filosofia da UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia*. 1(1), páginas 38-47.
- Banaletti, S. M. M.; Dametto, J. (2015). Indisciplina no contexto escolar: causas, consequências e perspectivas de intervenção. *REI – Revista de Educação do Ideau*. 10(22), páginas 1-15.
- Brasil, Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal; Centro Gráfico.
- Costa, E. B.; Rauber, P. (2009). História da Educação: surgimento e tendências atuais da universidade no Brasil. *Revista Jurídica UNIGRAN*. Páginas 241-253.
- Estêvão, C.V. (2008). Educação, conflito e convivência democrática. *Revista Ensaio. Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 16(61), páginas 503-514.
- Estêvão, C.V. (2018). *Repensar a escola com organização. A escola como lugar de vários mundos*. São Luis, Brasil. Editora Laboro.
- Estrela, M.T. (1992). *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Foucault, M. (1999). *Vigiar e Punir. Nascimento da Prisão*. Petrópolis. Editora Vozes.
- Jusviack, A. (2009). *Focos e enfoques da indisciplina*. Retirado de http://adm.online.unip.br/img_ead_dp/31515.PDF
- Larrosa, J. (2018). *Esperando não se sabe o quê. Sobre o Ofício de professor*. Belo Horizonte. Autêntica Editora.
- Leitão, S. P.; Fortunato, G.; Freitas, A. S. (2006). Relacionamentos interpessoais e emoções nas organizações: uma visão biológica. *Revista de Administração Pública*. 40(5), páginas 883-907.
- Martins, A. C. P. (2002). Ensino superior no Brasil: da descoberta aos dias atuais. *Acta Cirúrgica Brasileira*, 17(3). Páginas 3-7.
- Moyses, L. (1995). *O desafio de saber ensinar*. Campinas – SP. Editora Papirus.
- Nascimento, E. M.; El Sayed, K. M. (2012). *Administração de Conflitos*. Curitiba: Editora Gazeta do Povo.

- Negrão, A. V. G.; Guimarães, J. L. (2012). *A indisciplina e a violência escolar*. Retirado em <http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2004/artigos/eixo7/aindisciplina.pdf>
- Neves, T.; Malafaia, C.; Silvestre, A. R.; Castelo, A. L. (2012). *Gestão de Conflitos: uma experiência, um guia*. Legis Editora, Porto.
- Nkuansambu, A.(2012). O conflito no ambiente escolar. *Psicologia escolar*. Retirado de: <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-escolar/o-conflito-no-ambiente-escolar>
- Oliveira, N. (2009). Indisciplina no ensino superior: percepções e experiências de professores. *Revista de Educação*. 12(13), páginas 71-90.
- Paini, L. D.; Costa, L. P. (2016). A função social da universidade na contemporaneidade: algumas considerações. *Revista Eventos Pedagógicos*. 7(1), páginas 59-72.
- Pereira, A. N. (2005). Indisciplina na aula. Uma revisão bibliográfica de autores portugueses. *Revista Lusófona de Educação*. 5(5), páginas 192-198. Retirado de http://recil.ulusofona.pt/bitstream/handle/10437/1420/Educacao05.pdf_Pereira.pdf?sequence=1
- Pimenta, K. G., Louzada, S. S. S. (2012) A indisciplina na percepção de educadores e algumas possibilidades. *Revista e-PED - FACOS/CNEC Osório*, 2(1), páginas 18-29.
- Possato, B. C.; Rodrigues Hidalgo, A. J; Ortega Ruiz, R.; Zan D. D. P. (2016). O mediador de conflitos escolares: experiência na América do Sul. *Psicologia Escolar e Educacional*. 20(2), páginas 357-366.
- Rego, T.C. (1996). *A indisciplina e o processo educativo: uma análise vygotskiana*. São Paulo. Editora Summus.
- Ribeiro, P. R. M. (1993). História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. *Revista Paidéia*, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Páginas 15-28. Retirado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X1993000100003&script=sci_abstract&tlng=pt.
- Salvi, V.L.; Salvi, I. L.; Battini, O. (2015). Indisciplina em sala de aula: fatores determinantes. *Educere – XII Congresso Nacional de Educação*. PUCPR. Páginas 25479-25494.
- Sampaio, H. (1991) *Evolução do ensino superior brasileiro (1808-1990)*. Documento de Trabalho 8/91. Núcleo de Pesquisa sobre Ensino Superior da Universidade de São Paulo. Páginas 2-30.
- Santos,A.P.; Cerqueira, E.A.(2009). Ensino Superior: trajetória e políticas recentes. *IX Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul*. 25 a 27/11/2009. Florianópolis - Brasil. Retirado de : <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/35836/EnsinoSuperiortrajetoriahistoricaepoliticarecentes.pdf?sequence=1>
- Secchi, L. (2009). Modelos organizacionais e reformas da administração pública. *Revista de Administração Pública*.43(2), páginas 347-369.

- Silva, G. B. (2014). *O papel da motivação para a aprendizagem escolar*. (Monografia de Especialização, Universidade Estadual da Paraíba). Retirado de <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/9644/1/PDF%20-%20Geruza%20Barbosa%20da%20Silva.pdf>
- Soares, S.; Cunha, M. I. (2010). *Formação de professores: a docência universitária em busca de legitimidade*. Salvador: EDUFBA.
- Tavares, T. S. C. (2012). *Indisciplina escolar e sua influência no aprendizado*. (Monografia de especialização, Universidade Federal Tecnológica do Paraná). Retirado em http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2293/1/MD_ENSCIE_III_2012_80.pdf
- Torrego, J. C. (2003). *Mediação de Conflitos em Instituições Educativas. Manual para formação de mediadores*. Porto: Edições ASA.
- Vasconcellos, C. S. (2004). *Indisciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. São Paulo. Libertad Editora.
- Veiga, F. H. (2007). *Indisciplina e violência na escola: práticas comunicacionais para professores e pais*. Coimbra. Edições Almedina.
- Vieira, S. V. (2007). A educação nas constituições brasileiras: texto e contexto. *Revista brasileira de estudos pedagógicos*. 88(219), páginas 291-309.
- Weber, M. (2004). *Economia e Sociedade. Fundamentos da Sociologia Compreensiva*. Volume 2. São Paulo. Editora UnB.
- Zagury, T. (2018). *Pensando Educação (com os pés no chão)*. Rio de Janeiro. Editora Rocco.

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: **REVOLUÇÃO SILENCIOSA: O NOVO ALUNO - UMA ANÁLISE DO IMPACTO DA INDISCIPLINA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

A JUSTIFICATIVA, OS OBJETIVOS E OS PROCEDIMENTOS: O motivo que nos leva a estudar o problema é o crescente número de reclamações acerca da indisciplina nas instituições de nível superior. A pesquisa se justifica pelos impactos que a indisciplina causa ao processo de ensino e aprendizagem e a todos os envolvidos (alunos e professores). O objetivo desse projeto é avaliar e entender esse impacto, elencar as causas da indisciplina em instituições de nível superior, analisar os tipos e motivos da indisciplina, verificar o impacto da indisciplina no processo pedagógico, apurar como são as reações dos professores e alunos diante da mesma.

O(os) procedimento(s) de coleta de dados será através do preenchimento de questionário com questões objetivas

DESCONFORTOS E RISCOS E BENEFÍCIOS: Existe um desconforto e risco mínimo para você que se submeter à coleta dos dados no que se refere ao tempo gasto para preencher o questionário, sendo que o mesmo se justifica pelo benefício que essa pesquisa pode trazer ao meio acadêmico, auxiliando na condução dos impactos da indisciplina sobre o processo de ensino e aprendizagem.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

O(s) pesquisador(es) irá(ão) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Caso deseje, os resultados serão enviados para você e permanecerão confidenciais. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não

será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será fornecida a você.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS

DANOS: A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

Cinto do exposto,

Brasília, _____ de _____ de 2018

Nome	Assinatura do Participante	Data
Nome	Assinatura do Pesquisador	Data
Nome	Assinatura da Testemunha	Data

ANEXO II

QUESTIONÁRIO – ALUNO

I. IDENTIFICAÇÃO

1. Gênero :

☐ Masculino ☐ Feminino

2. Faixa etária:

☐ 15 a 25 anos
☐ 26 a 35 anos
☐ 36 a 45 anos
☐ 46 a 55 anos
☐ acima de 56 anos

3. Semestre na faculdade

☐ 1º ☐ 2º ☐ 3º ☐ 4º ☐ 5º ☐ 6º ☐ 7º ☐ 8º

II. SOBRE A INDISCIPLINA

1. Avalie os comportamentos abaixo que você considera atos de indisciplina.

Observação: Responda cada item das questões abaixo considerando a seguinte escala (1.Discordo totalmente 2.Discordo parcialmente 3. Indiferente 4. Concordo parcialmente e 5. Concordo totalmente)

	Atitude	Escala				
		1	2	3	4	5
1	Desatenção dentro da sala de aula					
2	Inquietação durante a aula					
3	Conversa					
4	Tumultuar a aula com bagunça					
5	Desinteresse na aula					
6	Causar qualquer dano ao patrimônio					
7	Discutir com o professor					
8	Ameaçar colegas de turma					
9	Ameaçar o professor					
10	Ser grosseiro com o professor					
11	Ser grosseiro com o colega					
12	Ser grosseiro com funcionários					
13	Usar o telefone em sala de aula (atender ou efetuar chamada)					
14	Usar serviços de mensagem do celular					
15	Usar a internet de smartphones					
16	Dormir durante a aula					
17	Agredir fisicamente colegas					
18	Agredir fisicamente professores					

19	Agredir fisicamente funcionários					
20	Interromper a aula sem pedir licença					
21	Comer na sala de aula					
22	Usar roupas como shorts, camisetas sem manga, saias curtas ou blusas decotadas					
23	Entrar e sair da sala com frequência					
24	Chegar atrasado ou sair antes da hora					

() Outros , Quais _____

2. Dos comportamentos já mencionados, quais você observa com frequência na sua sala de aula? (pode marcar quantos achar que se encaixam na resposta)

	Atitude	
1	Desatenção dentro da sala de aula	
2	Inquietação durante a aula	
3	conversa	
4	Tumultuar a aula com bagunça	
5	Desinteresse na aula	
6	Causar qualquer dano ao patrimônio	
7	Discutir com o professor	
8	Ameaçar colegas de turma	
9	Ameaçar o professor	
10	Ser grosseiro com o professor	
11	Ser grosseiro com o colega	
12	Ser grosseiro com funcionários	
13	Usar o telefone em sala de aula (atender ou efetuar chamada)	
14	Usar serviços de mensagem do celular	
15	Usar a internet de smartphones	
16	Dormir durante a aula	
17	Agredir fisicamente colegas	
18	Agredir fisicamente professores	
19	Agredir fisicamente funcionários	
20	Interromper a aula sem pedir licença	
21	Comer na sala de aula	
22	Usar roupas como shorts, camisetas sem manga, saias curtas ou blusas decotadas	
23	Entrar e sair da sala com frequência	
24	Chegar atrasado ou sair antes da hora	
25	Outros, cite	

3 Avalie as ações abaixo e considerando a escala (1.Discordo totalmente 2.Discordo parcialmente 3. Indiferente 4. Concordo parcialmente e 5. Concordo totalmente) marque abaixo o nível de importância das ações citadas na prevenção da indisciplina.

	Atitude	Escala				
		1	2	3	4	5
1	Diálogo entre o aluno e o professor					

2	Comportamento mais tolerante por parte do professor					
3	Melhor comunicação entre professor e aluno					
4	Regras claras por parte do professor					
5	Regras claras por parte da instituição					
6	Professor motivar aluno					
7	Aulas que utilizem a tecnologia (computador, tablets e afins)					
8	Aulas mais participativas					
9	Professor preparado com bastante conhecimento sobre a matéria					
10	Uso de aulas práticas					
11	Outro, cite					

4. Como os professores tratam a indisciplina na sala de aula? Assinale quantas desejar.

	Atitude	
1	Chama a atenção do aluno	
2	Pede ao aluno que se retire da sala	
3	Mantem-se dando aula e ignora a atitude do aluno	
4	Chama o aluno para uma conversa particular em outro momento	
5	Quando o aluno se comporta mal, o professor busca a direção ou coordenação imediatamente em busca de solução	
6	O professor chama em outro momento a coordenação e/ou direção para resolver o problema	
7	O professor adverte o aluno e o avisa sobre possível correção disciplinar	
8	O professor entra em embate com o aluno dentro da sala de aula	
9	Outro, cite	

5. Abaixo, verifique as consequências geradas como fruto da indisciplina. Utilize a escala: (1.Discordo totalmente 2.Discordo parcialmente 3. Indiferente 4. Concordo parcialmente e 5. Concordo totalmente)

	Atitude	Escala				
		1	2	3	4	5
1	Aluno indisciplinado tem sua aprendizagem prejudicada					
2	A turma que convive com aluno indisciplinado tem sua aprendizagem prejudicada					
3	Professor tem seu trabalho comprometido					
4	Professor sem sua saúde afetada					
5	Não há consequências na aprendizagem do aluno					
6	Indisciplina em sala de aula não compromete o aprendizado da turma					
7	Ações de indisciplina não comprometem a imagem da instituição de ensino					
8	A indisciplina pode ser utilizada como veículo de mudança nas instituições					

9	A indisciplina gera uma dificuldade de relacionamento entre o aluno e o professor					
10	Outro: Cite:					

6. O que você julga serem os motivos da indisciplina em sala de aula? Avalie considerando a escala (1.Discordo totalmente 2.Discordo parcialmente 3. Indiferente 4. Concordo parcialmente e 5. Concordo totalmente) marque abaixo o nível de importância das ações citadas na prevenção da indisciplina.

	Atitude	Escala				
		1	2	3	4	5
1	Educação familiar inadequada					
2	Problemas pessoais do aluno					
3	Projeto pedagógico falho					
4	Aula desinteressante					
5	Professor sem didática					
6	Falta de planejamento da aula					
7	Despreparo do professor para lidar com situações difíceis					
8	As regras da instituição não são claras					
9	Ausência de envolvimento por parte da coordenação direção					
10	Outro, cite:					

7. Você já cometeu algum ato de indisciplina

() Sim () Não

8. Em caso positivo, qual foi o motivo?

	Atitude	
1	Aula desinteressante	
2	Estava passando um dia difícil	
3	Não gosta da matéria que faz	
4	Tem dificuldade em se organizar	
5	Não há um motivo	
6	Outros, cite	

Obrigada por contribuir, suas respostas são de muita valia para a pesquisa.

ANEXO III

QUESTIONARIO – PROFESSOR

I – IDENTIFICAÇÃO

1. Gênero :
☐ Masculino ☐ Feminino
2. Faixa etária:
☐ 25 a 35 anos
☐ 36 a 45 anos
☐ 46 a 55 anos
☐ acima de 56 anos
3. Vínculo profissional:
☐ Autônomo ☐ CLT
4. Anos de docência:
☐ menos de 5 anos
☐ de 5 a 10 anos
☐ de 11 a 20 anos
☐ mais de 20 anos
5. Anos de serviço na instituição:
☐ menos de 5 anos
☐ de 5 a 10 anos
☐ de 11 a 20 anos
☐ mais de 20 anos

II – SOBRE A INDISCIPLINA

1 . Responda sobre os comportamentos abaixo como os mesmos se classificam dentro de atos de indisciplina:

Observação: Responda cada item das questões abaixo considerando a seguinte escala (1.Discordo totalmente 2.Discordo parcialmente 3. Indiferente 4. Concordo parcialmente e 5. Concordo totalmente)

	Atitude	Escala				
		1	2	3	4	5
1	Desatenção dentro da sala de aula					
2	Inquietação durante a aula					
3	Conversa					
4	Tumultuar a aula com bagunça					

5	Desinteresse na aula					
6	Causar qualquer dano ao patrimônio					
7	Discutir com o professor					
8	Ameaçar colegas de turma					
9	Ameaçar o professor					
10	Ser grosseiro com o professor					
11	Ser grosseiro com o colega					
12	Ser grosseiro com funcionários					
13	Usar o telefone em sala de aula (atender ou efetuar chamada)					
14	Usar serviços de mensagem do celular					
15	Usar a internet de smartphones					
16	Dormir durante a aula					
17	Agredir fisicamente colegas					
18	Agredir fisicamente professores					
19	Agredir fisicamente funcionários					
20	Interromper a aula sem pedir licença					
21	Comer na sala de aula					
22	Usar roupas como shorts, camisetas sem manga, saias curtas ou blusas decotadas					
23	Entrar e sair da sala com frequência					
24	Chegar atrasado ou sair antes da hora					
25	Outro, cite					

2. Dos comportamentos já mencionados, quais você observar com frequência na sua sala de aula? (pode marcar quantos achar que se encaixam na resposta)

	Atitude	
1	Desatenção dentro da sala de aula	
2	Inquietação durante a aula	
3	Conversa	
4	Tumultuar a aula com bagunça	
5	Desinteresse na aula	
6	Causar qualquer dano ao patrimônio	
7	Discutir com o professor	
8	Ameaçar colegas de turma	
9	Ameaçar o professor	
10	Ser grosseiro com o professor	
11	Ser grosseiro com o colega	
12	Ser grosseiro com funcionários	
13	Usar o telefone em sala de aula (atender ou efetuar chamada)	
14	Usar serviços de mensagem do celular	
15	Usar a internet de smartphones	
16	Dormir durante a aula	
17	Agredir fisicamente colegas	
18	Agredir fisicamente professores	
19	Agredir fisicamente funcionários	
20	Interromper a aula sem pedir licença	

21	Comer na sala de aula	
22	Usar roupas como shorts, camisetas sem manga, saias curtas ou blusas decotadas	
23	Entrar e sair da sala com frequência	
24	Chegar atrasado ou sair antes da hora	
25	Outros, cite	

3. Avalie as ações abaixo e considerando a escala (1.Discordo totalmente 2.Discordo parcialmente 3. Indiferente 4. Concordo parcialmente e 5. Concordo totalmente) marque abaixo o nível de importância das ações citadas na prevenção da indisciplina.

	Atitude	Escala				
		1	2	3	4	5
1	Diálogo entre o aluno e o professor					
2	Comportamento mais tolerante por parte do professor					
3	Melhor comunicação entre professor e aluno					
4	Regras claras por parte do professor					
5	Regras claras por parte da instituição					
6	Professor motivar aluno					
7	Aulas que utilizem a tecnologia (computador, tablets e afins)					
8	Aulas mais participativas					
9	Professor preparado com bastante conhecimento sobre a matéria					
10	Uso de aulas práticas					
11	Outro, cite					

4. Como você trata a indisciplina na sala de aula? Assinale quantas desejar.

	Atitude	
1	Chama a atenção do aluno	
2	Pede ao aluno que se retire da sala	
3	Mantem-se dando aula e ignora a atitude do aluno	
4	Chama o aluno para uma conversa particular em outro momento	
5	Quando o aluno se comporta mal, o professor busca a direção ou coordenação imediatamente em busca de solução	
6	O professor chama em outro momento a coordenação e/ou direção para resolver o problema	
7	O professor adverte o aluno e o avisa sobre possível correção disciplinar	
8	O professor entra em embate com o aluno dentro da sala de aula	
9	Outro, cite	

5. Abaixo, avalie os itens em relação as consequências geradas como fruto da indisciplina. Utilize a escala: (1.Discordo totalmente 2.Discordo parcialmente 3. Indiferente 4. Concordo parcialmente e 5. Concordo totalmente)

	Atitude	Escala				
		1	2	3	4	5
1	Aluno indisciplinado tem sua aprendizagem prejudicada					
2	A turma que convive com aluno indisciplinado tem sua aprendizagem prejudicada					
3	Professor tem seu trabalho comprometido					
4	Professor sem sua saúde afetada					
5	Não há consequências na aprendizagem do aluno					
6	Indisciplina em sala de aula não compromete o aprendizado da turma					
7	Ações de indisciplina não comprometem a imagem da instituição de ensino					
8	A indisciplina pode ser utilizada como veículo de mudança nas instituições					
9	A indisciplina gera uma dificuldade de relacionamento entre o aluno e o professor					
10	Outro. Cite:					

6. O que você julga serem os motivos da indisciplina em sala de aula? Avalie considerando a escala (1.Discordo totalmente 2.Discordo parcialmente 3. Indiferente 4. Concordo parcialmente e 5. Concordo totalmente) marque abaixo o nível de importância das ações citadas na prevenção da indisciplina.

	Atitude	Escala				
		1	2	3	4	5
1	Educação familiar inadequada					
2	Problemas pessoais do aluno					
3	Projeto pedagógico falho					
4	Aula desinteressante					
5	Professor sem didática					
6	Falta de planejamento da aula					
7	Despreparo do professor para lidar com situação difíceis					
8	As regras da instituição não são claras					
9	Ausência de envolvimento por parte da coordenação direção					
10	Outro, cite:					

Obrigada por contribuir, suas respostas são de muita valia para a pesquisa.